



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

CRISTIANO CURTIS ELIASSIM

**LÉXICO RELATIVO ÀS PROFISSÕES DE TROPEIROS E CONDUTORES DE
GADO EM *TROPAS E BOIADAS*, DE HUGO DE CARVALHO RAMOS**

CATALÃO – GO

2014

CRISTIANO CURTIS ELIASSIM

**LÉXICO RELATIVO ÀS PROFISSÕES DE TROPEIROS E CONDUTORES DE
GADO EM *TROPAS E BOIADAS*, DE HUGO DE CARVALHO RAMOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, cultura e Identidade

Linha de Pesquisa: Língua, Linguagens e Cultura

Orientador: Prof^o Dr. Braz José Coelho

CATALÃO – GO

2014

CRISTIANO CURTIS ELIASSIM

**LÉXICO RELATIVO ÀS PROFISSÕES DE TROPEIROS E CONDUTORES DE
GADO EM *TROPAS E BOIADAS*, DE HUGO DE CARVALHO RAMOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Língua, Linguagens e Cultura

Aprovado em 09/07/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Braz José Coelho
Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão
(Orientador)

Profª Drª Maria Helena de Paula
Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão

Profª Drª Gisele Alves
Secretaria Municipal de Educação de Catalão – Goiás

Aos meus pais, Antônio e Maria, pelo carinho e amor
a mim dispensados; à minha esposa Simone,
companheira de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre me sustentou e me deu forças e discernimento para trilhar o melhor caminho.

Aos meus pais, Antônio e Maria, que sempre se fizeram presente, dialogando, me orientando, me fazendo acreditar em meu potencial. Sempre acreditaram e me fizeram compreender que a educação é o maior legado que se deixa a um filho. Traçaram comigo este caminho das tropas e das boiadas pelos sertões goianos, lembrando da infância e da vida no campo. A vocês eu devo tudo o que sou e tenho em minha vida.

À minha esposa, Simone, que com carinho e paciência esteve sempre ao meu lado, compreendendo minha ansiedade, auxiliando-me na digitação deste trabalho... verdadeira companheira e amor para a vida inteira.

À minha irmã Crisley, ao meu cunhado Milson e ao meu sobrinho Kríson Curtis, que me incentivaram nesta jornada.

Aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás.

Ao meu grande amigo Jason Hugo, que me fez acreditar que essa conquista seria possível, incentivando-me a enveredar pelos caminhos da pesquisa acadêmica e que, mesmo distante, sempre se fez presente com suas ponderações sobre o trabalho.

À Professora Dra. Gisele Alves, que muito contribuiu com este trabalho à época da qualificação.

À Professora Dra Maria Helena de Paula, a quem reservo minha admiração e carinho... saiba que seu exemplo sempre me animou e seus comentários me auxiliaram muito.

Ao Professor Dr. Braz José Coelho, que abriu-me as portas de sua casa, de sua biblioteca, fazendo das orientações momentos de diálogos profícuos e descontraídos... acima de tudo, abriu-me as portas de sua sabedoria... ao senhor, reservo todo o meu respeito e gratidão.

RESUMO

O uso da língua permeia a relação entre os seres humanos e destes com o mundo que os cerca, sobretudo nas formas de nomear objetos, ações, sentimentos, sensações. Assim, é possível observar e analisar palavras e expressões que uma pessoa ou grupo utiliza em suas diferentes atividades. As questões econômicas, sociais e culturais de um povo se manifestam através do léxico. Ao ler a obra *Tropas e Boiadas* foi possível deparar com lexias referentes ao trabalho do sertanejo com as tropas e com as boiadas, possibilitando uma análise léxica desse *corpus*. Assim, o estudo do léxico relativo às atividades profissionais na obra de Hugo de Carvalho Ramos permite analisar como estas palavras e expressões se manifestam, num determinado tempo e espaço, fazendo parte da linguagem desse povo e como forma da construção de sua identidade. Um estudo que se propõe a analisar a língua deve considerar que os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados. No caso específico do léxico, toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são nele refletidas. Este trabalho se propõe a analisar palavras que recobrem as atividades profissionais dos tropeiros e condutores de gado na obra *Tropas e Boiadas*, o que nos permite pensar na relação intrínseca entre léxico e cultura. A elaboração de fichas lexicográficas bem como a organização das lexias em campos lexicais possibilita a verificação dos significados nas narrativas, permitindo um estudo da relação entre léxico e cultura. Além disso, esta análise oportuniza a elaboração de um glossário, que se faz muito pertinente em um trabalho como este, identificando palavras específicas das atividades profissionais e seus respectivos significados nas narrativas, permitindo compreender melhor os textos narrados, descrevendo situações distintas de usos da língua e possibilitando analisar as lexias de forma mais detalhada.

Palavra-chave: Léxico. Campo lexical. Cultura. Atividades profissionais. Norma linguística.

ABSTRACT

The use of language permeates the relationship between human beings and with the world around them, especially in the forms of naming objects, actions, feelings, sensations. Thus, it is possible to observe and analyze words and phrases that a person or group uses in its different activities. The economic, social and cultural issues of a people manifest themselves through the lexicon. When reading the work *Tropas e Boiadas* was possible to come across regarding the bushman work lexis with the troops and with the herds, enabling a lexical analysis of this corpus. Thus, the study of lexicon concerning professional activities on the work of Hugo de Carvalho Ramos that allows you to analyze how these words and expressions are manifested, at a particular time and space, making part of the language of this people and as a way of building their identity. A study that aims to analyze the language should consider the social and cultural contexts in which it occurs are basic elements and, often, determinants of its variations, explaining and justifying facts that only linguistically would be difficult or even impossible to be certain. In the specific case of the lexicon, the entire world view, ideology, the value systems and socio-cultural practices of human communities are reflected. This work intends to analyze words covering the professional activities of the cattle dealer drovers and cattle drivers in *Tropas e Boiadas*, which allows us to think of the intrinsic relationship between lexicon and culture. The development of lexicographic records as well as the organization of the lexis in lexical fields enables the verification of the meanings in the narratives, enabling a study of the relationship between lexicon and culture. In addition, this analysis backed the drafting of a glossary, which is very relevant in a job like this, identifying specific words of professional activities and their respective meanings in narratives, allowing a better understanding of the texts narrated describing different situations uses of language and making it possible to analyze the lexis in more detail.

Keyword: Lexicon. Lexical field, Culture, Professional activities, Standard linguistic.

LISTA DE ABREVIATURAS

TB – Tropas e Boiadas

H – Houaiss

N/E – Não encontrado

N/D – Não Dicionarizado

O – Ortêncio

CT – Caminho das Tropas

MV – Mágoa de Vaqueiro

BM – A Bruxa dos Marinheiros

N – Nostalgias

CP – Caçando Perdizes

AA – Alma das Aves

BP – À Beira do Pousso

PP – O Poldro Picaço

NP – Ninho de Periquitos

OS – O Saci

PR – Peru de Roda

GG – Gente da Gleba

MO – A Madre de Ouro

PCV – Pelo Caiapó Velho

DC – Dias de Chuva

LC – Literatura do Chapadão

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Macrocampo – Instrumentos de Trabalho	52
QUADRO 2 – Macrocampo – Carro-de-bois	69
QUADRO 3 – Macrocampo – Trabalhadores	70

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	17
I – LÉXICO E CULTURA	20
II – LÍNGUA E NORMA	38
2.1 Campos Léxicos	46
2.1.1 Macrocampo – <i>Instrumentos de trabalho</i>	48
2.1.2 Macrocampo – <i>Carros-de-bois</i>	64
2.1.3 Macrocampo – <i>Trabalhadores</i>	64
III – METODOLOGIA	67
3.1 – Procedimento	67
3.2 – Fichas Lexicográficas	68
IV – GLOSSÁRIO	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação, intitulada “**Léxico relativo às profissões de Tropeiros e Condutores de Gado em *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos**”, apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, do *Campus* Catalão, da Universidade Federal de Goiás, propõe fazer um levantamento das lexias referentes às profissões de tropeiros e condutores de gado, que se encontram no livro de Hugo de Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*.

Hugo de Carvalho Ramos nasceu na Cidade de Goiás, no dia 21 de maio de 1895, filho do juiz de Direito Manoel Lopes de Carvalho Ramos e de Mariana Loiola Ramos, e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 12 de maio de 1921. Iniciou seus estudos com a mestra Silvina Hermelinda Xavier de Brito. Filho de poeta e irmão do escritor Victor de Carvalho Ramos, frequentou o Liceu Goiano, na antiga capital do Estado. Frequentava assiduamente o Gabinete Literário de Goiás, sempre em companhia do amigo inseparável Gercino Monteiro Guimarães.

Seguiu para o Rio de Janeiro e ingressou na Faculdade de Direito. Quando cursava o último ano jurídico, preferiu dar cabo à própria vida. Seu único livro de contos, *Tropas e Boiadas*, composto e elaborado pela Revista dos Tribunais do Rio de Janeiro, foi publicado em fevereiro de 1917, às expensas do autor e foi muito bem recebido pela crítica nacional. Colaborou com diversos jornais e revistas, *Lavoura e Comércio*, de Uberaba, a revista *Fonfon*, do Rio de Janeiro, a *Imprensa*, usando sempre o pseudônimo de *João Bicudo*.

É considerado, pela crítica nacional, um dos mais brilhantes regionalistas brasileiros. Sua linguagem é a tônica do roceiro do Brasil Central e apresenta novos vocábulos para enriquecer a língua portuguesa. Como obra póstuma foram publicados 23 poemas de autoria de Hugo de Carvalho Ramos, sob o título de *Plangências*.

Datada de 1917, a obra *Tropas e Boiadas* representa hoje a face da literatura goiana com maior destaque. Em 1920, estando prestes a concluir seu curso jurídico e, em crise de depressão, Hugo de Carvalho Ramos viaja ao interior de Minas Gerais e São Paulo. Em 31 de março de 1921, quando retorna ao Rio de Janeiro, suicida-se, enforcando-se com uma corda de rede.

A obra *Tropas e Boiadas* privilegia a temática do mundo sertanejo, sendo a ruralidade característica constitutiva de seus personagens. Desta forma, merece destaque nesta obra a figura do sertanejo, que na lida com as tropas e com as boiadas, apresenta suas condições de vida e sua estreita relação com a natureza, buscando sua sobrevivência.

A referida obra apresenta o universo sertanejo a partir da narrativa regionalista descrevendo de maneira vigorosa a realidade do homem goiano. Trata-se de uma obra composta por contos com temática regionalista, em que é possível evidenciar o trabalho dos tropeiros e dos condutores de gado de forma contundente, verificando e analisando estes atores sociais em seu próprio meio e em suas atividades rotineiras.

A construção dos contos em *Tropas e Boiadas* delinea o universo rural apresentando riqueza de detalhes, sem se esquecer dos elementos materiais e simbólicos componentes dos enredos narrados. E nesta apresentação de aspectos físicos e culturais, o autor traça a tipificação do sertanejo goiano, em contraposição a um perfil estereotipado acerca do camponês. Mais do que mera descrição de paisagens e tipos, o autor ajuda a formar uma representação dos habitantes e trabalhadores do sertão goiano que expressa seus valores, sua cultura, seus dramas e seu modo de viver.

É neste sentido que destacamos o fato de que esta obra apresenta-nos a identidade do sertanejo, cuja sobrevivência era marcada pelo contato com elementos da natureza, de onde era possível retirar a sua subsistência. Além disso, o trabalho do sertanejo contribuía para o desenvolvimento econômico do estado de Goiás, desenvolvendo atividades mercantis, como transporte de cargas e boiadas, mercadorias que sustentavam a economia da época. Convém destacar aqui as palavras de Vicentini (1997, p. 52):

[...] a construção de Hugo de Carvalho da imagem do homem sertanejo goiano é a resposta clara ao seu tempo. E a sua escolha dos tropeiros e boiadeiros é uma escolha de identidade positiva para o seu estado, de forma a que ele comparecesse como produtivo – sertanejo e não caipira – no concerto geral da nação.

Assim, a identidade que Ramos nos apresenta do goiano é aquela com a qual ele conviveu. Sendo goiano de nascimento, pode perceber de perto as características do sertanejo e apresentá-las através de sua literatura, solidificando um regionalismo. Ainda nos primórdios do século XX, Hugo de Carvalho Ramos já adiantava traços da literatura regionalista que apareceria na década de 30. Assim, em seu projeto ideológico, ele apresenta-nos um sertanejo com sua face produtiva e, ao mesmo tempo, denunciando sua condição de vida, como bem salientam também as palavras de Albertina Vicentini (1997, p. 45-46):

[...] quando elabora a dualidade da autenticidade de um tipo de homem do sertão e a inautenticidade de outro, ideologicamente ele escolhe, seleciona. E, ao selecionar, aponta para o tipo de imagem que ele quis construir do sertão: imagem de um sertão economicamente viável, construída sobre a do sertanejo produtivo, o tropeiro, o boiadeiro e não sobre o roceiro.

É neste sentido que a identidade criada por Hugo de Carvalho Ramos é a identidade de um sertanejo produtivo e diferenciado por seu trabalho. As atividades exercidas por este sertanejo são importantes, sobretudo, para o desenvolvimento econômico do centro-oeste goiano. Ora lidando com as tropas e com as boiadas, ora lidando com as plantações e colheitas, este sertanejo é um ser produtor, que contribui para o desenvolvimento econômico de sua região. É neste sentido, que no contato direto com a natureza, o sertanejo também retira dela sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que garante também a sobrevivência de outros membros da sociedade.

Um estudo que se propõe a analisar a língua deve considerar que os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados. No dizer de Barbosa (1993, p. 158), “língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo.”

No caso específico do léxico, esta afirmação revela-se muito pertinente, pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são nele refletidas. O presente estudo propõe analisar o léxico relativo aos trabalhos de tropeiros e condutores de gado. Selecionamos para tal fim a obra *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, uma vez que ela propicia a análise de palavras e expressões que recobrem tais atividades.

Acreditamos que a obra em questão possibilita uma análise pertinente do léxico, uma vez que a mesma lida com as tropas e com as boiadas, destacando assim atividades de trabalho que nos permitam pensar na relação intrínseca entre léxico e cultura. Além disso, é uma obra salutar dentro da literatura brasileira e, na perspectiva histórico-cultural, muito tem a ser explorada.

É neste contexto que este trabalho selecionou a obra de Hugo de Carvalho Ramos, por entender que a mesma se compõe de uma linguagem elaborada a fim de expressar a experiência produzida pela atividade rural. Destaca-se ainda que a obra *Tropas e Boiadas* apresenta uma

problemática social focada na cultura dos boiadeiros e tropeiros, com um léxico extremamente valioso, o que fornece vasto material para estudos lexicológicos e lexicográficos.

Tropas e Boiadas foi publicada pela primeira vez em 1917 e apresenta o universo sertanejo a partir da narrativa regionalista, descrevendo de maneira ímpar a realidade do homem goiano, suas tradições, seus costumes, seu imaginário popular e ao mesmo tempo questionando e problematizando a vida desses personagens. O texto de Hugo privilegia a temática do mundo rural, pela boca dos tropeiros e dos boiadeiros durante suas próprias atividades de trabalho.

Dessa forma, analisar o léxico próprio de atividades profissionais de uma determinada comunidade ou grupo de seres humanos possibilita também compreender a dinamicidade da cultura desse povo. Necessário se faz entender que a cultura possui uma estreita relação com o léxico, pois é através dele que ela se manifesta, demonstrando as transformações de determinado grupo social. Neste sentido, Santos (2006, p. 26):

As culturas humanas são dinâmicas. De fato, a principal vantagem de estudá-las é por contribuírem para o entendimento dos processos de transformação por que passam as sociedades contemporâneas. Esse é um ponto muito importante.

Assim, um estudo que se pretende observar e analisar o léxico precisa também ser perpassado por estudos de uma cultura, recortada num determinado tempo e num determinado espaço. Convém destacar aqui também que, nesta intrínseca relação entre léxico e cultura, se processa a construção de uma identidade. O que constrói tal identidade das pessoas é o léxico, os nomes diferentes para nomear um mesmo ser ou pelo menos seres que possuem características semelhantes. Ao nomear determinado animal ou objeto o homem revela sua existência, evidenciando as experiências acumuladas ao longo de sua trajetória. É o caso dos termos *burro* e *cavalo*, que os personagens de Hugo utilizam corriqueiramente para se referirem aos animais com os quais trabalham possibilitando o desenvolvimento de atividades comerciais no sertão goiano e mineiro, chegando até mesmo às terras paulistas.

Entendemos que a obra *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, muito tem a contribuir para os estudos lexicais e muito pouco foi feito nesta perspectiva de análise. Analisar o processo de lexicalização em tal obra oportuniza a elaboração de um glossário, que se faz muito pertinente num estudo como este, identificando palavras e expressões específicas das atividades profissionais e seus respectivos significados num contexto específico.

Assim, esta pesquisa objetiva, em linhas gerais, analisar o léxico relativo às profissões de tropeiros e condutores de gado na obra *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos.

Especificamente, intentamos:

- Levantar os campos lexicais e lexias relativos às atividades profissionais para que se possa proceder a uma verificação de seus significados específicos no contexto.
- Analisar os campos lexicais e as lexias, considerando-se a recorrência dos itens no *corpus*, estreitamente relacionada às atividades profissionais dos tropeiros e boiadeiros.
- Elaborar um glossário partindo das lexias pertencentes aos campos lexicais levantados.

INTRODUÇÃO

A língua de um povo não é homogênea, diversificando-se com relação a questões sociais, regionais e culturais. Desta forma, propor um estudo acerca do léxico implica inter-relacionar história, cultura e língua, sabendo-se que é através da cultura, em especial, os hábitos e costumes corriqueiros, que a língua se faz como um elemento dinâmico.

A obra escolhida para analisar as questões relativas ao léxico foi *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, uma vez que, através da leitura atenta das narrativas que compõem esta obra, podemos perceber que o autor procura difundir e registrar um modo de ser, marcado no meio cultural do interior goiano, em uma determinada época. Assim, acreditamos que explorar tal vocabulário sistematicamente seria uma forma de conhecer melhor as palavras e expressões referentes ao trabalho profissional no meio rural, como bem observa Coelho (2005, p. 22):

refletindo a complexidade mesma de que são constituídas as pessoas e o universo em que elas existencializam as suas experiências, uma língua não poderia ser um sistema semiológico simples, fechado em si mesmo e de limites estreitos.

Daí a importância de se analisar a língua, como o proposto aqui, para que se assimile as formas específicas de seu uso relacionadas sempre ao trabalho, hábitos, contatos, necessidades que os seres humanos possuem no meio em que estão inseridos. Entendemos a necessidade de tal estudo associado à cultura goiana, uma vez que a língua é a forma de manifestação de uma cultura específica. Assim, “o estudo do léxico de uma língua passa, obrigatoriamente, pela consideração da cultura em que se manifesta esta língua” (PAULA, 2006, p. 148). Por esta razão, entendemos a importância de se analisar a cultura dos goianos dentro de um estudo e análise do léxico na obra retro mencionada.

Os estudos linguísticos têm se destacado em determinadas áreas, em momentos diferentes. Assim, tivemos uma fase da Dialectologia e Geografia Linguística e uma fase, atual, da Sociolinguística, cada uma dessas fases abordando aspectos específicos da Língua Portuguesa, desde o fonético-fonológico, ao léxico e ao morfossintático.

Na elaboração do presente trabalho destacamos algumas teorias que possibilitam a análise da tríade entre língua, cultura e léxico, a saber: Biderman (1981, 2001), Vilela (1994),

Carvalho (2009), Isquierdo (2010), Paula (2007), Coelho (1991, 2006a, 2006b, 2008, 2011), Coseriu (1989), Sapir (1969) e Saussure (1969).

As discussões e estudos dialetais e sociolinguísticos com enfoque no aspecto léxico tem se destacado, mais precisamente na publicação de dicionários, vocabulários e glossários de falares específicos, possibilitando-nos estabelecer uma relação intrínseca entre língua, cultura e léxico. É neste sentido que Paula (2007, p. 49) afirma:

o léxico é a face mais dinâmica da língua porque nele estão manifestas as práticas culturais de um povo que dele se vale na sua comunicação diária, mas também, paradoxalmente, é a face que guarda o saber e garante seu uso sistemático graças aos ordenamentos gramaticais de sua composição.

Destaca-se, ainda, que as questões econômicas, sociais e culturais de um povo se manifestam através do léxico. Assim, o estudo do léxico relativo às atividades profissionais na obra de Hugo de Carvalho Ramos permite analisar como estas palavras e expressões se manifestam, num determinado tempo e espaço, fazendo parte da linguagem desse povo e como forma da construção de sua identidade.

Com relação à metodologia utilizada no desenvolvimento deste trabalho, salientamos a importância de se debruçar sobre a obra de Hugo de Carvalho Ramos, relendo-a em suas várias nuances e destacando, cuidadosamente, palavras e expressões que foram se formando a partir dos hábitos e costumes, em especial as que foram utilizadas pelos personagens da narrativa na sua atividade profissional.

Tal estudo, portanto, caracteriza-se como sendo de natureza lexicológica e lexicográfica, uma vez que tanto a Lexicologia quanto a Lexicografia pautam-se no estudo do léxico e se fazem complementares. Barbosa (1990, p. 152) ressalta que ambas “configuram duas atitudes, duas posturas e dois métodos em face do léxico”. Assim, enquanto a Lexicografia se ocupa da compilação de dados e da consequente análise destes dados, a Lexicologia se ocupa da descrição deste léxico, analisando os processos de formação e de renovação do próprio léxico. Neste sentido, Xavier (2011, p. 02) afirma:

Percebe-se, assim, que as concepções e/ou finalidades de tais disciplinas não se confundem, conquanto estejam interligadas, haja vista que são vários os elementos da estruturação, do funcionamento e da mudança lexical presentes nos dicionários, tais como nas acepções, abonações, na indicação da pronúncia, assim como de sinônimos, antônimos e da etimologia das palavras. A Lexicologia, por esse prisma, fundamenta a elaboração de obras de referência, como é o caso dos dicionários, e impõe reajustes à Lexicografia à medida que suas investigações avançam.

O uso de diferentes tipos de dicionários far-se-á necessários, no sentido de verificar se determinadas expressões ou termos já foram trabalhados e explicados dentro do contexto em que ocorrem. Para tanto, tomaremos dicionários de épocas distintas, com o intuito de verificar se tais elementos componentes do léxico já se encontram registrados ou não e, em caso afirmativo, se o uso específico naquele contexto já fora abordado ou necessita ser analisado. Assim, as análises das lexias destacadas em cada narrativa acontecerão por meio de consultas ao Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2012), versão eletrônica e ao Dicionário do Brasil Central, 2ª edição, de Bariani Ortêncio (2009). A escolha destes dicionários se deu pelo fato de que o primeiro é um dicionário muito atualizado e o segundo apresenta lexias regionalistas, o que é pertinente no estudo como o proposto. Os dados coletados serão organizados através de fichas lexicográficas, que possibilitarão uma análise dos dados encontrados. Destaca-se que tais fichas serão utilizadas como forma de facilitar e organizar os dados encontrados, observando se os dicionários citados já apresentam tais dados ou se o próprio contexto das narrativas permite uma explicação das lexias.

Por fim, a elaboração de um glossário nos permitirá melhor compreender os textos narrados, descrevendo situações distintas de usos da língua e possibilitando analisá-las de forma mais detalhada, em especial no que se refere ao léxico relativo às atividades profissionais. Destacamos que tal glossário agrupará os elementos lexicais que se referem aos cargueiros e às boiadas, que compõe o foco da atividade profissional dos personagens desta narrativa.

Este trabalho se apresenta sob a forma de quatro capítulos: no primeiro capítulo, procuramos discutir a relação entre léxico e cultura; no segundo capítulo, abordamos a relação entre língua e norma; o terceiro capítulo trata da metodologia, onde serão explicados os passos e etapas da realização da pesquisa. Nele serão verificados a ficha lexicográfica, os campos léxicos e o levantamento de dados. No quarto capítulo apresentamos o glossário, com finalidade de contribuir para uma melhor compreensão da obra analisada.

I LÉXICO E CULTURA

Entender o uso e o significado de uma palavra em sua época e contexto de utilização é de grande importância para a compreensão da identidade e da cultura dos atores sociais que utilizam tais palavras em seus processos de comunicação. Desta forma, analisar o léxico das atividades profissionais de uma determinada comunidade ou grupo de pessoas possibilita também compreender a dinamicidade da cultura do grupo ou da comunidade. Necessário se faz entender que a cultura possui uma estreita relação com o léxico, pois é através dele que ela se manifesta.

Podemos afirmar, assim, que o homem, no afã de estabelecer um processo de interação com os demais seres da espécie, desenvolveu ferramentas que possibilitassem tal processo. Assim como, no decorrer da história, foi necessário desenvolver instrumentos que possibilitassem e facilitassem o trabalho, com o intuito de garantir a sobrevivência, o homem também desenvolveu, ao longo da história, ferramentas que possibilitassem também sua interação com os demais sujeitos. Foi através da linguagem que o homem estruturou e organizou sua vida em todos os aspectos. Neste sentido, aponta Coelho (2005, p. 30):

O conjunto dessas ferramentas, com que os dados da experiência foram classificados e organizados, e que permitiu fosse o universo perceptível organizado numa reorganização antropocultural, teve também o seu próprio processo de estruturação em sistema simbólico representativo, com o qual se pôde não apenas dizer, mas também, cada vez mais e amplamente, pensar o universo físico, objetivo, e o cultural socialmente produzido.

Assim, foi possível aos humanos organizarem-se socialmente através de um sistema de símbolos que permitisse a interação entre eles e com o meio em que viviam. Além disso, os saberes e os conhecimentos adquiridos foram sendo assimilados e repassados a outras gerações, ora através da realização concreta da língua – a fala –, ora através de registros escritos, tornando possível assim a transferência e perpetuação de conhecimentos adquiridos e acumulados.

É pacífico entre todos os estudiosos da língua a estreita relação existente entre esta e a vida social. A relação entre os seres humanos e destes com o mundo que os cerca é permeada pelos usos que fazem da língua, sobretudo nas formas de nomear objetos, ações, sentimentos, sensações. Em qualquer comunidade é possível observar e analisar as expressões e palavras utilizadas nas diferentes atividades, principalmente no que diz respeito a trabalhos, posto que exige um aprimoramento de conhecimentos e técnicas para facilitar o dia a dia.

Entendemos que o conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o homem se expressa, cria e assimila novos conhecimentos compõe o léxico de uma língua, que, dependendo das interações histórico-culturais, desenvolvem-se através de diferentes processos. Neste sentido, compreende-se também que o léxico da língua escrita constitui o veículo básico de armazenamento de conhecimento de um povo ou de uma sociedade.

Sendo o léxico o inventário ou o conjunto de palavras que compõe a língua, é através dele que o homem se manifesta culturalmente e possibilita a transferência de seus saberes adquiridos a outros grupos ou a outras gerações. Desta forma, é necessário destacar que para cada situação específica de trabalho há palavras específicas que caracterizam aquele contexto, possibilitando, portanto, uma estruturação e organização lexical referente às atividades, manifestações religiosas, sentimentos, crenças, trabalhos, de um povo. Assim, a linguagem, em sua realização lexical, se encontra diretamente relacionada às manifestações culturais.

A língua, enquanto sistema social de signos, assegura aos falantes a pertença a um determinado grupo social, além de possibilitar a transmissão dos saberes deste grupo a outros grupos. Ela influencia a cultura e é pela cultura influenciada, uma vez que neste entrelaçamento língua-cultura, o léxico de um determinado grupo tende a se estender cada vez mais de acordo com suas necessidades e com o aprimoramento de suas atividades profissionais. Assim é que o escritor que se aventura na literatura regionalista, necessita conhecer, com precisão, o léxico relativo ao universo sócio-cultural da realidade determinada a que se propõe escrever.

É o caso de Hugo de Carvalho Ramos, que procura recriar, em suas narrativas, situações cotidianas da vida no sertão, retratando o trabalho de tropeiros e boiadeiros utilizando o léxico específico relacionado a estas atividades. É assim que os conhecimentos adquiridos no passado se veem reinventados, adaptados a uma nova realidade.

Uma forma de perceber o passado e fazer com que ele estabeleça uma relação com o presente é retomá-lo linguisticamente. Paula (2007) destaca que “um modo eficiente, como já consideramos, de agir sobre o *continuum* passado e presente é a evocação mnemônica pela linguagem” (PAULA, 2007, p. 109).

Há, portanto, uma estreita relação entre língua e cultura, pois a cultura se realiza através da língua. A língua é, portanto, o principal canal pelo qual as pessoas nomeiam o universo e exprimem-no aos seus semelhantes. É através dela que este conjunto de conhecimentos desenvolvidos através do trabalho com as tropas e com as boiadas no sertão goiano, no início do século XX, são repassados a outras gerações para que não fiquem perdidos no tempo. Por isso, ao falar de cultura, é necessário demonstrar como ela se expressa linguisticamente e contribui para a criação da identidade do sertanejo. Vejamos, portanto, como o sertanejo se

expressa, no conto “Nostalgias”, construindo sua identidade a partir dos objetos que utiliza no dia a dia:

Eu atravessara o meu pampa campeador no meio do caminho, a coronha da lazarina sobre o serigote dos arreios, todo encruado em minhas perneiras e guarda-peito de “mateiro”, o chapelão para trás, preso ao queixo pela barbela de sola, mão em pala, assuntando...
Dera com aquele diacho ao sair do cerrado, onde andava a campear umas reses do Capitão José Manoel, seu tio-avô, que Deus tenha em sua santa guarda. Tinha achado rastros frescos num brejal, entre touças de caranã, mas batera três dias seguidos as redondezas, não topando vivalma. (RAMOS, 1986, p. 53)

Sendo o conjunto de tudo aquilo que o homem criou na base de suas faculdades humanas, destacamos como elemento cultural a relação entre o ser humano e o trabalho, ou seja, a própria ação humana de desenvolver atividades de trabalho é uma ação cultural. Assim, neste estudo tomamos como macro-campo o trabalho, a partir do qual levantamos as lexias que o compõem, suas abonações e respectivos significados de acordo com o contexto. Neste sentido, necessário se faz aqui cotejar língua e cultura. Nas palavras de Paula (2007), “para que se estabeleçam e interajam os sistemas políticos, culturais e econômicos, a língua é seu principal instrumento” (PAULA, 2007, p. 90). É através da língua, portanto, que as interações culturais acontecem, possibilitando não só o contato com o diferente, mas principalmente o complemento de um saber que se elabora num tempo e espaço determinados.

A cultura é o conjunto de atividades e modos de agir, costumes e instruções de um povo. É o meio pelo qual o homem se adapta às condições de existência, transformando a realidade. É um processo em permanente transformação, diverso e rico. É o desenvolvimento de um grupo social, uma nação, uma comunidade, fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento de valores deste grupo. É o conjunto de fenômenos materiais e ideológicos que caracterizam um grupo étnico ou uma nação (língua, costumes, trabalhos, rituais, culinária, vestuário, religião, etc), estando em permanente processo de mudança.

Falar de cultura é compreender a humanidade em toda a sua riqueza de valores e pensamentos e em toda a sua forma de existência. A cultura expressa o que une e o que diferencia os agrupamentos humanos. A manifestação cultural se faz muito importante para aqueles que a vivem, pois é através dela que um grupo social expressa sua existência. Assim, é necessário conhecer a realidade de um povo para compreender as práticas culturais e para que estas práticas façam sentido. Somente no contato com determinadas práticas e naquele contexto específico é possível depreender a profundidade e a importância de determinadas ações, pensamentos, formas de agir, de se expressar, de trabalhar.

Há variações nas maneiras de praticar o trabalho e cada grupo humano o pratica de acordo com suas necessidades. Isto é uma manifestação cultural, uma vez que caracteriza um povo, diferenciando-o de outros grupos humano. É neste sentido que, como já salientamos, a identidade se constrói na oposição e na relação de práticas culturais diferenciadas. É no diferente que o individual se constrói e faz sentido.

O estudo da cultura de um povo contribui para combater o preconceito e para conhecer e dar sentido às diferentes relações humanas. Somente a partir do conhecimento dos costumes e valores criados por determinado grupo será possível compreender o sentido e valorizar tais manifestações naquele contexto específico. Os contos de *Tropas e Boiadas* retratam de forma intrínseca a vida social goiana e a natureza, recriando uma realidade verossímil, perfeita, reconhecível, possibilitando ao leitor o conhecimento dos valores de um povo, numa determinada época. Há um trabalho com as palavras que contribui ainda mais para que o leitor possa apreender a cultura do sertanejo. Assim é que, por exemplo, ao se referir a uma mala de couro cru, para levar em viagem de tropas, o narrador utiliza o termo “bruaca”, apresentando-nos aquela realidade, como podemos observar no trecho: “O cabra, atentando na lombeira da burrada, tirou dum sorrãozinho de ferramentas, metido nas bruacas da cozinha, o chifre de tutano de boi, e armando duma dedada correu todo o lote, curando aqui uma pisadura antiga...” (RAMOS, 1986, p.31)

A escolha lexical na elaboração da narrativa precisa estar em consonância com o que se propõe a apresentar: a vida do sertanejo, seus hábitos, costumes, formas de lidar com os animais e com a natureza que, por sua vez, se diferem das ações realizadas pelo habitante do espaço urbano. No trecho acima, percebemos um conhecimento apreendido pela própria experiência humana, como o ato de curar uma ferida num animal da tropa, de maneira simples e manual, mas que possui em sua essência um conjunto de conhecimentos que foram se elaborando com o tempo. Isto se confirma ainda mais pelo fato de que os tropeiros sempre mantinham juntos às suas cargas estes instrumentos e substâncias que lhes eram bastante necessários durante as viagens.

Assim, a cultura nos faz enxergar a nós mesmos como seres sociais, na relação com as diferenças e semelhanças. As discussões sobre cultura podem nos fazer pensar sobre nossa própria realidade social. Cada grupo social organiza e transforma a vida em sociedade para superar os conflitos e obstáculos diários, para facilitar seus trabalhos, para se adaptar melhor às diferentes situações. Cada cultura é resultado de uma história particular, de necessidades particulares e nisto podemos incluir o contato com outras culturas.

A diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da sociedade humana, expressa diferentes organizações sociais e demonstra diferentes formas de domínio humano sobre a natureza.

Podemos entender o termo cultura em duas acepções: em sentido amplo, cultura nos remete a todos os aspectos de uma realidade social; em sentido mais estrito, refere-se ao conhecimento, às ideias e às crenças de um povo. Falar de cultura de um grupo social é dar conta das características deste grupo, preocupando-se com a totalidade destas características e com as maneiras de conceber e de organizar a vida social e suas relações com a natureza. A cultura também diz respeito a um conhecimento, a um domínio da vida social – aqui podemos fazer referência às formas de trabalho criadas pelo sertanejo na lida com as tropas e com as boiadas, o modo de organizar seus instrumentos para viagem, um conhecimento específico que possibilita a realização de uma atividade produtora.

A língua e, por extensão, a cultura, é uma das formas básicas de revelar a identidade de um povo. Quando falamos, quando nos manifestamos através de trabalho, de crenças, de religiosidade, estamos expondo quem somos, qual a nossa origem, qual o nosso conhecimento sobre o mundo e, conseqüentemente, qual o nosso conhecimento sobre a língua. Ao nomear as coisas, os objetos, estamos revelando nossas vivências culturais, nossas experiências, nossas sensações. É neste sentido que falar de língua e de cultura perpassa também a noção de identidade.

A cultura agrega tantas facetas de uma sociedade que acaba se dividindo em dois saberes: o senso comum e o saber intelectual ou erudito. Mas, ao se falar em cultura, não podemos nos referir a alguém que sabe mais ou alguém que sabe menos. É comum confundir cultura com conhecimento ou com informação. Atribui-se comumente a palavra cultura ao ato deliberado de alimentar um saber mais requintado, como acontece quando assistimos a uma peça de teatro ou a um filme, ao visitarmos uma exposição artística etc. É comum ouvirmos referências ao fato de determinada pessoa ficar “mais culta”. Isto pode até ser considerado, mas o que a pessoa fez nesses casos é buscar informação para adquirir mais conhecimento. Esta busca pelo conhecimento é um ato voluntário, desejado.

Já a cultura é adquirida de forma involuntária, imperceptível, no dia a dia, no trabalho, na lida diária do homem do campo, no trato com os animais, na criação de objetos que facilitam seu trabalho rotineiro etc. É um processo que ocorre naturalmente dentro do grupo ao qual o indivíduo pertence.

Neste sentido, podemos falar em culturas diversas, formas de viver e de se manifestar enquanto ser humano de forma diferente. E o que possibilita a um grupo conhecer a cultura ou

o modo de ser e de viver de outro grupo é a linguagem. A língua, componente da linguagem e que existe sobre forma de memória coletiva, se manifesta na nomeação de objetos e de ações. É ela que possibilita o intercâmbio entre culturas distintas, permitindo até mesmo que uma determinada forma de vida atravesse o tempo e se encontre com gerações futuras.

A identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados uns dos outros. Sua conceituação interessa a vários ramos do conhecimento (História, Sociologia, Antropologia, Direito etc.), e tem, portanto, diversas definições, conforme o enfoque que se lhe dê, podendo ainda haver uma identidade individual ou coletiva, falsa ou verdadeira, presumida ou ideal, perdida ou resgatada. É importante notar que a identidade encontra sua razão de ser na diferença, ou seja, identidade e diferença são dois valores que, ao se oporem, acabam possibilitando a conceituação. A identidade só existe na relação com a sua negação, uma vez que ela existe e se define a partir daquilo que ela não é. Assim, a identidade do sertanejo, por exemplo, se constrói a partir da sua relação com aquele que não é sertanejo, que não possui seus costumes, suas formas de trabalho, sua forma de vida. Segundo Silva (2000, p. 09):

Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos.

Desta forma, a identidade se constrói a partir das representações que um grupo social faz do mundo. Assim, ao analisar o léxico utilizado por um povo como forma de representação do mundo, podemos perceber de forma mais detalhada as características identitárias desse povo. Em outras palavras, a identidade de um determinado grupo social se constitui a partir dos mecanismos simbólicos de representação do mundo e também das relações dos seres dentro desse grupo. Identificar elementos representativos de atividades profissionais é uma forma de verificar como um ser humano se relaciona com o mundo e com os demais seres, criando assim horizontes culturais dentro do grupo específico. É neste sentido que destacamos o fato de que a obra *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, apresenta a identidade do sertanejo, num recorte temporal do final do século XIX e início do século XX, marcada pelos instrumentos de trabalho que possibilitaram o desenvolvimento mercantil do próprio estado de Goiás. Convém destacar aqui as palavras de Vicentini (1997, p. 52)

a construção de Hugo de Carvalho da imagem do homem sertanejo goiano é a resposta clara ao seu tempo. E a sua escolha dos tropeiros e boiadeiros é uma escolha de identidade positiva para o seu estado, de forma a que ele comparecesse como produtivo – sertanejo e não caipira – no concerto geral da nação.

A oposição é básica para o próprio fundamento da identidade, ou seja, a identidade se define pela oposição. É justamente em relação ao habitante dos centros comerciais do país que se constrói a imagem do sertanejo. Hugo de Carvalho Ramos apresenta o sertanejo a partir da descrição poética da realidade do homem goiano, seu trabalho, suas tradições, seus costumes, seu imaginário popular, ao mesmo tempo questionando as condições de vida dos personagens.

Tropas e Boiadas se compõe de um conjunto de narrativas que tem como cenário o sertão goiano. Trata-se de um ambiente que o autor, Hugo de Carvalho Ramos, conhecia bem, pois desde menino viajava com o pai pelo interior do Estado e pôde vivenciar de perto o mundo que nos revela nessas narrativas. Assim, recolhe dos falantes da época palavras e expressões que depreendem àquele mundo, àquelas situações como forma de aproximar o leitor do universo dos boiadeiros e tropeiros.

A construção dos textos de Hugo de Carvalho Ramos privilegia a temática do mundo rural, sendo o modo de vida no campo, na lida com as tropas e as boiadas a característica constitutiva de seus personagens. Pela boca dos tropeiros, dos boiadeiros, surgem termos característicos do linguajar da região central do Brasil, carregado das nuances formatórias daquela população. Os bandeirantes de outrora das regiões de Goiás são aqui apresentados como tropeiros e boiadeiros que perpassam as beiras das cidades, vilas e povoados goianos. E em cada parada das tropas fica a imagem do sertanejo do início do século. Vejamos um trecho de “Gente da Gleba”, em que o autor descreve minuciosamente o sertão goiano nos dias de agosto:

Pelos dias de agosto, todo o horizonte goiano é um vasto mar de chamas: fogo das queimadas que ardem, alastrando-se pelos gerais dos tabuleiros e chapadões a afugentar a fauna alada daqueles campos; fogo dos cerrados que embraseiam, estadeando à noite os seus longos listrões de incêndio nas cumeadas das serras, intrometendo-se léguas e léguas pelo mato grosso e travessões do curso dos rios e subindo, carbonizadas as folhas secas que o vento acamara, pelo cipoal e trepadeiras dos troncos seculares, cuja casca rugosa tisna de sobreleve para ir em fúria crepitar nas grimpas, entre as galharadas verdes, reduzindo a cinza os ninhos balouçantes do sabiá nativo, as caixas extravagantes da borá e mandaçaia, quando não enxota de pouso em pouso as guinchantes guaribas, os velozes caxinguelês, das alturas prediletas do tamboril, jatobá aroeira ou barriguda – os mais comuns – daquelas matas.

Através do espesso lençol de fumaça que à noite encobre o lume das estrelas, o sol semeia de oito a oito um enorme carvão aceso e sangra pelos flancos a sua luz avermelhada e mortiça, numa atmosfera de forja, que nenhum sopro de aragem alenta.

Emigra a vida para longes climas. Das alfurjas, nas tocas solapadas de ao pé dos morros, nos desvãos de pedra, onde em dias de chuva calangos e lagartixas espapaçaram-se ao vento, à cata de insetos, desapareceram misteriosamente os réptis, à espera da tarda estação da fartura, que aí deve chegar com as primeiras chuvadas de outubro. E somente à beira dos charcos que ficaram, nos furados úmidos, continua ininterrupto o ramerrão do cururu e saparia miúda, ao mormaço das longas tardes nevoentas e a zoada surda das mutucas e pernilongos, que lá, mais que alhures, enxameiam no gado acossado dos capões. (RAMOS, 1986, p. 126)

A miscigenação dos povos modifica a cultura e a língua de um povo, surgindo assim novas formas de viver e de se manifestar, assim como novas formas de nomear objetos e ações humanas. Novas maneiras de pensar, de agir, de sentir, de se comportar vão surgindo. E para que isto não se perca no tempo e possa chegar até outras gerações, a língua exerce um papel determinante. Neste sentido, destacamos aqui as colocações de Biderman (1981, p. 132)

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus pensamentos e idéias.

O léxico é, portanto, um componente da língua que possibilita a uma sociedade representar linguisticamente seus valores, costumes, crenças, movimentos, transformações, mudanças econômicas. Há uma relação entre o léxico de uma língua e os fatos culturais que são produzidos por uma determinada comunidade ou grupo de falantes. O homem não só cria objetos que facilitem seu trabalho, mas é necessário dar nome aos objetos criados, assim como é necessário nomear suas atitudes, suas crenças, suas manifestações culturais. Assim, o que se cria ou as ações que são praticadas precisam ser nomeadas, ser expressas através de palavras para que possam ser repassadas e cheguem ao conhecimento de outras gerações. Do contrário, tudo que fosse produzido por uma sociedade ou por um grupo humano ficaria restrito e se perderia no tempo.

Assim, cada palavra possui um valor individual e um valor coletivo, mas é este valor coletivo que possibilita que a palavra expresse os conhecimentos adquiridos por uma determinada sociedade, levando tais conhecimentos a outras gerações. É este valor coletivo da

palavra que também possibilita o conhecimento de conceitos específicos e o transmite a gerações futuras. O léxico, portanto, expressa as experiências humanas de uma cultura.

O homem compreende a natureza e, através da linguagem, organiza-a, estabelece formas de lidar com ela, extrai conceitos, organiza conhecimentos, estabelecendo ações que irão se perpetuar no tempo, atingindo outros grupos sociais e outras gerações. Na relação entre língua e ambiente, Sapir (1969, p. 44) destaca que:

o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambram a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado.

Cada grupo social acaba sofrendo um processo de ampliação de seu léxico à medida que aprofunda e desenvolve seus conhecimentos e suas formas de lidar com a natureza. Esta ampliação se faz necessária sempre que novas práticas de trabalho, novas crenças, novos valores são acrescidos àqueles já existentes numa sociedade. É neste sentido, por exemplo, que numa sociedade urbana do século XXI, o léxico encontra-se em constante ampliação, uma vez que os conhecimentos tecnológicos e científicos se expandem a cada dia, se desenvolvendo e fazendo surgir novas técnicas científicas. Ressaltamos aqui as palavras de Biderman (1981, p. 134), que afirma que:

multiplicam-se as palavras úteis para as tecnologias que a comunicação de massa internacional agora passou a divulgar em todo o mundo. Hoje muitos vocabulários técnico-científicos são patrimônio universal e não específico de uma cultura.

Assim, o léxico não é apenas o arquivo da experiência acumulada de uma determinada sociedade, mas, sendo um inventário aberto, pode e deve ser compreendido como o acervo linguístico acumulado pela experiência humana que se amplia e se transforma constantemente, dada a característica humana de produção de conhecimento acerca do mundo físico e de transformação do mundo cultural. Ao interferir na realidade, transformando-a, agregando valores e conhecimentos, o homem necessariamente amplia o seu acervo lexical para abarcar estes novos conhecimentos. Além disso, no contato com culturas diferentes, os homens

estabelecem entre um si uma troca cultural, influenciando-se mutuamente e, conseqüentemente, ampliando seu repertório lexical.

É neste aspecto, portanto, que léxico e cultura são indissociáveis, uma vez que a cultura dinamiza o léxico de uma sociedade num *continuum* de experiências transformadas e/ou ampliadas. O léxico expressa toda a riqueza e magnitude de uma cultura, constituindo, portanto, o patrimônio cultural e histórico deste povo. A ampliação dos conhecimentos enriquece cada vez mais o patrimônio linguístico dos falantes.

O modo como um grupo social define cada objeto, cada atividade nova reflete o conhecimento que este grupo tem acerca desses objetos ou dessa atividade. O sertanejo, ao nomear um instrumento como “pirai” manifesta todo o seu conhecimento de tal objeto, possibilitando, inclusive, diferenciá-lo de um “chicote”. Ao optar pela nomeação “pirai”, expressa particularidades do objeto que o faz assim ser denominado. As definições, portanto, dependem do conhecimento do falante a respeito do objeto e de sua utilidade prática. Esta nomeação é perpassada por elementos culturais a que o falante encontra-se submetido. A relação entre língua e cultura se evidencia no fato de que as palavras são o reflexo da sociedade que as criou e as utiliza no ato de nomear. O léxico traz em si marcas não apenas de uma cultura, mas de todas as culturas dos falantes que contribuíram para a sua formação. A riqueza de uma língua encontra-se no fato de que ela seleciona, combina, organiza e elabora seu patrimônio léxico, possibilitando a comunicação e a perpetuação ou adaptação de valores e definições.

Porém, muitas palavras utilizadas na nomeação de determinados objetos acabam sendo deixadas de lado com o passar do tempo. Elas vão passando por um processo de esquecimento por parte dos falantes, e, aos poucos, vão caindo em desuso parcial ou total.

A existência de palavras em desuso também se dá numa interação cultural, pois, à medida que uma sociedade se desenvolve intelectualmente, aprimora suas ferramentas de trabalho, aprimora os objetos que utiliza no dia a dia, para nomeá-los cria novos termos, fazendo com que termos que eram utilizados para nomear objetos e ações do passado se tornem fora de uso. A expansão do léxico de uma língua faz com que surjam a todo instante novas palavras e, conseqüentemente, outras acabam desaparecendo, seja pela mudança de práticas sociais ou por não abarcar mais o nível de complexidade de determinada atividade. Segundo Cano (2010, p. 353), “a marca arcaísmo se emprega em lexicografia para as unidades léxicas que têm o traço de pertencerem ao passado”. Como bem salienta a autora, esta palavra pode não desaparecer totalmente, mas ainda ser utilizada por algum falante, que necessita dela em seu inventário para nomear objetos ou ações que deixaram de ser comuns na sociedade em que vive e que para ele, de alguma forma, ainda possui um significado específico ou é útil em seu acervo lexical. Porém,

convém destacar a imprecisão ao relacionar o arcaísmo a um traço do passado, pois como é evidente há unidades léxicas que remontam há um passado remoto mas que ainda continuam sendo utilizadas nos processos de comunicações, dado a sua capacidade de abarcar todos os sentidos necessários ao contexto. Outras, no entanto, de períodos bem mais próximos, caem em desuso devido à dinamicidade da realidade e à necessidade de utilizar unidades léxicas capazes de abarcar novos significados. Isto acontece com termos referentes à tecnologia e à informática, por exemplo, que rapidamente são substituídos por outros para que possam acompanhar as rápidas transformações tecnológicas atuais.

Em alguns momentos esses ditos arcaísmos também servem como recurso estilístico em determinadas produções, como forma de reviver a cultura de determinada sociedade. Isto se evidencia na obra *Tropas e Boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, uma vez que o autor faz uso dos chamados arcaísmos que, à época descrita na obra, eram comuns entre os falantes sertanejos. Possivelmente, um leitor do século XXI sinta dificuldade na compreensão de tal obra justamente pelo fato de que esta utiliza em suas narrativas palavras e expressões que pertenciam ao inventário dos tropeiros e boiadeiros do início do século XX. No conto “A bruxa dos marinhos” há trechos que aparecem muitas unidades léxicas próprias deste inventário sertanejo, e a compreensão das mesmas em seu contexto são intrínsecas ao sentido da própria narrativa, como podemos notar a seguir:

Muitas vezes, chocalhando a guizalhada dos peitorais e cincerros sonoros da cabeçada de prata reluzente, em cujo cimo se firmam arfante e senhoril a loura boneca da guia, apontava o primeiro lote na dobra do caminho, levantando áureas nuvens de areia sutil e detritos e fagulhas delgadas de malacacheta rebrilhante. Aos berros roucos e muxoxos cuspidos dos lábios secos, desviava o dianteiro a madrinha que se aprumara rumo do copiar da casa.

Era uma tropa que passava.

E torcendo rédeas braças antes, na sua besta de sela de estimação, os arreios niquelados faiscando de mil maneiras, à luz estuante do sol, e as bombachas folgadas, à moda gaúcha, de padrão azul listrado ou xadrez, o moço arrieiro que pr'essas estradas batidas tenteava a existência fretando cargas, e vivia a penas enredado nos embelecões traidores da comborgueira, afastava-se pressuroso do roteiro ordinário da comitiva. (RAMOS, 1986, p. 42)

A representação é, assim, um processo cultural de significação da experiência humana. E esta significação é criada dentro da dinâmica das relações humanas, em especial nas relações de trabalho que o homem estabelece no meio em que está inserido. Neste sentido Silva (2000, p. 17) anuncia que:

[...] a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência humana e àquilo que somos.

Podemos perceber nitidamente a relação entre léxico e cultura, já que é através de termos e palavras que uma cultura se manifesta. Crenças, valores, sentimentos, saberes, tudo isso se manifesta concretamente através da língua em sua realização, seja ela oral ou escrita.

Língua e cultura forma uma via de mão dupla. A língua expressa a cultura de um povo. Sozinha não tem nenhuma utilidade. Assim, a língua encontra sua razão de ser ao possibilitar aos falantes manifestar sua cultura. A cultura, que não tem a língua para transmiti-la, não pode ser informada ou expressada, na verdade, não existe. Língua e cultura, portanto, estão numa relação de interdependência, em que uma precisa da outra, pois fazem parte de uma relação em que não pode haver separação.

Esta união entre língua e cultura pode ser percebida no cotidiano de uma sociedade. Com a relação à criação de novas palavras não há fórmulas específicas. Com o passar do tempo, vão sendo criadas novas palavras de acordo com a necessidade de nomear novos objetos ou novas formas de manifestar-se, de se relacionar com a natureza. De acordo com as necessidades de uma determinada sociedade, novas palavras vão surgindo para que o processo de comunicação possa continuar sendo eficaz e permita a interação entre os seres humanos.

Assim, uma cultura modifica, se desenvolve e junto com ela, inevitavelmente, a sua língua. As transformações sociais fazem surgir uma nova realidade, com novos valores e novos significados, sendo necessária uma adaptação. Por isso, como mencionamos, o léxico de um falante se amplia constantemente à medida que ele tem contato com novos conhecimentos, com novas formas culturais.

A grande importância da língua reside no fato de que ela transmite a vida cultural de uma comunidade. Na transmissão de mensagens, a língua não se serve apenas de palavras. Mas é inegável que são as palavras que melhor traduzem a cultura de um povo. Portanto, léxico e cultura encontram-se intimamente ligados, uma vez que é a partir deste inventário colocado à disposição de um falante que a cultura de uma sociedade será transmitida, possibilitando seu conhecimento e, possivelmente, sua modificação no contato com culturas diferentes. São as palavras que informam o comportamento, o dia a dia de determinada comunidade, pois é através das palavras que a comunicação se dá de forma mais clara e eficiente.

Há palavras que só terão seus significados compreendidos se o leitor ou ouvinte fizer parte de determinada cultura ou a conhecer profundamente. Assim, o significado das palavras

ou expressões é formado a partir do universo cultural que está representado na linguagem. Léxico e cultura caminham juntos, lado a lado, um interagindo com outro para estabelecer um processo de comunicação, conforme já fora mencionado, e estabelecer as significações necessárias de seus referentes.

É neste sentido que entendemos que não há cultura superior ou cultura inferior, cada uma está carregada de significados para o seu grupo e o conhecimento de variadas culturas acaba ampliando o horizonte de conhecimento do ser humano. O que existe são diversidades de cultura, são diferenças culturais, mas cada uma com a devida importância dentro da sua comunidade.

Mesmo na diversidade cultural, falantes de uma mesma língua conseguem compreender-se. Porém, em relação ao léxico de culturas diferentes, é necessário destacar que há palavras que são bem peculiares a cada manifestação cultural. Assim, algumas palavras utilizadas pelo sertanejo no seu processo de comunicação são bem diferentes daquelas utilizadas pelos habitantes dos grandes centros. Isto se dá basicamente pela necessidade que cada falante tem de nomear seus objetos de trabalho, suas ações e seus sentimentos. É possível uma comunicação entre falantes de culturas diferentes, pois no inventário lexical deles há muitas palavras que são comuns e transitam nos diferentes meios culturais, afinal todos são falantes do mesmo idioma – a língua portuguesa do Brasil. Porém, como o léxico é um inventário aberto, cada cultura acaba complementando seu conjunto de palavras com termos ou expressões particulares, que representam ações específicas, nomeiam objetos específicos. E é justamente neste âmbito que palavras ou expressões utilizadas por determinados grupos podem não ser de conhecimento de falantes que não pertençam àquele grupo. Isto pode ser apreendido na obra em análise, como podemos observar no seguinte trecho:

O Joaquim Culatreiro, atravessando sem parar o piraí na faixa encarnada da cinta, entre a espera da garrucha e a niquelaria da franqueira, desatou com presteza as bridas as cabresteiros, foi prendendo às estacas a mulada, e afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrosos e ligais, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões. (RAMOS, 1986, p. 27)

Um leitor que tenha um inventário reduzido no que se refere aos termos utilizados pelo sertanejo, provavelmente não conseguirá apreender a riqueza de detalhes com que o narrador nos apresenta atividades dos tropeiros neste trecho do conto “Caminho das tropas”. Para apreender toda a profundidade de significados desta narrativa, necessário se faz que o leitor apreenda significados de termos como *pirai*, *bridas*, *ligais*, *surrões* que compõem o dia a dia

do sertanejo. É preciso entender que o *pirai* se refere a um tipo de chicote específico, que possibilita ao tropeiro alcançar o primeiro animal da tropa, mesmo este tropeiro estando atrás de todos, evitando que a tropa siga caminho errado; que *bridas* se refere a um conjunto de rédeas e freios que possibilitam também ao tropeiro exercer um controle sobre os animais; que *ligais* se referem a couro cru de bois para cobrir a carga dos burros contra chuva e poeira; e *surrões* que se referem a bolsas de couro utilizadas também pelos tropeiros para o transporte de algum utensílio necessário durante a viagem. O desconhecimento destes componentes lexicais não possibilita uma compreensão do contexto em sua totalidade e profundidade, conforme retratado pelo narrador.

A linguagem, em muitos momentos, é determinada pela cultura. Há situações de uso da língua em que o conceito está dependente do conhecimento transmitido socialmente. O conceito, portanto, encontra-se vinculado à cultura. Neste sentido, para se compreender determinado conceito é necessária a compreensão de conhecimento produzido por uma determinada sociedade. Assim, para compreender algumas ideias apresentadas pelos sertanejos na sua lida com as tropas e com as boiadas é necessário um intercâmbio cultural, em que o conhecimento produzido pelos sertanejos no início do século XX chegue até os leitores do século XXI, possibilitando um entendimento das situações apresentadas por aqueles personagens. Caso não haja esta interação, o processo de comunicação ficará comprometido, não havendo uma compreensão das situações. Por isso, muitos leitores encontram dificuldades ao ler uma obra como a que nos propomos a analisar, pois não possuem conhecimentos acerca da cultura daquele povo.

Caso o conhecimento lexical não seja completo, o processo de comunicação acontece, mas haverá uma lacuna a ser preenchida. Palavras e expressões peculiares do meio rural e da vida dos tropeiros e boiadeiros são utilizadas e muitas vezes tornam o texto de difícil compreensão. Isto apenas reforça a ideia de que cada cultura possui suas particularidades e, conseqüentemente, possuem palavras específicas para nomear estas particularidades. Assim, é necessário um conhecimento de cada cultura para que se possa estabelecer um processo de comunicação eficiente.

Neste sentido, o léxico de uma língua não pode ser apreendido de forma totalizada por falantes desta língua, pois ele se amplia ao longo de toda a existência humana, à medida que uma sociedade se desenvolve e que os falantes de uma língua vão tendo contato com novas formas de se organizar em sociedade e com novas manifestações culturais. Assim, nas palavras de Cano (2010, p. 351):

[...] o léxico, por sua relação com a compreensão do mundo experimentado, continua sendo apreendido ao longo da vida, na medida em que a realidade que ajuda a significar se torna cada vez mais complexa e detalhada e a capacidade de reflexão, análise e intervenção do ser humano cresce e se diversifica.

O contato entre culturas diferentes por ser uma forma de ampliação de conhecimento é também uma forma de ampliação do léxico. O acervo linguístico de um falante se amplia no momento em que ele amplia sua visão de mundo, sua compreensão acerca de uma sociedade e do seu modo de vida. O léxico não apenas possibilita a comunicação entre os falantes, mas permite também o contato entre saberes diferenciados, proporcionando criação e armazenamento de conhecimento e uma reflexão acerca do universo cultural.

É através da interação verbal, portanto, que é possível haver uma troca de conhecimentos e de saberes. As variadas manifestações culturais acabam estabelecendo um ponto de contato através da língua, uma vez que esta não é um mero sistema de símbolos. A língua é um sistema, mas um sistema que está em uso, que se modifica e se complementa na relação entre os sujeitos, pois ela está presa à realidade cultural e histórica de um povo. Neste sentido, salienta Antunes (2009, p. 22):

[...] a troca dos bens simbólicos, que constituem o patrimônio cultural dos grupos humanos, passa irremediavelmente pela mão dupla da interação verbal. Quer dizer, a linguagem é o suporte, a mediação pela qual tudo passa de um indivíduo a outro, de uma geração a outra. E é também o meio pelo qual se criam e se instauram os valores que dão sentido a todas as coisas, inclusive ao próprio homem.

A linguagem é, portanto, constituída de cultura. Ela não só constitui a cultura como também é constituída pela cultura. A língua, por sua vez, pode ser compreendida como a parte social da linguagem. Desta forma, há uma estreita relação entre cultura e língua, pois esta (a língua) permite e possibilita a realização daquela (cultura). A língua é, portanto, o principal canal pelo qual os sertanejos nomeiam seus instrumentos de trabalho e exprimem a forma de uso destes instrumentos aos outros. É através dela que este conjunto de conhecimentos desenvolvidos no trabalho com as tropas e com as boiadas são repassados a outras gerações para que não fiquem perdidos no tempo. Por isso, ao falar de cultura é necessário demonstrar como ela se expressa linguisticamente e contribui para a criação da identidade do sertanejo.

Sendo o conjunto de tudo aquilo que o homem criou na base de suas faculdades humanas, destacamos como elemento cultural a relação entre o ser humano e o trabalho, ou

seja, a própria ação humana de desenvolver atividades de trabalho é uma ação cultural. Neste sentido, necessário se faz aqui cotejar língua e cultura. Nas palavras de Paula (2006), “para que se estabeleçam e interajam os sistemas políticos, culturais e econômicos, a língua é seu principal instrumento” (PAULA, 2007, p. 90).

Além disso, nas narrativas curtas apresentadas por Hugo de Carvalho Ramos, a linguagem permeia-se de ideologias e apresenta uma forte crítica social, através da qual podemos estabelecer uma intrínseca relação do homem com o meio, nos reportando a uma visão sociológica. A cultura de um povo mostra-se interligada com a língua, uma vez que a língua é parte da cultura. Nas palavras de Câmara Jr. (1972, p. 269):

Assim, a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é – o resultado dessa cultura, ou sua sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la. Isto opõe naturalmente a língua ao resto da cultura, ou cultura *stricto sensu*, e cria uma ciência independente para estudá-la – a linguística em face da antropologia, que estuda todas as outras manifestações culturais. (grifo do autor)

A própria noção de ser humano encontra-se demarcada pela possibilidade de se apropriar dos recursos naturais, transformá-los e adaptá-los às necessidades, facilitando suas atividades diárias. Esta relação do homem com a realidade em que se insere e sua consequente transformação nada mais é do que uma manifestação cultural, que se diferencia das manifestações culturais dos demais grupos. Este processo de transformação dos meios que se encontram à sua disposição é um processo de construção cultural. É neste contexto que o sertanejo criava seus instrumentos de trabalho, para solucionar problemas de transporte e de lida diária com as tropas e as boiadas daquele tempo.

Merecem destaque aqui as palavras de Abbade (2009, p. 213-214). Segundo a autora:

Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado período da história, através do seu léxico. Apesar de pouco estudado até então, o estudo lexical das línguas é deveras importante e necessário para desvendar os inúmeros segredos da nossa história social e linguística, segredos estes que podem ser desvendados pelo estudo e análise do léxico existente nessas línguas em momentos específicos da história de cada povo.

Analisar o léxico de uma língua é, portanto, estudar a história de um povo, compreendendo sua cultura e seu modo de viver e de se organizar socialmente, entendendo que a cultura compõe-se dos conhecimentos adquiridos socialmente, ou seja, a cultura nada mais é do que o conhecimento que a pessoa adquire por pertencer a uma determinada sociedade. E, ao nos referirmos aqui a conhecimento, estamos utilizando este termo em seu sentido mais amplo possível, que remete não somente ao conhecimento científico, mas também e, principalmente, ao conhecimento comum, adquirido nas vivências humanas, nas relações com outros seres humanos e destes com a natureza, transformando-a de acordo com suas necessidades. Ao transformar os elementos da natureza, mesmo motivados pela necessidade diária, o homem se revela como sujeito de sua própria existência, elaborando “saberes” que poderão transformar sua vida e/ou a vida de gerações posteriores.

Ao solucionar problemas do dia a dia, criando ferramentas, alterando formas de lidar com a natureza, facilitando o seu trabalho, o homem se revela como um ser cultural por excelência. É este conhecimento oriundo de práticas corriqueiras, na lida do campo, com as tropas, com as boiadas, com a plantação e colheita, que faz do homem um sujeito cultural. Estabelecer uma forma de lidar com os animais de maneira mais prática, criar instrumentos que facilitem o seu trabalho, manifestar suas crenças, seus valores e hábitos adquiridos ao longo da existência compõem o que denominamos cultura.

Assim, o homem na condição de membro de uma determinada sociedade é um ser cultural, uma vez que a cultura compreende toda a produção de determinado grupo social. Toda produção do homem em determinada sociedade é considerada como cultura de um povo. Em muitos momentos, a compreensão errônea de que uma cultura se sobreponha à outra serviu para justificar superioridade de um povo sobre outro ou até mesmo de uma língua sobre outra. No caso específico da língua portuguesa, em muitos momentos, se difundiu a ideia de que a língua portuguesa falada em Portugal era mais adiantada ou mais correta que a língua portuguesa falada no Brasil. Esta ideia vincula-se à ideia de superioridade cultural, demonstrando um total preconceito tanto no que se refere à cultura de um povo quanto à forma de expressão deste povo.

As culturas são diversificadas. Cada povo, de acordo com sua geografia, com sua história, com sua formação, desenvolve a sua cultura. Assim, não é porque um determinado grupo social se manifesta de forma diferenciada que sua cultura é superior ou inferior às demais. É necessário quebrar este paradigma de cultura mais ou menos evoluída e compreender que o respeito e o conhecimento às diferentes culturas é uma forma de estabelecer contatos entre

“saberes” diferenciados. Muitos conhecimentos produzidos em outras épocas e em outras sociedades influenciam a nossa vida.

O sertanejo, na obra de Hugo de Carvalho Ramos, manifesta, portanto, sua cultura através de seus trabalhos diários com as tropas e com as boiadas. Ramos recria o interior goiano do início do século XX, destacando os hábitos, crenças, conversas de sertanejos. Isto porque ele próprio (con)viveu com tais personagens durante sua juventude.

II - LÍNGUA E NORMA

Como já dissemos anteriormente, a língua é um fato social e como tal possibilita a sociedade se organizar e expressar toda a sua diversidade cultural.

A língua tem sua razão de ser e de existir na própria sociedade e, por ser um fato social, está relacionada ao próprio modo de ser e de existir do homem. Como bem destaca Coseriu (1979), a linguagem é o que possibilita ao homem sua vida em sociedade, uma vez que ela é em si o próprio fundamento de tudo o que é social.

A língua é um sistema de signos que se organiza através de combinatórias possíveis e permite aos falantes interagirem socialmente. De acordo com Saussure (1969), o fenômeno da linguagem apresenta dois aspectos que se associam: a língua (*langue*) e a fala (*parole*). Este primeiro elemento é social e não depende do indivíduo; o segundo é individual e acontece na realização que o indivíduo faz da língua. Desse modo, a língua é uma convenção que se pauta num acordo estabelecido por seus usuários, sendo, portanto, uma instituição social.

A fala, enquanto realização individual da língua, reflete os usos que cada pessoa faz dela, podendo afetar o sistema linguístico. Assim, ela é assistemática, individual, concreta. É na fala que o sujeito expressa sua individualidade, seu modo de ser, de pensar, de agir, de elaborar instrumentos de trabalho, de lidar com as tropas e boiadas, como destaca Hugo de Carvalho Ramos em suas narrativas regionalistas.

Entretanto, a esta visão dicotômica apresentada por Saussure para definir o fenômeno linguístico, Coseriu (1979) propõe o acréscimo de outro elemento, a norma. Isto porque para ele a dicotomia saussureana faz-se insatisfatória perante a complexidade do fenômeno linguístico. Conforme já mencionado, a língua compõe-se de um sistema de signos e suas variadas formas de combinação. Ela se realiza no ato de fala e se torna um elemento social. Assim é que cada comunidade linguística faz opções por realizações específicas da língua, transformando-as em padrões impostos pela comunidade e tornando-as sistemas diversificados.

A partir dessa visão trinitária *sistema - norma - fala*, ainda em consonância com Coseriu (1979), a norma estabelece o que é usual, "normal" numa determinada comunidade de falantes. A norma se apresenta como usos diferenciados da língua, através de modelos pré estabelecidos e reproduzidos por falantes de uma comunidade específica.

Assim sendo, numa comunidade de pessoas que se identificam em função das atividades profissionais, é natural que a maneira de dizer desses falantes seja próxima. Os tropeiros e os boiadeiros encontram-se inseridos em um grupo social, em um contexto que se delinea por uma norma. As regras funcionais e sistemáticas da língua portuguesa permitem um processo

comunicativo "normal". É desta forma que no meio dos sertanejos podemos identificar uma sistemática no uso que fazem da língua, ao nomear suas atividades de trabalho, seus objetos, seus costumes, seus hábitos. Comunicar-se é, neste caso, compreender e fazer-se compreender a partir do que é "normal" naquele meio.

Como atividade simbólica, a linguagem permite a esses falantes manifestar seus conhecimentos sobre trabalhos a outros falantes. A língua torna-se um instrumento capaz de transmitir estes conhecimentos construídos na relação cotidiana a falantes de outras comunidades e até mesmo de outros contextos históricos. A linguagem, assim, é vislumbrada como fenômeno dinâmico e concreto, que contém elementos generalizadores elaborados a partir de especificantes. Nesta dinamicidade, os hábitos de falas se constroem pela abstração.

Como a língua permite várias realizações, estas possibilidades acontecem na norma. O sistema permite diversas realizações, mas a concretização acontece através da fala, conforme destaca Duarte (2001, p. 58):

Numa dada língua particular, o sistema permite diversas realizações para sua concretização e esta se faz através do hábito de fala, já que o signo se concretiza na ação verbal e a combinação desses signos produz a forma. Pode-se, desse modo, considerar que, no ato de fala existem elementos formais e individuais.

Cada comunidade linguística realiza a língua de forma específica, de acordo com o que foi estabelecido pelos falantes desta comunidade como usual ou normal. Não apenas usual para determinados falantes, mas o que é usual para toda a comunidade linguística, o que faz com que os atos de fala sejam atos coletivos e organizados segundo normas instituídas pelo grupo social.

A partir disso, Coseriu (1979) apresenta uma distinção entre sistema normal e sistema funcional. Para ele, o sistema funcional está para a *langue*, já que esta define-se como sistema de signos, que possibilita realizações diversas. O sistema normal está para a norma, já que estas realizações diversas são organizadas pelo que é considerado normal dentro de uma comunidade específica. Assim, o indivíduo não pode ser desvinculado do social, da mesma forma que língua e fala não podem ser dissociadas. Como elemento social, a língua possibilita a relação entre os falantes, evidenciando seu caráter de intersubjetividade.

Destacamos, assim, a pertinência da divisão tripartida apresentada por Eugênio Coseriu. A língua, enquanto acervo linguístico, permite ao sujeito compreender o mundo no qual se insere e também possibilita a este sujeito se fazer compreender. Ela trás consigo toda

experiência acumulada pela existência de uma comunidade, sendo uma forma de constituição de notável e rico saber linguístico e literário. É, portanto, um tesouro comum de seus falantes.

A ideia de norma permite a percepção de que há realizações linguísticas que foram consagradas pelo seu uso, em determinadas comunidades ou grupos. Assim, conforme o grupo social no qual se insere o falante ou de acordo com a região em que ele vive, ele se prende a uma norma determinada. A norma seria então um primeiro estágio de abstração da fala, já que esta se define como um conjunto de realizações concretas da língua.

Como realidade dinâmica, a língua modifica à medida que as comunidades de falantes também se alteram. Assim, ao desenvolver novas técnicas de trabalho, o sertanejo desenvolve lexias específicas para nomear suas técnicas. É um saber que ao ser aprimorado necessita receber novas denominações. Destaca-se, aqui, o fato de o sertanejo utilizar lexias diferentes para nomear o mesmo objeto, porém com funções distintas. É assim, por exemplo, que ele utiliza as lexias *chicote*, *piráí* e *rabo de tatu*. Trata-se de objetos semelhantes com funções distintas, dependendo do alcance do mesmo e de sua utilização.

Uma língua está a serviço de seus usuários como instrumento de comunicação. Então é perfeitamente compreensível que os usuários empreguem essa língua de formas diferentes, de acordo com suas necessidades de nomear ações e objetos. É necessário, portanto, conhecer e compreender essas distinções linguísticas para que no processo de decodificação seja possível identificar e compreender as mensagens que são transmitidas, como os casos acima citados.

A norma, de acordo com Coseriu (1979), é uso intermediário que determina o que é normal, costumeiro, usual, diferenciando da língua pelo fato de ser coerciva. É a norma que determina o que é aceito ou não dentro das construções linguísticas de um determinado conjunto de falantes.

O léxico é um subsistema dentro da língua, caracterizando-se como um inventário ilimitado, pois nele coexistem palavras do cotidiano, da escrita, da oralidade, neologismos, arcaísmos, estrangeirismos, termos técnicos, regionais, sociais. Ele permite aos falantes optar por uma nomeação específica em detrimento de outra. É assim que, por exemplo, o sertanejo opta pela forma *piráí*, quando poderia utilizar o termo *chicote*, num contexto em que se refere a um instrumento de maior alcance, que consiga atingir o primeiro animal da tropa. Devido a especificidades dentre instrumento de trabalho e observando as disponibilidades lexicais no sistema, o sertanejo de Hugo de Carvalho seleciona a opção *piráí*.

Neste sentido, destaca Duarte (2001, p. 163):

Aquilo que é normal (o que se diz) numa comunidade linguística o é a partir do momento de sua aceitação, uso e repetição; anormal (o que não se diz) seria o não aceito ela comunidade, pois não segue o padrão tido como usualmente costumeiro.

Ao adotar uma lexia e torná-la recorrente nas situações de comunicação, o sertanejo faz com que ela se torne “normal”. A comunidade de falantes torna esta lexia algo costumeiro e específico na nomeação do objeto. Assim, é o que os dicionaristas registram tal lexia como forma de ampliar o acervo linguístico dos falantes. Observemos, portanto, como o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2012), versão eletrônica, registra o significado de *Pirai*:

Pirai

substantivo masculino (1875)

1 azorrague feito de couro cru

2 entre indígenas, peixe de pequeno tamanho

Etimologia

tupi **pira'i*; embora AGC registre este étimo no Dicionário

Etimológico Nova Fronteira, em DHPT o mesmo autor põe em dúvida

a orig. tupi; TupGN consigna *pirá-y* 'o rio do peixe'; f.hist. 1875

pirahy, 1946 *pirai*

Sinonímia e Variantes

ver sinonímia de *chicote*

Paronímia

pirai(fl.pirar)

A existência da variante *chicote* é destacado no dicionário, porém na obra em análise a opção por *pirai* nos leva a compreender que trata de um instrumento diferenciado, destinado ao alcance mais distante e, portanto, recebe nomeação específica. No contexto da obra, *pirai* se diferencia de *chicote*, levando o sertanejo a estabelecer tal diferenciação, inclusive no ato de nomear.

Portanto, à dicotomia língua e fala, Eugênio Coseriu introduz o elemento intermediário norma. A língua, sistema abstrato, de uso coletivo, apresenta oposições funcionais e regras de uso. A fala, realização concreta da língua, se destaca por seu caráter individual. A norma, também de natureza abstrata, refere-se àquilo que se repete ao comportamento dos indivíduos, podendo ser individual (forma de falar de cada pessoa) ou social (forma de falar de um grupo social). Isto torna a distinção sistema/ norma/ fala perfeitamente aceitável dentro dos estudos linguísticos.

Considerando a língua um sistema abstrato formal de signos e suas possibilidades combinatórias, esta compõe-se de elementos simbólicos e de regras que permitem o processo

de comunicação. A língua é um diassistema e no seu processo de elaboração e de desenvolvimento, evidencia o contexto histórico cultural de seus falantes. Ela não existe separada da sociedade, da história e da cultura, mas determina estes elementos e é por eles determinada. Assim, a concepção de língua como um diassistema se amplia e se aprofunda, atingindo dimensões da realidade concreta. É neste sentido, que a língua historicamente definida encontra sua razão de ser na realização que cada comunidade de falantes faz da mesma.

As pessoas de uma mesma comunidade identificam-se através de suas falas, pois o grande sistema linguístico é formado por pequenos sistemas. A língua compreenderia portanto os hábitos linguísticos de seus falantes e formaria grupos menores compreendidos como subsistemas. Isso pode ser verificado, por exemplo, quando percebemos a existência e/ou convivência de maneiras diferenciadas de se comunicar referente a grupos sociais pertencentes ao mesmo idioma. Ou, em outros casos, quando observamos as variações linguísticas referentes às posições geográficas ocupadas pelos falantes. Dentro desses subsistemas é possível depreender ainda variações mais específicas, determinadas por grupos sociais, religiosos, étnicos, familiares, dentre outros. Neste sentido, o fenômeno linguístico dimensiona-se como um fenômeno complexo e de amplitude considerável.

Como destaca Coelho (1985, p. 88):

[...] costuma-se chamar a esses sub - códigos ou subsistemas, a essas variedades geográficas e sociais, pelo nome genérico de norma (...) Assim, entre a língua, sistema abstrato - formal e a fala, atividade do indivíduo no momento da comunicação, Coseriu faz intervir o conceito de norma - conjunto de usos e hábitos padronizados e coercivos, utilizados por uma comunidade historicamente definida.

A norma é, portanto, uma instituição sócio cultural, geográfica, e socialmente demarcada, que caracteriza-se pela aceitabilidade de seus falantes. O normal é o costumeiro, o usual, o aceitável dentro de determinada comunidade de falantes. Assim, no meio rural goiano é possível depreender uma especificidade da utilização da língua por parte dos sertanejos, que a utilizam para nomear seus objetos de trabalho seguindo uma normalidade. É neste sentido, que indivíduos pertencentes ao mesmo grupo aceitam a norma. O que foge a ela é desaprovado pelo grupo e, portanto, considerado anormal. Pertencer ou não a um grupo é determinado pelo seu modo de falar. A modalidade de outros grupos é respeitada, porém, vislumbrada como algo estranho ao meio. Não existe apenas um uso padronizado da língua, mas vários usos aceitáveis. Coexistem, por exemplo, no sistema a norma rural criada e delimitada pelo contexto histórico

cultural dos sertanejos e a norma urbana, utilizada pelos falantes do meio citadino. É possível a compreensão entre si destes falantes, entretanto em casos de especificidades rurais ou urbanas, o processo comunicativo poderá ser ineficiente.

Um trabalho voltado ao estudo do léxico utilizado por comunidade determinada de falantes necessita compreender estas noções de normas linguísticas como forma de sistematizar este subsistema. Os sertanejos possuem sua norma linguística, delimitada tanto no seu aspecto social quanto no seu aspecto geográfico.

Diante do exposto, evidenciamos a existência de dois tipos distintos de normas linguísticas: geográfica, também chamada de variedade diatópica ou dialeto, relacionada ao lugar que as pessoas ocupam no espaço, e a variedade sócio cultural ou variedade diastrática ou socioleto, relacionada ao lugar que as pessoas ocupam na sociedade. Quando nos referimos ao léxico relativo as profissões dos sertanejos, tratamos da variedade sociocultural, enfatizando a língua utilizada pelas pessoas que ocupam determinada posição na sociedade, ou seja, os sertanejos.

Após tais considerações, depreende-se que uma norma não pode ser considerada melhor ou mais correta que outra, uma vez que ambas são linguisticamente estruturadas e estão aptas a produzir mensagens e estabelecer comunicação. Além disso, é por meio destas variedades que cada comunidade linguística expressa o seu conhecimento de mundo, o seu modo de ser e de existir, a sua cultura. Contudo, ao estabelecermos tais distinções, verificamos que uma norma fora adotada como modelo representativo (norma padrão). Destarte, esta escolha se baseia unicamente em fatores sociais e políticos e não em considerações linguísticas. Destaca Coelho (1985, p. 95-96):

[...] qualquer uma dessas normas poderia ser considerada a norma padrão oficial, bastando, para tanto, que o grupo que a empregue, tivesse, num determinado momento da formação histórica da nação, prestígio suficiente para impor sua vontade e sua representatividade político-cultural.

Em um estudo linguístico pautado no léxico devemos considerar a existência de várias normas, atribuindo a cada uma delas a devida consideração. Por isso, neste trabalho ao analisar o léxico dos tropeiros e boiadeiros do interior goiano, num recorte relacionado a atividades profissionais, procuramos demonstrar a riqueza cultural manifestada na língua dessa gente. Trata-se, portanto, de norma específica de uma comunidade, que foi construída ao longo do tempo e inserida num contexto rural, em contato com a natureza e seus elementos. Mesmo nas

paradas destes tropeiros e boiadeiros, nos vilarejos e arraiais descritos nos contos, é possível destacar esta norma linguística, caracterizada pela ruralidade. Observemos um trecho do conto “Peru de roda”, como é descrito o próprio trabalho dos sertanejos, atentando para os detalhes apresentados e, principalmente, para as lexias específicas deste meio rural:

[...] Descido o primeiro fardo da pilha, dava-lhe o boleiro de uso, metia os dedos às alças, levantava-o à altura da cabeça, e sob o peso de cinco ou seis arrobas de sola, estalava a mão ao fundo, na regra do costume, descia suavemente ao ombro; e, upa, upa, amiudando um passinho de mulo carregado que tivera a sua medida, vinha encostá-lo à capota do cargueiro, onde um camarada dava a demão, enfiando as alças no *cabeçote* e escorava a *cangalha*, enquanto ele corria a pegar outro fardo, restabelecendo do lado oposto o equilíbrio. Vinham os dobros desfazendo as demasias; e, passado o *ligal*, arrojado e preso o *cambito da “sobrecarga”*, o dianteiro desatava ao *cabresto*, enfiava-o à *argola da cabresteira*, e dando um muxoxo ao ouvido da madrinha, estava tomava prestes a saída do trilho, apanhava o balanço rítmico da marcha, e lá ia arfando afora, na matinada bimbalhante dos *guizos e cincerros*.

E o segundo burro, aprestado e solto, àquela toda costumeira que se alongava e ia distanciando do outro lado do córrego, saía logo a passo amiudado, impaciente por morder o primeiro na retranca, mal dando tento do peso morto de dez arrobas e mais que trazia sobre o lombo. E após esse, um a um os demais iam saindo na poeirada do antecedente, desaparecido no cotovelo do atalho. E quando o último sumia além, no gorgulho da rampa, já o segundo lote acangalhado e alerta nas *estacas* recebia os *surrões*, nos primeiros aprestos da partida

Do lado de dentro do rancho, cotovelos fincados sobre o parapeito, Joaquim Percevejo assistia diariamente à saída da tropa. Era um garbo ver como as cores dos lotes se sucediam por escalão, o primeiro de crioulos alentados, o pelo rebrilhando sobre a fartura luzidia das ancas; o segundo alvejante e albino, na mesma abundância de carnes roliças, para dar lugar aos rosados, castanhos-escuros e pelos-de-rato dos terceiro, quarto e quinto lotes, ainda mui arteiros e indiferentes sob o arrocho dos carregamentos... (RAMOS, 1986, p. 78-79 – grifos nossos)

Um estudo como o proposto não se pauta na estigmatização linguística e, conseqüentemente, na estigmatização social. É um estudo que visa analisar a língua em suas variadas manifestações. Na fala do sertanejo é possível reconhecer a identidade do seu grupo social. ao se expressar; sobretudo nos momentos de descrição e de nomeação de objetos de atividades profissionais, o falante expressa a si mesmo e o grupo ao qual pertence. Ele afirma o seu eu e a sua identidade no interior do grupo social em que se insere. O indivíduo sozinho, isolado do seu grupo social, perde sua raiz, seu suporte. Neste sentido, salienta Coelho (1985, p. 47):

[...] um eu sozinho, separado do grupo, da sociedade, é uma presa fácil de desequilíbrio, por se achar desenraizado, sem sustentáculo social de um grupo que o represente e o suporte. Ir de encontro a norma usada por um indivíduo é ao mesmo tempo, ir de encontro ao indivíduo desse grupo.

O fenômeno linguístico caracteriza-se pela sua dinamicidade, pois nada existe na língua sem antes ter se pautado nos atos de falas dos indivíduos. A língua compõe-se de um acervo (léxico) e este tem sua realização nos atos de fala. Ela é modelo e produto, acervo e atividade. Sendo a língua um conjunto de possibilidades e a fala a realização destas possibilidades, a norma é a opção social e história de escolha desta realização. Porém, esta opção é demarcada pelo contexto em que se insere, pois não pode o falante escolher uma norma que não esteja de acordo com o contexto, uma vez que isso prejudicará o processo de decodificação da mensagem.

O estudo das variedades linguísticas não se restringe apenas as manifestações de caráter geográfico ou social. Entendendo que o indivíduo, através do processo comunicativo, manifesta sua individualidade, enfatizamos a existência de uma variação delineada no plano da realização concreta da língua (fala). Neste aspecto, através da fala detectamos elementos da personalidade, da individualidade do falante.

Com relação a esta manifestação individual é possível detectar duas modalidades de variações: o idioleto e o nível de fala. O idioleto refere ao modo individual de comunicação, ao estilo. Nível de fala decorre das situações variadas de comunicação nas quais se insere o falante. Destaca Coelho (1985. p. 107) que:

[...] toda e qualquer pessoa aprende uma língua através de uma norma específica, mas, ao realizar sua mensagem, deixará explicitadas, mesmo que disso não perceba ou tenha consciências, marcas individualizantes de sua personalidade.

Assim é que, num processo de comunicação, diferenciamos um falante de outro através de suas indiosiocrazias. Mesmo pertencendo ao determinado grupo ou comunidade linguística, o indivíduo mantém seu estilo individual de comunicação, o seu jeito próprio de se comunicar linguisticamente. Entre os tropeiros e boiadeiros, cada ator social deste grupo deixa transparecer a marca de seu eu, de sua individualidade, em sua fala. A escolha de um léxico em detrimento de outro, a entonação da voz, a forma de pronunciar constituem marcas desta individualidade.

O comportamento humano também se manifesta através da linguagem. Ao utilizar a língua numa situação concreta, o falante adequa a sua mensagem a situação em que está inserido. É o chamado nível de fala que se evidencia na adequação da fala ao contexto social. Coelho (1985, p. 109), enfatiza que "a norma é uma variação no plano social do código, e o nível de fala, uma variação no plano da realização individual da mensagem". Assim, o que define o nível de fala é a situação na qual se inserem os sujeitos do ato comunicativo, ou seja, tanto situações internas quanto situações externas conduzem o falante a esta adequação linguística.

Entendendo que o léxico é o repertório linguístico à disposição do falante para uso nas situações de comunicação, é necessário destacar que, muitas vezes, as lexias podem ser agrupadas em campos, dada a relação entre elas e o seu referente. Na próxima seção, discutiremos algumas noções de campos léxicos, que se fazem pertinentes a este trabalho.

2.1 Campos léxicos

Como podemos perceber, as manifestações culturais de um povo se firmam na língua, uma vez que o léxico perpassa as manifestações sociais e culturais, permitindo aos falantes expressar seus saberes. Dessa forma, compreendendo o léxico como o inventário linguístico à disposição dos falantes, observamos que estes elementos se agrupam na formação de campos léxicos, os quais podem ser agrupados, por exemplo, em animais, objeto de trabalho, práticas profissionais. Este agrupamento se dá de forma específica por possibilitar ao sertanejo se afirmar enquanto tal e manifestar, assim, seus saberes e forma de vida. Os animais permitem aos sertanejos estabelecerem-se enquanto tropeiros e boiadeiros. Assim, o sertanejo nomeia, específica, caracteriza tais animais de maneira própria. Através dos objetos de trabalho, percebemos a afirmação do sertanejo enquanto sujeito que faz da lida com as tropas e boiadas sua referência de vida. Da mesma forma, as práticas profissionais elaboradas pelos sertanejos estão imbricadas de seus saberes, adquiridos ao longo de sua existência e transformados de acordo com suas necessidades.

O levantamento dos campos léxicos contribui para legitimar as relações entre língua, cultura e sociedade que perpassam este trabalho. Observamos, portanto, que algumas formas lexicais conservaram-se no tempo enquanto outras sofreram um processo de adaptação ou

alteraram-se significativamente devido ao implemento de práticas modernas ao trabalho rural e, especificamente, a substituição do trabalho com tropas e boiadas por formas de transporte modernizadas.

Os campos léxicos constituem-se com um subsistema aberto composto por estruturas lexicais semelhantes e relacionadas semanticamente. Estas relações se enfatizam ao caracterizar, ao descrever, ao analisar objetos e práticas dos tropeiros e boiadeiros. Assim, o campo lexical define-se como um conjunto de palavras que se relacionam por seu caráter de proximidade e semelhança semânticas. Neste sentido, Paula (2007, p. 116) destaca que:

[...] organizar o léxico de uma língua pelos conceitos conferidos aos usos parece mais pertinente porque é nesta esfera, a do uso cotidiano e comum da língua, que se estabelece o léxico correntemente absorvido pelas relações do homem com os seus semelhantes e destes com a natureza, independentemente dos avanços da ciência. Ressalta-se, ainda, que muitos saberes científicos provieram destes saberes empíricos, destas formas lógicas de organizar o mundo e, especialmente, de organizar a língua que o significa.

O homem possui uma constante necessidade de nomear os objetos, as práticas, os saberes que compõem a sua existência. O léxico encontra-se em constante modificação, como bem pudemos ver no *corpus* em análise. Estudar o léxico nos faz considerar a existência de campos léxicos, uma vez que o inventário linguístico do falante é um todo organizado e complexo. Um item lexical, em muitos casos, só é compreendido em sua totalidade, a partir do momento em que é analisado na sua relação com o contexto, considerando que a palavra, por sua vez, integra um campo amplo de significação – campo léxico.

Como o léxico se relaciona com a história e com a cultura de um povo, é a partir das relações sociais que ele recria e amplia os conhecimentos produzidos pelas gerações. Neste sentido, é evidente que as lexias não se encontram de maneiras isoladas nesta formação de repertório de linguístico, mas elas se organizam na memória dos falantes, mesmo que estes não consigam perceber tal organização.

Já preconizava Saussure (1972) que dentro de um sistema linguístico, os signos apenas possuem uma existência real quando se encontram relacionados com os demais, tanto no aspecto do sintagma quanto no aspecto do paradigma. Segundo ele, "no interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas, se limitam reciprocamente" (Saussure, 1972, p. 135).

Ao analisar uma língua, portanto, devem ser consideradas as relações mais íntimas possíveis existentes entre as palavras. O significado de uma lexia apresenta traços comuns com outras lexias quando possuem como referente uma mesma área de conhecimento. Desta forma, em *Tropas e Boiadas* é possível agrupar as lexias, observando a recorrência das mesmas, em animais e suas características, objetos de trabalhos e práticas profissionais. Esta recorrência legitima a ideia de que a existência do sertanejo se consolida em seu trabalho diário com as tropas e com as boiadas.

Os homens necessitam recriarem, todos os dias, as condições naturais e culturais de suas existências concretas. Em diferentes épocas e lugares, as pessoas procuram resolver as existências concretas, criando e transformando suas condições de moradia, transporte, arte, saúde, fé, crenças. São estes valores que norteiam o comportamento humano.

Os sertanejos, recriado por Hugo de Carvalho Ramos, recriam sua existência concreta através do trabalho com as tropas e com as boiadas. As tropas se relacionam ao trabalho do homem no que se refere ao transporte de pessoas e de mercadorias, quanto a boiada pode ser caracterizada como a mercadoria que transporta a si mesma. Desta forma, vejamos a organização de algumas lexias em campos léxicos:

2.1.1 - Macrocampo – *Instrumentos de trabalho*

Quadro 1 – Macrocampo – Instrumentos de trabalho:

Microcampo – Arreios	
<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Albardana	<i>“... mão firme na ponteira do chicote que se apoiava à albardana acolchoada da sela bela-vistense...” (PR, p. 77)</i>
Arção	<i>“E partiu, no passo ronzeiro da mula cambota, pedependendo no arção, as pálpebras inchadas, num sono invencível de sapo borracho” (MV, p. 38)</i>
Arrejata	<i>“Dentre o contínuo lantejoulamento das arrejatas suntuosamente revestidas, a moirama passava em árdegos serbunos, crinas entrelaçadas, ferradurase</i>

	<i>cascos dourados rebrilhando ao longe...” (GG, p. 111-112)</i>
Arreio	<i>“Levantei-me da roda em que estava, no puxado dos bezeros; passei a perna por cima da cerca e endireitei para o paiol de milho, onde tinha os arreios.” (PP, p. 70)</i>
Baixeiro	<i>“Logo no princípio, deu pancas o animal para deitar-lhe em riba os baixeiros da cutuca.” (PP, p. 70)</i>
Barrigueira	<i>“... para que conseguisse apertar a barrigueira e abotoar o freio de barbicacho sobre o pelo virgem do danado.” (PP, p. 70)</i>
Bridas	<i>“... desatou com presteza as bridas das cabresteiros, foi prendendo às estacas a mulada...” (CT, p. 31)</i>
Bruaca	<i>“O cabra, atentando na lombeira da burrada, tirou dum sorrãozinho de ferramentas, metido nas bruacas da cozinha, o chifre de tutano de boi...” (CT, p. 31)</i>
Cabeçada	<i>“Muitas vezes, chocalhando a guizalhada dos peitorais e cincerros sonoros da cabeçada de prata reluzente...” (BM, p. 42)</i>
Cabrestame	<i>“... passava revista à burrada, em fila ao longo do parapeito, o cabrestame em cruz sobre a testeira aberta, e mui vivaz e solerte à voz do patrão...” (PR, p. 77)</i>
Cabresto	<i>“Guiada pelo chocalho da madrinha, levada no cabresto, à mão do dianteiro, a tropa desatrelada enveredou pela devesa, redambalando por intervalos cada polaco...” (CT, p. 32)</i>

Caçamba	<i>“O caipira afrouxou a barrigueira do pedrês, sacudiu de riba a sela, e as caçambas de pau entrechocando-se uma na outra, foi guardá-la ao paiol.” (GG, p. 104)</i>
Cambito	<i>“... afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um caramarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões. (CT, p. 31)</i>
Cangalha	<i>“O tropeiro empilhou a carregação fronteira aos fardos do dianteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre.” (CT, p. 31)</i>
Cangalhada	<i>“A cangalhada, vermelha, à luz da fogueira e rebuçada em ligais, amontoava-se em forma de toca ao pé da árvore...” (BP, p. 65)</i>
Cilha	<i>“O rapaz desenfreou, prestes, a mula no rancho dos tropeiros; desapertada a cilha, dependurou os arreios num caibro do teto...” (GG, p. 95)</i>
Coxonilho	<i>“ – E mecê vai olhando as encomendas, que a demora também é pouca, ajuntou Benedito, trago aí debaixo dos coxonilhos um sapiquá, manda o pequeno buscá-lo lá no rancho, enquanto baralho cá uma corrida com esta rapaziada.” (GG, p. 99)</i>
Cutuca	<i>“Na quinta-feira das Dores, o sol ia descambando, o patrão manda-me chamar, passar a cutuca no lombilho do matungo, e partir sem detença para o povoado, uns papéis de eleição bem arrumadinhos na patrona” (CT, p. 32)</i>
Estribo	<i>“Não é por querer gabar, mas no lombo dum malcriado, estribos bem justos, o que prometia, fazia mesmo.” (PP, p. 69)</i>

Freio	<i>“A potranca, surda aos reclamos do freio, enveredou num galope desatinado naquela direção.” (GG, p. 132)</i>
Freio de barbicacho	<i>“... para que conseguisse apertar a barrigueira e abotoar o freio de barbicacho sobre o pelo virgem do danado.” (PP, p. 70)</i>
Ginete	<i>“E com que arrogância e donaire lhe respondia o Dito na letra, cabriolando o ginete, a lança alçada, dois passos adiante da sua guarda. (GG, p. 111)</i>
Ligal	<i>“... afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um caramarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões. (CT, p. 31)</i>
Patrona	<i>“Trago aqui na patrona as cartas do correio e um maço de jornais. O Major manda dizer que rompeu com o partido, à vista das últimas eleições; o resto vem aí relatado na carta.” (GG, p. 105)</i>
Peitoral	<i>“Muitas vezes, chocalhando a guizalhada dos peitorais e cincerros sonoros da cabeçada de prata reluzente...” (BM, p. 42)</i>
Pelego	<i>“À noite, repasto feito, descansava o pessoal recostado sobre as retrancas e pelegos dos arreios.” (CT, p. 32)</i>
Rédea	<i>“ – Um homem é homem, mecês bem sabem; atravessei o punga no caminho, encurtei as rédeas e escrutei melhor a vista, já acostumado à escuridão.” (CT, p. 33)</i>
Retranca	<i>“À noite, repasto feito, descansava o pessoal recostado sobre as retrancas e pelegos dos arreios.” (CT, p. 32)</i>
Sela	<i>“Desviei o meu bicho para uma pequena macega de sapé, pus-me abaixo da sela, amarrei seguro as bridas a um</i>

	<i>tronco a um tronco de imbiruçu e voltei atrás...</i> (CT, p. 33)
Selim	<i>Acendeu o cigarro, desengonçou-se de novo no selim, e até o pouso próximo não lhe arranquei mais uma única palavra.</i> (PP, p. 72)
Silhão	<i>“... as corriolas verdolengas, denunciadas à distância pela fragrância intensa e mangabas e guabiobas, que trazia jacazinhos, sob o gancho do silhão”</i> (GG, p. 129)
Sobrechincha	<i>“Aguentaria firme ainda, não fora a traição da barrigueira e sobrechincha que arreventaram no esforço...”</i> (PP, p. 71)
Suadouro	<i>“Entrando, ele foi assentar-se num amontoado de suadouros de cangalha que ali estavam empilhados para atalhar e pôs-se a ouvir em silêncio a conversa.”</i> (GG, p. 123)
Surrão	<i>“... afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um caramarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.</i> (CT, p. 31)
Testeira	<i>“... passava revista à burrada, em fila ao longo do parapeito, o cabrestame em cruz sobre a testeira aberta, e mui vivaz e solerte à voz do patrão...”</i> (PR, p. 77)
Varal	<i>“Assentados sobre os calcanhares, os primeiro chegados – cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes aos varais – espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguenque as rodelinhas finas...”</i> (CT, p. 31)

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Boca-de-sino	<i>“... Deodato olhava-os também, mui vivo, procurando armar o cão emperreado do seu boca-de-sino...” (GG, p. 125)</i>
Caçadeira	<i>“... clavinotes e caçadeiras dependuradas dos cabides, o fazendeiro media às passadas o aposento, como outrora o senhor feudal cruzando as lájeas de sua sala d’armas...” (GG, p. 118)</i>
Carabina	<i>“ – A Dindinha que não se arrecesse, sabia com quem lidava; demais, se o preto emproasse, ali estava ele mais a carabina para quebrar as proas que fossem aparecendo.” (GG, p. 122)</i>
Caxerenguengue	<i>“Assentados sobre os calcanhares, os primeiro chegados – cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes aos varais – espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguengue as rodelinhas finas...” (CT, p. 31)</i>
Clavinote	<i>“Joaquim da Tapera voltou-se então, ufaneiro, na cutuca velha; aprumou o clavinote que trouxera a tiracolo para um galho de gameleira, pipocando estrondoso tiraço.” (GG, p. 104)</i>
Coronha	<i>“Eu atravessara o meu pampa campeador no meio do caminho, a coronha da lazarina sobre o serigote dos arreios...” (N, p. 53)</i>
Faca de arrastro	<i>“Já Joaquim Percevejo, o arrieiro, era um tipo bem diverso do patrão. Com uma longa faca de arrastro sustida ao correão da cinta...” (PR, p. 78)</i>
Facão	<i>“ – Que seu Juvêncio desculpasse, mas tinha as cadeiras rendidas por uns fardos que erguera em seus tempos de tropeiro; e a mais, a mão esquerda aleijada duma cortadura de facão feita havia anos.” (GG, p. 135)</i>

Franqueira	<i>“... saltou-lhes à frente, a garrucha na destra, a franqueira na outra, desmascarando num berro a esperteza...”</i> (GG, p. 120)
Garrucha	<i>“Este, garrucha em punho, aperreado os gatilhos, virara-se no arçã, mirando a caveira de boi-espácio que alvejava na forquilha do cercado.”</i> (GG, p. 105)
Jacaré	<i>“O réptil, mostrando a língua bífida, chispando as pupilas em cólera, a fitá-lo ameaçador, preparava-se para novo ataque ao importuno que viera arrancá-lo da sesta; e o caboclo, voltando a si do estupor, num gesto instintivo sacou da bainha o largo “jacaré” inseparável, amputando-lhe a cabeça dum golpe certo.”</i> (NP, p. 74, grifo do autor)
Rifle	<i>“Mas a clavina chapeada ou o rifle de estimação, topa dependurado, ao alcance, no gancho da parede, junto à patrona couro d’onça bem fornida de cartuchos.”</i> (GG, p. 133)
Sobre-punhal	<i>“Foi uma roda-viva. Um deles pôs-se logo a tremer, acovardado; mas o baiano, sujeito atirado e quizilento, encrespou o sobrolho, rugiu cinco desaforos e quis “abecá-lo” pelas costas, armado dum sobre-punhal que sacara do cabo do rebenque.”</i> (GG, p. 120)
Trabuco	<i>“Ao aproximar, deram uma descarga de trabucos, que a camaradagem do sítio replicou com salvas de roqueiras.”</i> (GG, p. 111)

Microcampo – Açoites

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Açoiteira	<i>“... raspando-se no peitoril duma janela, que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira”</i> (MV, p. 37)
Chicote	<i>“... mão firme na ponteira do chicote que se apoiava à albardana acolchoada da sela bela-vistense...”</i> (PR, p. 77)

Pirai	<i>“...atravessando sem parar o pirai na faixa encarnada na cinta, entre a espera da garrucha...”</i> (CT, p. 31)
Rabo-de-tatu	<i>“ – Não lhe conto nada, meu patrão, o certo é que não sei por que artes e manhas do tinoso, quando supunha já ser ocasião de sujigá-lo nas esporas e tacadas de rabo-de-tatu aplicadas a preceito...”</i> (PP, p. 71)
Rebenque	<i>“Foi uma roda-viva. Um deles pôs-se logo a tremer, acovardado; mas o baiano, sujeito atirado e quizilento, encrespou o sobrolho, rugiu cinco desaforos e quis “abecá-lo” pelas costas, armado dum sobre-punhal que sacara do cabo do rebenque.”</i> (GG, p. 120)
Relho	<i>“... sob o estalo do relho, na outra aba do rancho, poucas braças adiante da barraca do patrão”</i> (CT, p. 31)

Microcampo – Animais (instrumentos de trabalho)

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Alazão	<i>“... um macho perrengue de aluguer, ou o lépido alazão Dourado, em férias...”</i> (DC, p. 171)
Besta	<i>“O nagoa, furtando-se à velha dívida do ajuste, abrira o pala à meia-noite, montado na melhor besta de sela da fazenda.”</i> (GG, p. 118)
Castanha	<i>“Cavalgava a eguita castanha, nesse tempo muito nova e extremamente arisca.”</i> (GG, p. 132)
Fouveiro	<i>“O pangaré piolhento corria agora mais apressado emparelhando-se ao meu fouveiro, num pacata furto-passo, pela estrada esmaecida e pulverulenta em fora, na cadência monótona, rítmica de viajero, como se quisesse arrancar do amo o peso esmagador daquela recordação do passado...”</i> (PCV, p. 168)
Frontaberta	<i>“ – Noite escura e má, patrãozinho. O macho frontaberta de orelha murcha e pelo arrepiado como o pinto pelado da história, cabeceava macambúzio, lembrando meu</i>

	<i>velho tio Hilário ao fogo da trempe de pedra, no nosso rancho de Ipanema, a ruminar lembranças e saudades da vida antiga de arrieiro...</i> ” (PCV, p. 165)
Jaguané	<i>“Achei esquisito. Joguei o jaguané a galope: galoparam também, ganhando distância, a desaparecer no sombreado espesso das árvores.”</i> (BP, p. 66)
Madrinha	<i>“Guiada pelo chocalho da madrinha, levada no cabresto, à mão do dianteio, a tropa desatrelada enveredou pela devesa...”</i> (CT, p. 32)
Matungo	<i>“Na quinta-feira das Dores, o sol ia descambando, o patrão manda-me chamar, passar a cutuca no lombilho do matungo, e partir sem detença para o povoado, uns papéis de eleição bem arrumadinhos na patrona”</i> (CT, p. 32)
Mula	<i>“ – Quanto à mula, seu moço, dissera em consciência o arrieiro, pode levar consigo...”</i> (GG, p. 134)
Mula cambota	<i>“E partiu, no passo ronçeiro da mula cambota, pedependendo no arção, as pálpebras inchadas, num sono invencível de sapo borracho”</i> (MV, p. 38)
Pangaré	<i>“O sertanejo velho levou a mão ao chapéu, couro de catingueiro curtido, descobriu a grenha hirsuta, desengonçando-se no pangaré piolhento, sorumbático e caduco.”</i> (PCV, p. 165)
Pampa	<i>“O Malaquias, que lhe sabia das escapadelas, ao vê-lo noutra dia como sempre, laço à garupa, forte e desempenado, ao alto do seu pampa campeador, botava a mão no queixo...”</i> (GG, p. 91-92)
Pedrês	<i>“O caipira afrouxou a barrigueira do pedrês, sacudiu de riba a sela, e as caçambas de pau entrechocando-se uma na outra, foi guardá-la ao paiol.”</i> (GG, p. 104)
Piquira	<i>“Mas o seu companheiro vira de longe o perigo; numa corrida desenfreada, fincando esporas ao piquira,</i>

	<i>chegou ainda a tempo de alcançar a poldra entrando de raspão no curral...” (GG, p. 132)</i>
Poldra	<i>“Mas o seu companheiro vira de longe o perigo; numa corrida desenfreada, fincando esporas ao piquira, chegou ainda a tempo de alcançar a poldra entrando de raspão no curral...” (GG, p. 132)</i>
Potranca	<i>“A potranca, surda aos reclamos do freio, enveredou num galope desatinado naquela direção.” (GG, p. 132)</i>
Queimado	<i>“ – Não resta dúvida, atalhou o outro; e, enquanto não aparecer, aqui lhe deixo, a fim de evitar transtorno na condução, o meu macho queimado. Até lá, vai-se remediando com ele...” (GG, p. 134)</i>
Rosilho	<i>“O Vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escorreito e desempenado, rosilho campeador...” (MV, p. 40)</i>
Ruana	<i>“Figura única aquela, como única a andadura da ruana, de postura e qualidades tão bem gabadas e discutidas como as vantagens pessoais de seu dono.” (PR, p. 77)</i>
Sendeiro	<i>“Afinal, não ganhava nem perdia, e o pingo a resfolegar já bambo. Sofreei a marcha. Os pretos, bufando alto debaixo da carga, regularam logo a sua andadura pela minha. Pus o sendeiro a passo: eles, do mesmo modo, pausados, em cadência, recomeçaram o movimento primitivo, a passo, desocupados.” (BP, p. 67)</i>
Podengo	<i>“E naquele vira-tem-mão do taquaral esconjurado, a cabeça zanzou logo à toa, e ele perdera o roteiro. Tocou então sem rumo certo, na fiúza do faro de podengo do macho frontaberta...” (PCV, p. 166)</i>
Zebu	<i>“Nas várzeas umentes de jaraguám um e outro mestiço zebu passeia pachorrento e indiferente, ao borrifo.” (DC, p. 172)</i>

Microcampo: Plantas/Comida dos animais

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Jaraguá	<i>“E mal ouvissem o passo dum anima na devesa, papacaps, coleiros e patativas erguiam dentre moitas cacheadas de jaraguá o voo frustré...” (GG, p. 129)</i>

Microcampo – Vestimentas (instrumentos de trabalho)

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Alpercata	<i>“Por ali passavam tropas mineiras dalém Paraíba – rijos tocadores palmilhando as alpercatas de couro cru pela extensão ardente e arenosa das estradas...” (BM, p. 41)</i>
Guarda-peito	<i>“O Vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escoreito e desempenado, rosilho campeador...” (MV, p. 40)</i>
Pala	<i>“E como tinha boa alma, ajudou-o a enterrar o rapaz e passou ali ao pé do fogo o resto da noite, embrulhado no pala, bebericando café, que o velho veio aprontar, e procurando consolá-lo e entretê-lo como o seu proseado fácil de mestiço imaginoso.” (GG, p. 94)</i>
Perneira	<i>“O Vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escoreito e desempenado, rosilho campeador...” (MV, p. 40)</i>
Ponche-pala	<i>“Apeei. A chuva deixava de pingar pelo beiral palha de arroz velha da casa. Desacolchetei o ponche-pala, desencilhei o frontaberta...” (PCV, p. 166)</i>

Microcampo – Outros instrumentos

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Alforjes	<i>“... com uma bochechada cheia da boa e rascante pinga da terra, quando, as mais das vezes, não a traziam eles já nos alforjes bem fornidos da garupeira, e lá não fossem senão atraídos e tentados pelos langorosos e quebrantadores da bela cabocla-arteira...” (BM, p. 42)</i>

Almanjarra	<i>“Via-se pequena, na casa do engenho. A chuva corria grossa pelos beirais de telha-vã, descia em rego ao longo das almanjarras, e a espaços, com as rajadas de vento, vinha fustigar-lhes o rosto...” (GG, p. 131)</i>
Arrocho	<i>“... afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um caramarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões. (CT, p. 31)</i>
Atilho	<i>“Não duvidei, porém, em afastar o pessoal, afrouxar os atilhos, bambear a laçada.” (PP, p. 70)</i>
Balaio	<i>“O resto da mobília espalhava-se em torno, meia dúzia de tamboretas de couro tauxiado ao pé da mesinha de costura, de cujo balaio transbordavam entremeios de croché...” (GG, p. 97)</i>
Bigorna	<i>“Na casa da oficina, temperam os ferros enferrujados, rebatem na bigorna uma marca nova para o filho do patrão, que já tem aquele ano a sua ponta separada” (GG, p. 128)</i>
Cabaça	<i>“Por aquele tempo, o Saci andava desesperado. Tinham-lhe surripiado a cabaça de mandinga. O moleque, extremamente irritado, vagueava pelos fundões de Goiás.”(OS, p. 75)</i>
Caçarola	<i>“Um cheiro forte, de banha fresca derretida, vinha lá de dentro; crepitavam os gravetos do fogão e a gordura na caçarola.” (GG, p. 98)</i>
Cachorro da espora	<i>“Em pontas de pé, dissimulando o tilintar das rosetas no cachorro das esporas, Zeca Menino alcançou o alpendre à banda, desamarrou a mula estradeira e voltou montado ao oitão da casa, raspando-se no peitoril duma janeira,</i>

	<i>que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira” (MV, p. 37)</i>
Candeia	<i>“... quando lá fora talvez buscar a candeia de azeite e se deixara ficar, vencida do sono...” (MV, p. 38-39)</i>
Caldeirão	<i>“... já na trempe do rancho, sob o buriti do olho-d’água, se pousavam ao relento, chiava o caldeirão do cozinheiro...” (PR, p. 78)</i>
Capota	<i>“... vinha encostá-lo à capota do cargueiro, onde um camarada deva demão, enfiando as alças no cabeçote e escorava a cangalha...” (PR, p. 78-79)</i>
Chifre de tutano	<i>“Dependurou o chifre de tutano com que lhe engraxava o pelo na argola de recavém dum carro, saiu às pressas do puxado dos tropeiros, rumo da casa-grande...” (GG, 118)</i>
Cincerro	<i>“Calara. Cincerros distantes chocalhavam, longe, pelo encosto da devesa.” (CT, p. 34)</i>
Cornimboque	<i>“Assentados sobre os calcanhares, os primeiro chegados – cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes aos varais – espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguenque as rodelinhas finas...” (CT, p. 31)</i>
Cuia	<i>“Ponha mece numa cuia uma mancheia de sal torrado bem moído, vai dando a salga ao animal por debaixo do sovaco...” (GG, p. 97)</i>
Cuité	<i>O cabra abeirou, apossou-se do cuité fumegante que lhe estendia o cozinheiro...” (CT, p. 31)</i>
Dobro	<i>“ – O sol assim parece que vai descambando, dona, duas horas pelo menos; a mula rosilha vinha sentida dos rins; no segundo e quinto lotes vários burros pisados no espinhaço, pelo atrasamento da carga; os dobros dos da</i>

	<i>frente, mal divididos desde a saída do pouso...” (BM, p. 43)</i>
Embormal	<i>“... ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornais a ração daquela tarde.” (CT, p. 31)</i>
Enxada	<i>“Trabalhadores, enxada à mão, punham-se nas ruas e praças a capinar febrilmente, dentre os interstícios da macadame...” (GG, p. 114)</i>
Espora	<i>“E retinindo nos “cachorros” de ferro batido os grossos rosetões, rendilhados em crivo, do par d’esporas, entrava ele sala adentro...” (BM, p. 44)</i>
Esporim	<i>“Sempre num terno de brim milagrosamente escapo à poeira das estradas, as botas de verniz mui lustrosas sob a prata dos esporins, um lenço de seda negra cingindo em fofo pela aliança de ouro o pescoço desafogado...” (PR, p. 77)</i>
Estaca	<i>“... e os lotes completos, em fila nas estacas, babujando já a quirera da ração matutina...” (PR, p. 78)</i>
Ferradura	<i>“Dentre o contínuo lantejoulamento das arreiatas suntuosamente revestidas, a moirama passava em árdegos serbunos, crinas entrelaçadas, ferraduras e cascos dourados rebrilhando ao longe...” (GG, p. 111-112)</i>
Ferrão	<i>“O vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho...” (MV, p. 40)</i>
Freme	<i>“... curando aqui uma pisadura antiga, ali raspando, coma aspereza dum sabuco, o dolorido dum inchaço em princípio, aparando além com o gume do freme os rebordos das feridas de mau caráter. (CT, p. 31)</i>
Guizo	<i>“... apanhava o balanço rítmico da marcha, e lá ia arfando estrada afora, na matinada bimbalhante dos guizos e cincerros.” (PR, p. 79)</i>

Jirau	<i>“Ele olhava apatetado, sem compreender; foi à cozinha, na esperança de encontrá-la dobrada sobre o jirau de mantimentos...” (MV, p. 38)</i>
Laço	<i>“O Malaquias, que lhe sabia das escapadelas, ao vê-lo noutra dia como sempre, laço à garupa, forte e desempenado, ao alto do seu pampa campeador, botava a mão no queixo...” (GG, p. 91-92)</i>
Mão de pilão	<i>“Da cozinha, no meio-dia ardente, vinha o baque alternado das mãos de pilão esmoendo a canjica” (GG, p. 129)</i>
Mariquita	<i>“No gancho da mariquita, especada sobre o brasido, refervia o bom adubo da feijoada...” (CT, p. 32)</i>
Masseira	<i>“E pronto, revirou a masseira em que se achavam, cavada num tronco largo de tamboril, arrastou-a até a margem do rio, e arremangando as calças acima do joelho, impeliu-a para dentro.” (GG, p. 131)</i> <i>“E o parceiro foi de novo atirar-se à torrente repor no lugar a masseira, enganchada lá embaixo, num espinharal de malícias (GG, p. 131)</i>
Moirão	<i>“Com uma lançada mestra, amarrei-o à argola do moirão; mesmo assim preciso foi uma faixa escura na vista...” (PP, p. 70)</i>
Monjolo	<i>“A bica do monjolo corria embaixo, um fio tênue, indo empoçar-se lá no fundo do açude do mangueiro...” (GG, p. 128)</i>
Patuá	<i>“ – Nada, o nagoa era arteiro, trazia patuá bento contra ferro alheio; e, para gente curada...” (GG, p. 119)</i>
Peia	<i>“...preciso foi uma faixa escura, peia de pernas e torniquete nas orelhas, bem torcido pelo cabra...” (PP, p. 70)</i>
Pilão	<i>“Rondam os vaqueanos os malhadouros frequentados, onde as vacas amojaram na força da lua; e em pilões da</i>

	<i>cozinha, o mulherio soca e peneira o sal para o cocho das salgadeiras.” (GG, p. 127-128)</i>
Pinguela	<i>“... a pinguela do rio transbordou légua abaixo, no atalho mais seguro.” (GG, p. 139)</i>
Piquá	<i>“Um tropeiro sacou do piquá que trouxera a tiracolo, o pinho companheiro dessas caminhadas no sertão...” (CT, p. 32)</i>
Polaco	<i>“Uma peia garantida nesse macho crioulo, ó Joaquim, que não dê outro sumiço; olá, mudem o polaco da madrinha, bate soturno esse cincerro.” (CT, p. 32)</i>
Porteira	<i>“A porteira estava aberta, uma trave atravessada no furo mais alto dos moirões.” (TB, p. 132)</i>
Roseta	<i>“Em pontas de pé, dissimulando o tilintar das rosetas no cachorro das esporas, Zeca Menino alcançou o alpendre à banda, desamarrou a mula estradeira e voltou montado ao oitão da casa, raspando-se no peitoril duma janeira, que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira” (MV, p. 37)</i>
Tamborete	<i>“Sentado ao canto num tamborete, pernas trançadas...” (GG, p. 139)</i>
Trempe	<i>“... foi, e apenas o bichano, mui gordo e ronronento abriu para ele da trempe do borralho onde se aboletara...” (MV, p. 39)</i>
Torniquete	<i>“...preciso foi uma faixa escura, peia de pernas e torniquete nas orelhas, bem torcido pelo cabra...” (PP, p. 70)</i>

No próximo quadro, apresentamos o *macrocampo carro-de-bois*, pois sentimos a necessidade de mencioná-lo de maneira separada, uma vez que as lexias levantadas nesse macrocampo muito tem a expressar acerca da cultura do sertanejo. Assim, devido a esta

importância das lexias, optamos por apresentá-las em um macrocampo específico. Em seguida apresentamos o quadro referente ao macrocampo trabalhadores, que se destaca também pela importância de suas diferentes lexias que se refere aos diferentes tipos de trabalhos desenvolvidos pelos tropeiros e condutores de gado.

2.1.2 - Macrocampo – *Carro-de-bois*

Quadro 2 – Macrocampo – *Carro-de-bois*

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Canga	<i>“Desajoujados da canga, os bois foram soltos no mangueiro...” (GG, p. 105)</i>
Carro de bois	<i>“... apareciam de vez em vez, ao longo dos carris profundos deixados à passagem pela roda ferrada dos pesados carros de bois...” (BM, p. 41)</i>
Munhão	<i>“Deixando atrás a longa trilha paralela do ferro das rodas, rolava um carro encosta abaixo, ao passo vagaroso da parelha de bois, o eixo lamuriando à distância ao atrito dos munhões, vindo das plantações do outro lado da baixada.” (GG, p. 103)</i>
Recavém	<i>“Dependurou o chifre de tutano com que lhe engraxava o pelo na argola de recavém dum carro, saiu às pressas do puxado dos tropeiros, rumo da casa-grande...” (GG, 118)</i>
Roda	<i>“E como a lua surdia no horizonte, como uma enorme roda de carro, avermelhada e triste dentre os vapores das derradeiras queimadas...” (GG, p. 132)</i>

2.1.3 - Macrocampo – *Trabalhadores*

Quadro 3 – Macrocampo – *Trabalhadores*

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Arrieiro	<i>“Em Santa Rita, um arrieiro deu-lhe notícias seguras da estada do nagoa em Caldas Novas – vendera-lhe a besta de sela por uma tutaméia...” (GG, p. 134)</i>
Boiadeiro	<i>“Eram as primeiras levas que o Estado exportava naquelas paragens, tangidas pela vaqueirama encourada dos boiadeiros, que por ali penetravam o sertão, a tirar as boiadas luzidas com que iriam abarrotar os mercados e feiras dalém Paranaíba.” (GG, p. 135)</i>
Campeiro	<i>“... para onde tangiam os campeiros de manhã a tropa das pastarias adjacentes...” (GG, p. 128)</i>
Culatreiro	<i>“...instigado pelo culatreiro empoeirado e suarento, a desaparecer no cotovelo verdejante da serrota...” (BM, p. 45)</i>
Guia	<i>“... e o guia, um latação destorcido, sobrinho de João Vaqueiro, que se tinha deixado ficar ainda aquele dia no canavial...” (GG, p. 105)</i>
Nadador	<i>“Mas a mulher do nadador veio à porta dizer que sentia muito, mas naquela ocasião o seu homem não podia apanhar molhado, em resguardo ao ataque de sezões...” (GG, 135)</i>
Passador	<i>“ – Êh! Chico, é tanger para o outro lado do rio a boiada, antes que o dia vá de todo descambando. Olá, que é do passador? Ó Totonio, dá um pulo à casa desse homem, e avisa que é tempo de passar os meus bois.” (GG, p. 135)</i>
Rancheiro	<i>“Atravessara o Meia-Ponte em Pouso Alto. Seguindo as informações que lhe dera um rancheiro perto de Morrinhos, enveredou pelo sertão das Abóboras...” (GG, p. 133)</i>
Sitieiro	<i>“... o viandante vareja muitas vezes a casa do sitieiro, sem que encontre um punhado de farinha, um taco de rapadura</i>

	<i>ou a manta de carne –seca no jirau de mantimentos...”</i> (GG, p. 133)
Tropeiro	<i>“ – Que seu Juvêncio desculpasse, mas tinha as cadeiras rendidas por uns fardos que erguera em seus tempos de tropeiro; e a mais, a mão esquerda aleijada dum cortadura de facção feita havia anos.”</i> (GG, p. 135)

A amplitude lexical de uma língua confere a ela uma dinamicidade e também possibilita o registro da experiência cotidiana. Neste sentido, Biderman (1981), ao definir léxico, o considera o tesouro vocabular de uma determinada língua, que se compõe a partir de conceitos do mundo físico e do mundo cultural, do passado ao presente. Não objetivamos aqui aprofundar nosso estudo sobre as diferentes posições de autores que debruçaram sobre o estudo dos campos léxicos. Esta discussão caracteriza-se apenas como uma subseção do estudo sobre norma linguística. Destacamos, contudo, o fato de que as palavras mantêm entre si uma intrínseca ligação. O que nos interessa é proceder a um levantamento de alguns campos léxicos, partindo das relações associativas de ideias e de significados.

O próximo capítulo destina-se à metodologia do fazer a pesquisa proposta.

III - METODOLOGIA

3.1 Procedimento

Para a realização do presente trabalho, seguimos um procedimento metodológico que fosse capaz de conferir-lhe validade e que justificasse todo esforço depreendido.

A primeira preocupação foi a escolha da edição da obra *Tropas e Boiadas*, que nos serviria de apoio à pesquisa proposta.

Tropas e Boiadas foi publicada pela primeira vez em 1917, nas oficinas da Revista dos Tribunais, Rio de Janeiro, e constava de 8 (oito) contos, mais a novela “Gente da Gleba”. A segunda edição, em 1922, pela Monteiro Lobato & Cia, foram vinculados mais 3 (três) contos, conforme orientação do autor e as correções efetuadas por ele num exemplar da primeira edição. A terceira edição, de 1943, da Editora Barros Toledo & Comp., de São Paulo, aparece acrescida do texto “Madre de Ouro”. Na quarta edição, em 1950, da Companhia Editora Panorama, São Paulo, mais um conto, “Pelo caiapó velho”, foi acrescentado. E na quinta edição, feita pela José Olympio Editora, em 1965, acrescentou-se o conto “Dias de chuva”, passando a obra definitiva a contar com 14 (quatorze) contos e a novela “Gente da Gleba”.

Escolhemos, para uso desta pesquisa, a 7ª edição, efetuada pela Editora Itatiaia Limitada, de Belo Horizonte, 1986, por várias razões: a- por ser a última edição; b- por apresentar uma *Nota Bibliográfica sobre Hugo de Carvalho Ramos*, redigida por seu irmão, também escritor, Victor de Carvalho Ramos, num texto em 11 páginas, comentando não só a vida do autor, mas também a obra e aspectos de seu processo de criação; c- por apresentar *Ementa de correções feita pelo autor*, correções e alterações no texto da 1ª edição e que deveriam ser consideradas em edições futuras – são 11 páginas de correções e alterações; d- os textos apresentam notas comentadas por Carmo Bernardes; e- e, como posfácio, um ensaio crítico e analítico, *Literatura do Chapadão*, redigido por M. Cavalcanti Proença (p. 173 – 185).

O próximo passo foi a realização de várias leituras minuciosas e atentas, assinalando no próprio texto, a lápis, as lexias referentes às atividades profissionais dos tropeiros e condutores de gado, para logo em seguida lista-las juntamente com os trechos em que apareciam.

A fim de organizar melhor o material coletado, elaboramos um tipo de ficha lexicográfica, que consta além do **número** da ficha, o **dado**, ou seja, a lexia a ser considerada, a **abonação** em que tal lexia aparece e a sua **definição**, como segue o modelo:

Ficha nº
Dado:
Abonação:
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 2. Ortêncio:

Quando a definição da lexia não foi encontrada em um dos dicionários, ou nos dois, colocamos a notação n/e, significando “não encontrado”. A abonação é escrita em itálico e entre aspas, no final, a sigla do conto e a página em que aparece a lexia, entre parênteses, para maior facilidade da leitura. Se a definição da lexia não aparece nos dois dicionários consultados, a elaboramos retirando o seu significado do contexto em que se encontra.

As fichas lexicográficas foram de grande valia na organização dos campos léxicos e na elaboração do trabalho final do Glossário. O glossário foi elaborado a partir das fichas lexicográficas, apresentado as definições encontradas nos dicionários utilizados. Quando não encontradas nesses dicionários, as lexias foram explicadas de acordo com o contexto. Em seguida, apresentamos a abonação escrita em itálico e entre aspas.

3.2 – Fichas Lexicográficas

Ficha 01
Dado: Açoiteira
Abonação: “... <i>raspando-se no peitoril duma janela, que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira</i> ” (MV, p. 37)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 3. Houaiss: 1- ponta de rebenque com que se castiga o animal de montaria. 2- chicote curto que usam os cavaleiros gaúchos. 3- chicote ou relho de carroceiro 4. Ortêncio: espécie de chicote (p. 26)

Ficha 02
Dado: alazão
Abonação: “... <i>um macho perrengue de aluguer, ou o lépido alazão Dourado, em férias...</i> ” (DC, p. 171)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: que ou o que tem o pelo cor de canela, com uma tonalidade simultaneamente castanha e avermelhada (diz-se de cavalo) 2. Ortêncio: diz-se de cavalo cujo pelo é castanho (p. 23)

Ficha 03
Dado: albardana
Abonação: “... <i>mão firme na ponteira do chicote que se apoiava à albardana acolchoada da sela bela-vistense...</i> ” (PR, p. 77)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 04
Dado: relho
Abonação: “... <i>sob o estalo do relho, na outra aba do rancho, poucas braças adiante da barraca do patrão</i> ” (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: chicote de cabo de madeira, usado para tocar animais 2. Ortêncio: chicote (p. 653)

Ficha 05
Dado: pirai
Abonação: “... <i>atravessando sem parar o pirai na faixa encarnada na cinta, entre a espera da garrucha...</i> ” (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: azorrague feito de couro cru 2. Ortêncio: grande chicote trançado de couro cru (p. 597)

Ficha 06
Dado: brida
Abonação: “... <i>desatou com presteza as bridas das cabresteiros, foi prendendo às estacas a mulada...</i> ” (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: o conjunto completo do freio 2. Ortêncio: n/e

Ficha 07
Dado: cambito
Abonação: “... <i>afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.</i> ” (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: pedaço roliço de madeira, usado para torcer ou apertar correias ou cordas (p.ex., as que prendem as cargas ou os arreios de montarias) 2. Ortêncio: pedaço de pau roliço usado para apertar as correias da arriata

Ficha 08
Dado: arrocho
Abonação: “... <i>afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.</i> (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: pedaço de madeira, torto e curto, usado para torcer e apertar as cordas que fixam fardos, cargas etc. 2. Ortêncio: n/e

Ficha 09
Dado: ligal
Abonação: “... <i>afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.</i> (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: couro cru de boi, usado como coberta para proteger da chuva as cargas transportadas por cavalgaduras. 2. Ortêncio: couro cru de boi, usado como cobertura dos carros de bois e cargueiros, para abrigá-los da chuva, e como forro de chão para servir de cama (p. 434)

Ficha 10
Dado: surrão
Abonação: “... <i>afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.</i> (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: saco de couro cru que resguarda objetos da chuva (esp. Cereais) 2. Ortêncio: saco de couro cru (p. 709)

Ficha 11
Dado: cangalha
Abonação: “ <i>O tropeiro empilhou a carga à frente aos fardos do dianteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre.</i> ” (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: artefato de madeira ou ferro, geralmente acolchoado, que se apõe ao lombo das cavalgaduras para pendurar carga de ambos os lados 2. Ortêncio: parte da arreata do cargueiro (p. 157)

Ficha 12
Dado: embornal
Abonação: “... <i>ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornais a ração daquela tarde.</i> ” (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: espécie de saco 2. Ortêncio: bolsa de alça comprida, feita de tecido ou couro; capanga; bernal (p. 286)

Ficha 13
Dado: bruaca
Abonação: <i>“O cabra, atentando na lombeira da burrada, tirou dum sorrãozinho de ferramentas, metido nas bruacas da cozinha, o chifre de tutano de boi...”</i> (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: cada um dos sacos ou das malas rústicas de couro cru us. para transportar objetos, víveres e mercadorias sobre bestas, e que se prendem, a cada lado, nas suas cangalhas, ou vão atravessadas na traseira da sela (mais us. no pl.); buraca 2. Ortêncio: bolsa, saco ou surrão de couro cru que, antigamente, no tempo das jornadas a cavalo, servia de farnel, sendo carregada atravessada no traseiro da sela. Duas bruacas formavam o cargueiro das tropas (p. 125)

Ficha 14
Dado: freme
Abonação: <i>“... curando aqui uma pisadura antiga, ali raspando, coma aspereza dum sabuco, o dolorido dum inchaço em princípio, aparando além com o gume do freme os rebordos das feridas de mau caráter.</i> (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: flame; espécie de lanceta com que veterinários ou ferradores sangram animais 2. Ortêncio: flame; canivete cirúrgico para sangrar animais (p. 331 e p.344)

Ficha 15
Dado: varal
Abonação: <i>“Assentados sobre os calcanhares, os primeiro chegados – cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes aos varais – espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguenque as rodelinhas finas...”</i> (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 1- nos veículos puxados por animal, cada uma das duas varas grossas entre as quais ele é atrelado. 2- nas liteiras, andores, cadeirinhas, esquifes, cada uma das varas grossas em que pegam os carregadores 2. Ortêncio: n/e

Ficha 16
Dado: cornimboque
Abonação: <i>“Assentados sobre os calcanhares, os primeiro chegados – cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes aos varais – espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguenque as rodelinhas finas...”</i> (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: caixa para rapé feita com a ponta de um chifre 2. Ortêncio: no garimpo, ponta de chifre com tampa para guardar fumo ou pedras preciosas (p. 235)

Ficha 17
Dado: caxerenguengue
Abonação: <i>“Assentados sobre os calcanhares, os primeiro chegados – cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes aos varais – espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguengue as rodelinhas finas...”</i> (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: 1- faca desgastada e inútil, às vezes com a lâmina partida ou sem cabo; quecê; quecê. 2- canivete sem préstimo Ortêncio: faca velha, gasta (p. 194)

Ficha 18
Dado: cuité
Abonação: <i>“O cabra abeirou, apossou-se do cuité fumegante que lhe estendia o cozinheiro...”</i> (CT, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: cuia Ortêncio: n/e

Ficha 19
Dado: mariquita
Abonação: <i>“No gancho da mariquita, especada sobre o brasido, refervia o bom adubo da feijoada...”</i> (CT, p. 32)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: n/e Ortêncio: n/e

Ficha 20
Dado: polaco
Abonação: <i>“Uma peia garantida nesse macho crioulo, ó Joaquim, que não dê outro sumiço; olá, mudem o polaco da madrinha, bate soturno esse cincerro.”</i> (CT, p. 32)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: n/e Ortêncio: polaque, cincerro (p. 606)

Ficha 21
Dado: pelego
Abonação: <i>“À noite, repasto feito, descansava o pessoal recostado sobre as retrancas e pelegos dos arreios.”</i> (CT, p. 32)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: 1- a pele do carneiro com a lã. 2- essa pele colocada sobre os arreios para tornar o assento do cavaleiro mais confortável. 3- tapete rústico feito dessa pele

- | |
|--|
| <p>2. Ortêncio: significa, originariamente, manta de pele de carneiro que o peão leva sobre a sela para torná-la macia, porém, sem fazer parte obrigatoriamente da mesma</p> |
|--|

Ficha 22
Dado: retranca
Abonação: : “ <i>À noite, repasto feito, descansava o pessoal recostado sobre as retrancas e pelegos dos arreios.</i> ” (CT, p. 32)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: correia que passa sob a cauda 2. Ortêncio: correia larga que abarca a anca do animal, nas cangalhas (p. 657-658)

Ficha 23
Dado: piquá
Abonação: “ <i>Um tropeiro sacou do piquá que trouxera a tiracolo, o pinho companheiro dessas caminhadas no sertão...</i> ” (CT, p. 32)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: capanga, embornal (p. 596)

Ficha 24
Dado: cabresto
Abonação: “ <i>Guiada pelo chocalho da madrinha, levada no cabresto, à mão do dianteiro, a tropa desatrelada enveredou pela devesa, redambalando por intervalos cada polaco...</i> ” (CT, p. 32)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 1- arreo de corda ou couro que é uma espécie de cabeçada ou buçal sem freio ou embocadura e que serve para prender o animal à estrebaria, estacionamento etc., ou para controlar sua marcha. 2- corda ou correia que prende o cabeçalho à canga; socairo. 3- algo que controla, subjuga, esp. reprimindo, contendo ou prendendo 2. Ortêncio: cabeçada sem freio, própria para pegar animal no pasto (p. 136)

Ficha 25
Dado: cutuca
Abonação: “ <i>Na quinta-feira das Dores, o sol ia descambando, o patrão manda-me chamar, passar a cutuca no lombilho do matungo, e partir sem detença para o povoado, uns papéis de eleição bem arrumadinhos na patrona</i> ” (CT, p. 32)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: sela 2. Ortêncio: tipo de arreo para montaria que consiste em uma sela grosseira, cuja cobertura é removível, podendo-se forrá-la com rede, roupas de uso e panos. Não tem cabeça e os estribos são de madeira (p. 253)

Ficha 26
Dado: matungo
Abonação: <i>“Na quinta-feira das Dores, o sol ia descambando, o patrão manda-me chamar, passar a cutuca no lombilho do matungo, e partir sem detença para o povoado, uns papéis de eleição bem arrumadinhos na patrona”</i> (CT, p. 32)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: 1- cavalo de sela. 2- cavalo comum, sem raça específica. 3- cavalo velho, ruim, sem préstimo. 4- cavalo de má qualidade, que corre pouco Ortêncio: cavalo de sela (p. 479)

Ficha 27
Dado: rédea
Abonação: <i>“ – Um homem é homem, mecês bem sabem; atravesssei o punga no caminho, encurtei as rédeas e escrutei melhor a vista, já acostumado à escuridão.”</i> (CT, p. 33)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: correia presa ao freio do animal de tiro ou de montaria, e que o cavaleiro segura nas mãos ao cavalgar; brida Ortêncio: n/e

Ficha 28
Dado: sela
Abonação: <i>“Desviei o meu bicho para uma pequena macega de sapé, pus-me abaixo da sela, amarrei seguro as bridas a um tronco de imbiruçu e voltei atrás...”</i> (CT, p. 33)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: peça de couro posta sobre o lombo da cavalgadura, sobre a qual senta o cavaleiro e na qual são presos outros apetrechos dos arreios Ortêncio: n/e

Ficha 29
Dado: cincerro
Abonação: <i>“Calara. Cincerros distantes chocalhavam, longe, pelo encosto da devesa.”</i> (CT, p. 34)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: sineta que pende do pescoço de certos animais (égua madrinha, besta, vaca), e cujas batidas de sonoridade indefinida servem para guiar e reunir uma tropa, um rebanho Ortêncio: campainha que pende do pescoço dos animais soltos no pasto, para que sejam facilmente encontrados pelo campeiro. Também pode ser pendente do pescoço da madrinha da tropa, que serve de guia aos outros animais. O cincerro é mais conhecido em Goiás por polaco e poleque, em referência à Polônia, de onde se originou (p. 214-215)

Ficha 30
Dado: roseta

Abonação: *“Em pontas de pé, dissimulando o tilintar das rosetas no cachorro das esporas, Zeca Menino alcançou o alpendre à banda, desamarrou a mula estradeira e voltou montado ao oitão da casa, raspando-se no peitoril duma janela, que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira”* (MV, p. 37)

Definição:

1. Houaiss: parte móvel da espora, em forma de roda dentada
2. Ortêncio: n/e

Ficha 31

Dado: **cachorro das esporas**

Abonação: *“Em pontas de pé, dissimulando o tilintar das rosetas no cachorro das esporas, Zeca Menino alcançou o alpendre à banda, desamarrou a mula estradeira e voltou montado ao oitão da casa, raspando-se no peitoril duma janela, que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira”* (MV, p. 37)

Definição:

1. Houaiss: haste em cuja extremidade fica a roseta da espora
2. Ortêncio: peça da espora (pág. 139)

Ficha 32

Dado: **arção**

Abonação: *“E partiu, no passo ronceiro da mula cambota, pedependendo no arção, as pálpebras inchadas, num sono invencível de sapo borracho”* (MV, p. 38)

Definição:

1. Houaiss: armação da sela de montaria, de madeira revestida de couro, formada por uma arcada na dianteira e outra na traseira
2. Ortêncio: peça em relevo que fica na parte dianteira do arreio (p. 50)

Ficha 33

Dado: **mula cambota**

Abonação: *“E partiu, no passo ronceiro da mula cambota, pedependendo no arção, as pálpebras inchadas, num sono invencível de sapo borracho”* (MV, p. 38)

Definição:

1. Houaiss: cambaio; que ou quem tem pernas tortas
2. Ortêncio: n/e

Ficha 34

Dado: **jirau**

Abonação: *“Ele olhava apatetado, sem compreender; foi à cozinha, na esperança de encontrá-la dobrada sobre o jirau de mantimentos...”* (MV, p. 38)

Definição:

1. Houaiss: armação de madeira semelhante a estrado ou palanque, que pode ser us. como cama, depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando posta em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc.
2. Ortêncio: armação rústica onde se guardam panelas e outros objetos domésticos (p. 413)

Ficha 35
Dado: candeia
Abonação: “... quando lá fora talvez buscar a candeia de azeite e se deixara ficar, vencida do sono...” (MV, p. 38-39)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: pequeno aparelho de iluminação, de folha de flandres ou de barro, abastecido com óleo ou gás inflamável e provido de mecha; usa-se ger. no alto, pendente de um prego preso à parede 2. Ortêncio: luz em casca de coco, de laranja-da-terra ou em folhe de flandres, com pavios embebidos em azeite de mamona (p. 154-155)

Ficha 36
Dado: trempe
Abonação: “... foi, e apenas o bichano, mui gordo e ronronento abriu para ele da trempe do borralho onde se aboletara...” (MV, p. 39)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: aro de ferro com três pés us. para apoiar panelas sobre o fogo; tripé 2. Ortêncio: fornalha rústica, fogareiro. Designa principalmente um objeto feito em ferro, de três pernas e uma circunferência, para colocar a panela. Acende-se o fogo embaixo e está garantida a janta (p. 746)

Ficha 37
Dado: ferrão
Abonação: “O vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho...” (MV, p. 40)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: ponta aguda de ferro; aguilhão 2. Ortêncio: vara (p. 326)

Ficha 38
Dado: perneiras
Abonação: “O Vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escorreito e desempenado, rosilho campeão...” (MV, p. 40)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 1- calça de couro bem ajustada ao corpo, us. por vaqueiros. 2- conjunto de tiras de couro ou de pano grosso destinado a proteger as pernas 2. Ortêncio: polaina (p. 583)

Ficha 39

Dado: guarda-peito
Abonação: “ <i>O Vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escorreito e desempenado, rosilho campeador...</i> ” (MV, p. 40)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: pedaço de couro curtido que os vaqueiros atam ao pescoço para resguardar o peito; peitoral 2. Ortêncio: pedaço de couro curtido que os vaqueiros usam para proteger o peito; peitoral (p. 378-379)

Ficha 40
Dado: rosilho
Abonação: “ <i>O Vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escorreito e desempenado, rosilho campeador...</i> ” (MV, p. 40)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: que ou o que tem o pelo avermelhado entremeado de branco, o que dá um aspecto de cor rosada (diz-se de cavalo) 2. Ortêncio: n/e

Ficha 41
Dado: alpercatas
Abonação: “ <i>Por ali passavam tropas mineiras dalém, Paraíba – rijos tocadores palmilhando as alpercatas de couro cru pela extensão ardente e arenosa das estradas...</i> ” (BM, p. 41)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 42
Dado: carro de bois
Abonação: “ <i>... apareciam de vez em vez, ao longo dos carris profundos deixados à passagem pela roda ferrada dos pesados carros de bois...</i> ” (BM, p. 41)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: meio de transporte utilizado no sertão cujas peças componentes são: agulha; ajuujo; azeiteiro; barbela; brocha; cabeçalho; cadeia; cambão; candeeiro; canga; cantadeira; canzil; carreiro; cavilha; chavelha; chaveta; cheda; chumaço; cocão; contra-chumaço; cravelha; descanso; espeque; espera; esteira; ferrão; fieira; fueiro; fura; guampo; juntas; junta de coice; junta de contra-guia; mesa; parelha; pião; pigarro; pique; recabém ou recavém; sogá; tolda; tutano no guampo e vara de ferrão (p. 176-177)

Ficha 43
Dado: alforje

Abonação: “... *com uma bochehada cheia da boa e rascante pinga da terra, quando, as mais das vezes, não a traziam eles já nos alforjes bem fornidos da garupeira, e lá não fossem senão atraídos e tentados pelos langorosos e quebrantadores da bela cabocla-arteira...*” (BM, p. 42)

Definição:

1. Houaiss: duplo saco, fechado em ambas as extremidades e aberto no meio (por onde se dobra), formando duas bolsas iguais; us. ao ombro, para distribuir o peso dos dois lados
2. Ortêncio: n/e

Ficha 44

Dado: **guizalhada**

Abonação: “*Muitas vezes, chocalhando a guizalhada dos peitorais e cincerros sonoros da cabeçada de prata reluzente...*” (BM, p. 42)

Definição:

1. Houaiss: sonoridade confusa produzida por guizos ou por outros instrumentos similares
2. Ortêncio: n/e

Ficha 45

Dado: **peitoral**

Abonação: “*Muitas vezes, chocalhando a guizalhada dos peitorais e cincerros sonoros da cabeçada de prata reluzente...*” (BM, p. 42)

Definição:

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: arriata: guarda-peito (p. 572)

Ficha 46

Dado: **cabeçada**

Abonação: “*Muitas vezes, chocalhando a guizalhada dos peitorais e cincerros sonoros da cabeçada de prata reluzente...*” (BM, p. 42)

Definição:

1. Houaiss: conjunto de tiras de couro e/ou peças de metal que se coloca em torno da cabeça e do focinho dos cavalos e cavalgaduras, ger. para prender e ajustar a embocadura ('parte do freio')
2. Ortêncio: variedade de cabresto (p. 133)

Ficha 47

Dado: **dobro**

Abonação: “ – *O sol assim parece que vai descambando, dona, duas horas pelo menos; a mula rosilha vinha sentida dos rins; no segundo e quinto lotes vários burros pisados no espinhaço, pelo atrasamento da carga; os dobros dos da frente, mal divididos desde a saída do pouso...*” (BM, p. 43)

Definição:

1. Houaiss: peso que se põe sobre a carga de um animal para se obter equilíbrio

2. Ortêncio: n/e

Ficha 48
Dado: madrinha
Abonação: “ <i>Guiada pelo chocalho da madrinha, levada no cabresto, à mão do dianteiro, a tropa desatrelada enveredou pela devesa...</i> ” (CT, p. 32)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: égua ou mula que caminha à frente da tropa, conduzindo-a, freq. com sinos ou chocalhos ao pescoço; égua madrinha 2. Ortêncio: égua ou mula que viaja na frente da tropa cargueira (com cabeçada e guizos) para servir de guia aos outros animais (p. 450)

Ficha 49
Dado: espora
Abonação: “ <i>E retinindo nos “cachorros” de ferro batido os grossos rosetões, rendilhados em crivo, do par d’esporas, entrava ele sala adentro...</i> ” (BM, p. 44) “ <i>Benzeu-se, e ferrando esporas, agastou-se cabisbaixo, a trote rápido.</i> ” (BM, p. 47)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: artefato de metal com ponta(s) que se prende no calcanhar do cavaleiro e que serve para roçar na barriga do cavalo e incitá-lo a apressar o passo ou correr 2. Ortêncio: n/e

Ficha 50
Dado: culatreiro
Abonação: “ <i>instigado pelo culatreiro empoeirado e suarento, a desaparecer no cotovelo verdejante da serrota...</i> ” (BM, p. 45)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: aquele que acompanha a retaguarda da boiada, sendo responsável por esta parte do rebanho (p. 248)

Ficha 51
Dado: coronha
Abonação: “ <i>Eu atravessara o meu pampa campeador no meio do caminho, a coronha da lazarina sobre o serigote dos arreios...</i> ” (N, p. 53)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: peça de madeira ou de aço própria para o encaixe do cano da arma de fogo e para a empunhadura 2. Ortêncio: n/e

Ficha 52
Dado: cangalhada
Abonação: “ <i>A cangalhada, vermelha, à luz da fogueira e rebuçada em ligais, amontoava-se em forma de toca ao pé da árvore...</i> ” (BP, p. 65)

Definição:
1. Houaiss: conjunto de cangalhos (coisa velha)
2. Ortêncio: n/e

Ficha 53
Dado: jaguané
Abonação: <i>“Achei esquisito. Joguei o jaguané a galope: galoparam também, ganhando distância, a desaparecer no sombreado espesso das árvores.”</i> (BP, p. 66)
Definição:
1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: gado cujo lombo e barriga são brancos (p. 406)

Ficha 54
Dado: sendeiro
Abonação: <i>“Afinal, não ganhava nem perdia, e o pingo a resfolegar já bambo. Sofreei a marcha. Os pretos, bufando alto debaixo da carga, regularam logo a sua andadura pela minha. Pus o sendeiro a passo: eles, do mesmo modo, pausados, em cadência, recomeçaram o movimento primitivo, a passo, desocupados.”</i> (BP, p. 67)
Definição:
1. Houaiss: diz-se de ou cavalo pequeno, mas robusto, próprio para carga
2. Ortêncio: cavalo velho (p. 695)

Ficha 55
Dado: estribo
Abonação: <i>“Não é por querer gabar, mas no lombo dum malcriado, estribos bem justos, o que prometia, fazia mesmo.”</i> (PP, p. 69)
Definição:
1. Houaiss: espécie de aro de metal, madeira ou sola que pende de cada lado da sela e que é utilizado como ponto de apoio para o pé do cavaleiro (mais us. no pl.)
2. Ortêncio: n/e

Ficha 56
Dado: arreio
Abonação: <i>“Levantei-me da roda em que estava, no puxado dos bezerras; passei a perna por cima da cerca e endireitei para o paiol de milho, onde tinha os arreios.”</i> (PP, p. 70)
Definição:
1. Houaiss: 1- conjunto de apetrechos que permite o trabalho do animal de carga ou de tração (mais us. no pl.). 2- conjunto de peças com que se prepara a cavalgadura para montaria; arreamento (mais us. no pl.)
2. Ortêncio: n/e

Ficha 57
Dado: baixeiro
Abonação: <i>“Logo no princípio, deu pancas o animal para deitar-lhe em riba os baixeiros da cutuca.”</i> (PP, p. 70)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: que ou aquilo que se coloca sob os arreios das cavalgadas para proteger o lombo do animal (diz-se de manta) 2. Ortêncio: saco de aniagem que se coloca no lombo do animal, sob a cela (p. 72)

Ficha 58
Dado: moirão
Abonação: <i>“Com uma lançada mestra, amarrei-o à argola do moirão; mesmo assim preciso foi uma faixa escura na vista...”</i> (PP, p. 70)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: cada uma das estacas mais grossas ou postes nas estacadas, à qual são fixadas horizontalmente varas mais finas, formando uma cerca 2. Ortêncio: mourão, poste reforçado de cerca de arame, que vai fincado em lances maiores; esticador (p. 497 e p. 504)

Ficha 59
Dado: peia
Abonação: <i>“...preciso foi uma faixa escura, peia de pernas e torniquete nas orelhas, bem torcido pelo cabra...”</i> (PP, p. 70)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: corda ou peça de ferro que prende os pés dos animais. 2. Ortêncio: corda para amarrar e prender os pés (p. 571)

Ficha 60
Dado: torniquete
Abonação: <i>“...preciso foi uma faixa escura, peia de pernas e torniquete nas orelhas, bem torcido pelo cabra...”</i> (PP, p. 70)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: instrumento destinado a apertar ou a cingir apertando 2. Ortêncio: n/e

Ficha 61
Dado: barrigueira
Abonação: <i>“... para que conseguisse apertar a barrigueira e abotoar o freio de barbicacho sobre o pelo virgem do danado.”</i> (PP, p. 70)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: peça de arreio que prende a sela ao cavalo, que consiste numa espécie de cinta que envolve a barriga do animal; cilha 2. Ortêncio: n/e

Ficha 62
Dado: freio de barbicacho
Abonação: “... para que conseguisse apertar a barrigueira e abotoar o freio de barbicacho sobre o pelo virgem do danado.” (PP, p. 70)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 63
Dado: atilha
Abonação: “Não duvidei, porém, em afastar o pessoal, afrouxar os atilhos, bambear a laçada.” (PP, p. 70)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: tira de pano, fita, barbante, atacador, cadarço, nastro ou coisa semelhante que sirva para atar ou ligar; amarrilho, cordão 2. Ortêncio: amarrilho (p. 61)

Ficha 64
Dado: rabo-de-tatu
Abonação: “ – Não lhe conto nada, meu patrão, o certo é que não sei por que artes e manhas do tinhoso, quando supunha já ser ocasião de sujigá-lo nas esporas e tacadas de rabo-de-tatu aplicadas a preceito...” (PP, p. 71)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: chicote feio de fios de couro trançado (p. 642)

Ficha 65
Dado: sobrechincha
Abonação: “Aguentaria firme ainda, não fora a traição da barrigueira e sobrechincha que arreventaram no esforço...” (PP, p. 71)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: sobrechincha; tira de couro que prende ao arreio o pelego ou o coxonilho (p. 702)

Ficha 66
Dado: selim
Abonação: “Acendeu o cigarro, desengonçou-se de novo no selim, e até o pouso próximo não lhe arranquei mais uma única palavra.” (PP, p. 72)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 67
Dado: jacaré
Abonação: “ <i>O réptil, mostrando a língua bífida, chispando as pupilas em cólera, a fitá-lo ameaçador, preparava-se para novo ataque ao importuno que viera arrancá-lo da sesta; e o caboclo, voltando a si do estupor, num gesto instintivo sacou da bainha o largo “jacaré” inseparável, amputando-lhe a cabeça dum golpe certo.</i> ” (NP, p. 74, grifo do autor)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: certo facão us. pelos sertanejos 2. Ortêncio: facão (p. 404)

Ficha 68
Dado: cabaça
Abonação: “ <i>Por aquele tempo, o Saci andava desesperado. Tinham-lhe surripiado a cabaça de mandinga. O moleque, extremamente irritado, vagueava pelos fundões de Goiás.</i> ” (OS, p. 75)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 1- fruto do cabaceiro-amargoso; abóbora-d'água, binda (ANG), botefa, boteifa, botelha, cabaça-amargosa, cabaça-de-colo, cabaça-de-romeiro, cabaça-de-trombeta, cabaça-purunga, cabaço-amargoso, calabaca, calondro, catuto, cocombro, colombo, colondro, porongo, purunga, purungo, taquera. 2- cuia. 3- recipiente feito desses frutos, a que ger. se corta a ponta da extremidade menor para retirar a polpa e para servir de gargalo, us. para guardar alimentos, sementes, água doce, vinho etc.; binda (ANG), cabaça-de-romeiro, cabaço, calabaca, porongo 2. Ortêncio: fruto do cabaceiro que, quando seco e esvaziado do miolo e das sementes, serve para levar água de beber às roças (p. 132)

Ficha 69
Dado: cabrestame
Abonação: “ <i>... passava revista à burrada, em fila ao longo do parapeito, o cabrestame em cruz sobre a testeira aberta, e mui vivaz e solerte à voz do patrão...</i> ” (PR, p. 77)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 70
Dado: testeira
Abonação: “ <i>... passava revista à burrada, em fila ao longo do parapeito, o cabrestame em cruz sobre a testeira aberta, e mui vivaz e solerte à voz do patrão...</i> ” (PR, p. 77)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: a parte da cabeçada que cinge a testa da cavalgadura; topeteira 2. Ortêncio: n/e

Ficha 71
Dado: esporim
Abonação: “ <i>Sempre num terno de brim milagrosamente escapo à poeira das estradas, as botas de verniz mui lustrosas sob a prata dos esporins, um lenço de seda negra cingindo em fofo pela aliança de ouro o pescoço desafogado...</i> ” (PR, p. 77)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: pequena espora, ger. sem roseta e sem arco 2. Ortêncio: n/e

Ficha 72
Dado: chicote
Abonação: “ <i>... mão firme na ponteira do chicote que se apoiava à albardana acolchoada da sela bela-vistense...</i> ” (PR, p. 77)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 1- instrumento resistente e flexível feito de longas tiras de couro ou de cordões firmemente entrançados e presos a um cabo que se empunha para golpear um animal, ou castigar uma pessoa; chibata, couro. 2- correia de couro igualmente flexível e presa a um cabo us. para fustigar a montaria; couro 2. Ortêncio: n/e

Ficha 73
Dado: pinguela
Abonação: “ <i>... a pinguela do rio transbordou légua abaixo, no atalho mais seguro.</i> ” (GG, p. 139)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: espécie de ponte tosca feita de paus 2. Ortêncio: ponte para passar pessoa a pé, constituída de um tronco de árvore atravessado, de margem a margem (p. 593)

Ficha 74
Dado: ruana
Abonação: “ <i>Figura única aquela, como única a andadura da ruana, de postura e qualidades tão bem gabadas e discutidas como as vantagens pessoais de seu dono.</i> ” (PR, p. 77)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: besta clara de crinas amarelas (p. 673)

Ficha 75
Dado: faca de arrastro
Abonação: “ <i>Já Joaquim Percevejo, o arrieiro, era um tipo bem diverso do patrão. Com uma longa faca de arrastro sustida ao correão da cinta...</i> ” (PR, p. 78)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 76
Dado: caldeirão
Abonação: “... já na trempe do rancho, sob o buriti do olho-d’água, se pousavam ao relento, chiava o caldeirão do cozinheiro...” (PR, p. 78)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: caldeira grande, esp. panela ('vasilha para cocção de alimentos') de grandes dimensões, com alça ou alças e de forma cilíndrica ou esferoide, com fundo chato, us. esp. para cozimento em água fervente Ortêncio: n/e

Ficha 77
Dado: estaca
Abonação: “... e os lotes completos, em fila nas estacas, babujando já a quirera da ração matutina...” (PR, p. 78)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: peça estrutural alongada, de madeira, aço ou concreto, que se crava no solo, para usos diversos (suporte a um objeto, para formar estacada etc.) Ortêncio: n/e

Ficha 78
Dado: capota
Abonação: “... vinha encostá-lo à capota do cargueiro, onde um camarada deva demão, enfiando as alças no cabeçote e escorava a cangalha...” (PR, p. 78-79)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: 1- cobertura de lona, couro ou outro material impermeável us. para proteger de intempéries veículos descobertos, como automóveis conversíveis, caminhonetes etc. 2- cobertura fixa, integrada à carroceria dos automóveis Ortêncio: n/e

Ficha 79
Dado: cabeçote
Abonação: “... vinha encostá-lo à capota do cargueiro, onde um camarada deva demão, enfiando as alças no cabeçote e escorava a cangalha...” (PR, p. 78-79)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: a parte vertical (ou sua extremidade) que se eleva de cada uma das peças em forquilha que formam a armação das cangalhas, dotada de uma saliência que impede que os cambitos, ancoretas, caçambas e caçuás que contêm a carga se desprendam e se desequilibrem Ortêncio: n/e

Ficha 80
Dado: guizos

Abonação: “... <i>apanhava o balanço rítmico da marcha, e lá ia arfando estrada afora, na matinada bimbalhante dos guizos e cincerros.</i> ” (PR, p. 79)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: esfera oca de metal que é percutida quando as bolinhas de ferro colocadas em seu interior são agitadas 2. Ortêncio: n/e

Ficha 81
Dado: laço
Abonação: “ <i>O Malaquias, que lhe sabia das escapadelas, ao vê-lo noutro dia como sempre, laço à garupa, forte e desempenado, ao alto do seu pampa campeador, botava a mão no queixo...</i> ” (GG, p. 91-92)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 82
Dado: pampa
Abonação: “ <i>O Malaquias, que lhe sabia das escapadelas, ao vê-lo noutro dia como sempre, laço à garupa, forte e desempenado, ao alto do seu pampa campeador, botava a mão no queixo...</i> ” (GG, p. 91-92)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 1- que tem qualquer parte do corpo de cor diferente daquela predominante (diz-se de cavalo); pampo. 2- que tem cara branca (diz-se de animal); pampo 2. Ortêncio: diz-se do cavalo malhado (p. 546)

Ficha 83
Dado: pala
Abonação: “ <i>E como tinha boa alma, ajudou-o a enterrar o rapaz e passou ali ao pé do fogo o resto da noite, embrulhado no pala, bebericando café, que o velho veio aprontar, e procurando consolá-lo e entrete-lo como o seu proseado fácil de mestiço imaginoso.</i> ” (GG, p. 94)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: capa ou manto comprido 2. Ortêncio: espécie de poncho (p.543)

Ficha 84
Dado: ilha
Abonação: “ <i>O rapaz desenfreou, prestes, a mula no rancho dos tropeiros; desapertada a ilha, dependurou os arreios num caibro do teto...</i> ” (GG, p. 95)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: cinta larga, de couro ou de tecido reforçado, que cinge a barriga das cavalgaduras para apertar a sela ou a carga 2. Ortêncio: n/e

Ficha 85
Dado: cancela
Abonação: “... e, fechada a cancela, saiu então apressado, no ritintim das esporas, em direção à capelinha.” (GG, p. 95)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: porta, ger. gradeada e de madeira, grande na extensão mas de pequena altura, muito us. em fazendas, sítios etc.; porteira 2. Ortêncio: porteira (p. 154)

Ficha 86
Dado: balaio
Abonação: “O resto da mobília espalhava-se em torno, meia dúzia de tamboretas de couro tauxiado ao pé da mesinha de costura, de cujo balaio transbordavam entremeios de crochê...” (GG, p. 97)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: cesto grande feito de palha, taquara, bambu, cipó etc., us. para transporte ou para guardar objetos; patuá, patrona 2. Ortêncio: jacá (p. 73)

Ficha 87
Dado: caçarola
Abonação: “Um cheiro forte, de banha fresca derretida, vinha lá de dentro; crepitavam os gravetos do fogão e a gordura na caçarola.” (GG, p. 98)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: panela de metal com bordas altas, cabo e tampa 2. Ortêncio: n/e

Ficha 88
Dado: cuia
Abonação: “Ponha mecê numa cuia uma mancheia de sal torrado bem moído, vai dando a salga ao animal por debaixo do sovaco...” (GG, p. 97)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: recipiente ger. ovoide feito desse fruto, depois de seco e desprovido de polpa, us. para esvaziar canoas, beber ou transportar líquidos, farinha, sementes etc. 2. Ortêncio: metade de uma cabaça cortada (p. 247)

Ficha 89
Dado: coxonilho
Abonação: “ – E mecê vai olhando as encomendas, que a demora também é pouca, ajuntou Benedito, trago aí debaixo dos coxonilhos um sapiquá, manda o pequeno buscá-lo lá no rancho, enquanto baralho cá uma corrida com esta rapaziada.” (GG, p. 99)

Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: coxinilho; manta feita ger. de lã, us. sobre a sela do cavalo; coxonilho 2. Ortêncio: coxinilho; tecido felpudo de lã ou algodão usado para forrar e amaciar o assento do arreio (p. 242)

Ficha 90
Dado: munhão
Abonação: <i>“Deixando atrás a longa trilha paralela do ferro das rodas, rolava um carro encosta abaixo, ao passo vagaroso da parelha de bois, o eixo lamuriando à distância ao atrito dos munhões, vindo das plantações do outro lado da baixada.”</i> (GG, p. 103)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: qualquer eixo que faça a junção do tirante com o comando ou cambota de uma máquina 2. Ortêncio: no carro de bois, parte do eixo onde vai o cocão (p. 508)

Ficha 91
Dado: clavinote
Abonação: <i>“Joaquim da Tapera voltou-se então, ufaneiro, na cutuca velha; aprumou o clavinote que trouxera a tiracolo para um galho de gameleira, pipocando estrondoso tiraço.”</i> (GG, p. 104)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: pequena clavina 2. Ortêncio: carabina pequena (p. 216)

Ficha 92
Dado: caçamba
Abonação: <i>“O caipira afrouxou a barrigueira do pedrês, sacudiu de riba a sela, e as caçambas de pau entrechocando-se uma na outra, foi guardá-la ao paiol.”</i> (GG, p. 104)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: estribo em forma de chinelo 2. Ortêncio: estribo de arreio, fechado (p. 137)

Ficha 93
Dado: pedrês
Abonação: <i>“O caipira afrouxou a barrigueira do pedrês, sacudiu de riba a sela, e as caçambas de pau entrechocando-se uma na outra, foi guardá-la ao paiol.”</i> (GG, p. 104)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: que ou o que é pintalgado de branco e preto 2. Ortêncio: diz-se de cavalo ou mulo branco pintado de preto (p. 569)

Ficha 94
Dado: canga
Abonação: “ <i>Desajoujados da canga, os bois foram soltos no mangueiro...</i> ” (GG, p. 105)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: jugo, peça de madeira us. para prender junta de bois a carro ou arado 2. Ortêncio: peça de madeira (anatômica) que une a junta de bois pelos pescoços, de modo que estes fiquem entre os canzis (p. 156)

Ficha 95
Dado: guia
Abonação: “ <i>... e o guia, um latagão destorcido, sobrinho de João Vaqueiro, que se tinha deixado ficar ainda aquele dia no canavial...</i> ” (GG, p. 105)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: menino que segue à frente do carro de bóias guiando os animais, candeeiro (p. 381)

Ficha 96
Dado: garrucha
Abonação: “ <i>Este, garrucha em punho, aperreado os gatilhos, virara-se no arçã, mirando a caveira de boi-espácio que alvejava na forquilha do cercado.</i> ” (GG, p. 105)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: pistola que se carrega pela boca; bacamarte 2. Ortêncio: n/e

Ficha 97
Dado: patrona
Abonação: “ <i>Trago aqui na patrona as cartas do correio e um maço de jornais. O Major manda dizer que rompeu com o partido, à vista das últimas eleições; o resto vem aí relatado na carta.</i> ” (GG, p. 105)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: sacola de couro para viagem; patuá 2. Ortêncio: bolsa de couro, usada a tiracolo ou sob o arreio do animal, e onde se guardam balas de carabina (p. 559)

Ficha 98
Dado: trabuco
Abonação: <i>Ao aproximar, deram uma descarga de trabucos, que a camaradagem do sítio replicou com salvas de roqueiras.</i> ” (GG, p. 111)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: espingarda de um só cano, curto e de boca larga 2. Ortêncio: n/e

Ficha 99
Dado: ginete
Abonação: <i>“E com que arrogância e donaire lhe respondia o Dito na letra, cabriolando o ginete, a lança alçada, dois passos adiante da sua guarda. (GG, p. 111)</i>
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: cavalo novo que dá corcovos (H) 2. Ortêncio: n/e

Ficha 100
Dado: arreiata
Abonação: <i>“Dentre o contínuo lantejoulamento das arreiatas suntuosamente revestidas, a moirama passava em árdegos serbunos, crinas entrelaçadas, ferradurase cascos dourados rebrilhando ao longe...” (GG, p. 111-112)</i>
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: arriata; conjunto de peças do arreo de montaria (p. 56)

Ficha 101
Dado: ferradura
Abonação: <i>“Dentre o contínuo lantejoulamento das arreiatas suntuosamente revestidas, a moirama passava em árdegos serbunos, crinas entrelaçadas, ferraduras e cascos dourados rebrilhando ao longe...” (GG, p. 111-112)</i>
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: peça de ferro em semicírculo, lembrando a forma da letra grega ômega, com que se calçam os cascos de certos equídeos 2. Ortêncio: n/e

Ficha 102
Dado: enxada
Abonação: <i>“Trabalhadores, enxada à mão, punham-se nas ruas e praças a capinar febrilmente, dentre os interstícios da macadame...” (GG, p. 114)</i>
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: instrumento que consiste em uma lâmina de metal, com um orifício na parte oposta ao gume em que se encaixa um cabo em sentido perpendicular, us. para capinar, revolver ou cavar a terra, misturar argamassas, concretos etc. 2. Ortêncio: n/e

Ficha 103
Dado: chifre de tutano
Abonação: <i>“Dependurou o chifre de tutano com que lhe engraxava o pelo na argola de recavém dum carro, saiu às pressas do puxado dos tropeiros, rumo da casa-grande...” (GG, 118)</i>
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 104
Dado: recavém
Abonação: “ <i>Dependurou o chifre de tutano com que lhe engraxava o pelo na argola de recavém dum carro, saiu às pressas do puxado dos tropeiros, rumo da casa-grande...</i> ” (GG, 118)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: parte traseira das grades de madeira de um carro de lavoura; arcabém, recavém, requebém 2. Ortêncio: peça que trava a parte traseira da mesa do carro de bois, também conhecida por rabeira ou recabeiro (p. 649)

Ficha 105
Dado: besta
Abonação: “ <i>O nagoa, furtando-se à velha dívida do ajuste, abriu a pala à meia-noite, montado na melhor besta de sela da fazenda.</i> ” (GG, p. 118)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 1- animal quadrúpede, em geral doméstico; cavalgadura, alimária. 2- animal de carga ou de tiro 2. Ortêncio: n/e

Ficha 106
Dado: caçadeira
Abonação: “ <i>... clavinotes e caçadeiras dependuradas dos cabides, o fazendeiro media às passadas o aposento, como outrora o senhor feudal cruzando as lárjeas de sua sala d’armas...</i> ” (GG, p. 118)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: espécie de espingarda; arma própria para caçar 2. Ortêncio: espingarda (p. 137)

Ficha 107
Dado: patuá
Abonação: “ <i>– Nada, o nagoa era arteiro, trazia patuá bento contra ferro alheio; e, para gente curada...</i> ” (GG, p. 119)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: bentinho; objeto de devoção composto por dois saquinhos quadrados de pano, contendo orações escritas, ou uma relíquia, ou outros elementos, que os devotos trazem, à altura do peito e nas costas, pendente do pescoço 2. Ortêncio: bentinho, breve (p. 559)

Ficha 108
Dado: franqueira
Abonação: “ <i>... saltou-lhes à frente, a garrucha na destra, a franqueira na outra, desmascarando, desmascarando num berro a esperteza...</i> ” (GG, p. 120)

Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: faca de ponta, produzida em Franca SP 2. Ortêncio: faca de carregar na cintura (p. 344)

Ficha 109
Dado: rebenque
Abonação: <i>“Foi uma roda-viva. Um deles pôs-se logo a tremer, acovardado; mas o baiano, sujeito atirado e quizilento, encrespou o sobrolho, rugiu cinco desaforos e quis “abecá-lo” pelas costas, armado dum sobre-punhal que sacara do cabo do rebenque.”</i> (GG, p. 120)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: pequeno chicote de couro, ger. em forma de bengala, us. para tocar a montaria 2. Ortêncio: n/e

Ficha 110
Dado: sobre-punhal
Abonação: <i>“Foi uma roda-viva. Um deles pôs-se logo a tremer, acovardado; mas o baiano, sujeito atirado e quizilento, encrespou o sobrolho, rugiu cinco desaforos e quis “abecá-lo” pelas costas, armado dum sobre-punhal que sacara do cabo do rebenque.”</i> (GG, p. 120)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 111
Dado: carabina
Abonação: <i>“ – A Dindinha que não se arrecesse, sabia com quem lidava; demais, se o preto emproasse, ali estava ele mais a carabina para quebrar as proas que fossem aparecendo.”</i> (GG, p. 122)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: espécie de espingarda curta, de alma raiada, us. pela cavalaria e por caçadores; clavina, cravina 2. Ortêncio: n/e

Ficha 112
Dado: suadouro
Abonação: <i>“Entrando, ele foi assentar-se num amontoado de suadouros de cangalha que ali estavam empilhados para atalhar e pôs-se a ouvir em silêncio a conversa.”</i> (GG, p. 123)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: na sela de animais, parte almofadada que vai acima do baixeiro (p. 707)

Ficha 113
Dado: pederneira
Abonação: <i>“Ajoelhado de banda, fez-lhe fogo ao peito. Os companheiros descarregaram por sua vez, da tocaia, as pederneiras.”</i> (GG, p. 124)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: sílex capaz de produzir centelhas quando percutido ou atritado por peças de metal 2. Ortêncio: espingarda de carregar pela boca e disparada por meio de pedra-de-fogo, em vez de espoleta (p. 568)

Ficha 114
Dado: boca-de-sino
Abonação: <i>“... Deodato olhava-os também, mui vivo, procurando armar o cão emperreado do seu boca-de-sino...”</i> (GG, p. 125)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: antiga arma de fogo de boa aberta em forma de funil (p. 106)

Ficha 115
Dado: pilão
Abonação: <i>“Rondam os vaqueanos os malhadouros frequentados, onde as vacas amojaram na força da lua; e em pilões da cozinha, o mulherio soca e peneira o sal para o cocho das salgadeiras.”</i> (GG, p. 127-128)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: espécie de almofariz de madeira dura us. para descascar e triturar arroz, café, milho etc. 2. Ortêncio: toro de madeira forte cavado em forma cônica para socar arroz em casca, milho, canjica, carne e farinha para paçoca, etc, manualmente, com mão-de-pilão, e, no monjolo, com a mão-de-monjolo (p. 590)

Ficha 116
Dado: bigorna
Abonação: <i>“Na casa da oficina, temperam os ferros enferrujados, rebatem na bigorna uma marca nova para o filho do patrão, que já tem aquele ano a sua ponta separada”</i> (GG, p. 128)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: bloco de ferro revestido de aço, de corpo central em forma de paralelepípedo e extremidades afilando-se em cone ou pirâmide, que se apoia sobre um cepo e sobre o qual se forjam ou malham diferentes metais, a quente ou a frio, para os moldar; incude 2. Ortêncio: n/e

Ficha 117
Dado: marca

Abonação: <i>“Na casa da oficina, temperam os ferros enferrujados, rebatem na bigorna uma marca nova para o filho do patrão, que já tem aquele ano a sua ponta separada”</i> (GG, p. 128)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: 1- sinal indicativo de propriedade feito com letras ou números. 2- o instrumento que produz essa marca Ortêncio: n/e

Ficha 118
Dado: jaraguá
Abonação: <i>“E mal ouvissem o passo dum anima na devesa, papa-capins, coleiros e patativas erguiam dentre moitas cacheadas de jaraguá o voo frustré...”</i> (GG, p. 129)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: 1- erva de até 2 m (<i>Hyparrhenia rufa</i>) da fam. das gramíneas, com inflorescências de cor ferrugínea, nativa de regiões tropicais da África e muito cultivada, esp. no Brasil, como uma das principais forragens para bovinos; capim-jaraguá, capim-provisório, capim-vermelho, provisório. 2- campo onde cresce essa erva Ortêncio: 1- pasto onde medra o capim-jaraguá. 2- capim (p. 408)

Ficha 119
Dado: silhão
Abonação: <i>“... as corriolas verdolengas, denunciadas à distância pela fragrância intensa e mangabas e guabiobas, que trazia nos jacazinhos, sob o gancho do silhão”</i> (GG, p. 129)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: sela grande com estribo de um só lado e um arção semicircular, em que cavalgam mulheres trajando saias; silhal Ortêncio: n/e

Ficha 120
Dado: mãos de pilão
Abonação: <i>“Da cozinha, no meio-dia ardente, vinha o baque alternado das mãos de pilão esmoendo a canjica”</i> (GG, p. 129)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: n/e Ortêncio: haste de madeira trabalhada, de socar ingredientes no pilão (p. 591)

Ficha 121
Dado: monjolo
Abonação: <i>“A bica do monjolo corria embaixo, um fio tênue, indo empoçar-se lá no fundo do açude do mangueiro...”</i> (GG, p. 128)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: engenho rudimentar, acionado à água, us. para pilar milho e descascar café

- | |
|--|
| 2. Ortêncio: engenho rústico movido por água e destinado principalmente a pilar o milho (p. 499) |
|--|

Ficha 122
Dado: campeiro
Abonação: “... para onde tangiam os campeiros de manhã a tropa das pastarias adjacentes...” (GG, p. 128)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: que ou aquele que trabalha no campo, esp. o que sabe cuidar do gado e monta bem 2. Ortêncio: peão que campeia o gado (p. 152)

Ficha 123
Dado: almanjarras
Abonação: “Via-se pequena, na casa do engenho. A chuva corria grossa pelos beirais de telha-vã, descia em rego ao longo das almanjarras, e a espaços, com as rajadas de vento, vinha fustigar-lhes o rosto...” (GG, p. 131)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: pau ou trave a que se atrela o animal para movimentar a nora ou a atafona; traquitanda 2. Ortêncio: dois madeiros com mais de dez metros, cujas extremidades formam dois ângulos de 45° juntos a um eixo central vertical. É acionada por animais para movimentar pipas de olarias e engenhos de cana (p. 36)

Ficha 124
Dado: masseira
Abonação: “E pronto, revirou a masseira em que se achavam, cavada num tronco largo de tamboril, arrastou-a até a margem do rio, e arremangando as calças acima do joelho, impeliu-a para dentro.” (GG, p. 131) “E o parceiro foi de novo atirar-se à torrente repór no lugar a masseira, enganchada lá embaixo, num espinharal de malícias (GG, p. 131)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: prancha us. para cobrir a massa de mandioca já espremida no arrocho ('aparelho') 2. Ortêncio: na alvenaria, caixa de madeira onde o servente faz a massa de reboco ou cimento (p. 474)

Ficha 125
Dado: castanha
Abonação: “Cavalgava a eguita castanha, nesse tempo muito nova e extremamente arisca.” (GG, p. 132)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 126
Dado: porteira
Abonação: “ <i>A porteira estava aberta, uma trave atravessada no furo mais alto dos moirões.</i> ” (TB, p. 132)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: largo portão, não muito alto, que fecha a entrada de fazenda, sítio etc.; cancela Ortêncio: n/e

Ficha 127
Dado: potranca
Abonação: “ <i>A potranca, surda aos reclamos do freio, enveredou num galope desatinado naquela direção.</i> ” (GG, p. 132)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: égua nova ainda não domada Ortêncio: n/e

Ficha 128
Dado: freio
Abonação: “ <i>A potranca, surda aos reclamos do freio, enveredou num galope desatinado naquela direção.</i> ” (GG, p. 132)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: artefato de metal ou outro material, formado de duas hastes unidas por uma terceira peça perpendicular que se prende à cabeça e aos focinhos das cavalgaduras e permite a condução desses animais; travão Ortêncio: n/e

Ficha 129
Dado: piquira
Abonação: “ <i>Mas o seu companheiro vira de longe o perigo; numa corrida desenfreada, ficando esporas ao piquira, chegou ainda a tempo de alcançar a poldra entrando de raspão no curral...</i> ” (GG, p. 132)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: n/e Ortêncio: cavalo pequeno (p. 597)

Ficha 130
Dado: poldra
Abonação: “ <i>Mas o seu companheiro vira de longe o perigo; numa corrida desenfreada, ficando esporas ao piquira, chegou ainda a tempo de alcançar a poldra entrando de raspão no curral...</i> ” (GG, p. 132)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> Houaiss: égua nova Ortêncio: n/e

Ficha 131
Dado: roda
Abonação: <i>“E como a lua surdia no horizonte, como uma enorme roda de carro, avermelhada e triste dentre os vapores das derradeiras queimadas...”</i> (GG, p. 132)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: objeto, peça ou máquina circular que se move ao redor de um eixo ou de seu centro, com diversos usos 2. Ortêncio: n/e

Ficha 132
Dado: tamborete
Abonação: <i>“Sentado ao canto num tamborete, pernas trançadas...”</i> (GG, p. 139)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: assento quadrado ou redondo, sem encosto e braços, ger. com quatro pés; mocho, banco 2. Ortêncio: banca de três ou quatro pés, forrado de couro e sem encosto (p. 715)

Ficha 133
Dado: rancheiro
Abonação: <i>“Atravessara o Meia-Ponte em Pouso Alto. Seguindo as informações que lhe dera um rancheiro perto de Morrinhos, enveredou pelo sertão das Abóboras...”</i> (GG, p. 133)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: habitante, proprietário ou encarregado de rancho 2. Ortêncio: n/e

Ficha 134
Dado: sitieiro
Abonação: <i>“... o viandante vareja muitas vezes a casa do sitieiro, sem que encontre um punhado de farinha, um taco de rapadura ou a manta de carne –seca no jirau de mantimentos...”</i> (GG, p. 133)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: proprietário ou morador de sítio, quinta ou roça; sitieiro, situante 2. Ortêncio: n/e

Ficha 135
Dado: hospedeiro
Abonação: <i>“... fora a acolhida usual que lhe dá o hospedeiro.</i> (GG, p. 133)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: aquele que dá hospedagem; hospedador 2. Ortêncio: n/e

Ficha 136
Dado: rifle
Abonação: “ <i>Mas a clavina chapeada ou o rifle de estimação, topa dependurado, ao alcance, no gancho da parede, junto à patrona couro d’onça bem fornida de cartuchos.</i> ” (GG, p. 133)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: carabina de cano longo; espingarda, fuzil 2. Ortêncio: n/e

Ficha 137
Dado: arrieiro
Abonação: “ <i>Em Santa Rita, um arrieiro deu-lhe notícias seguras da estada do nagoa em Caldas Novas – vendera-lhe a besta de sela por uma tutaméia...</i> ” (GG, p. 134)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: guia de cavalgadas ou de animais de carga, encarregado tb. de alugá-los; tropeiro 2. Ortêncio: indivíduo que conduz animais de carga (p. 54)

Ficha 138
Dado: mula
Abonação: “ <i>– Quanto à mula, seu moço, dissera em consciência o arrieiro, pode levar consigo...</i> ” (GG, p. 134)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: fêmea do burro ('animal híbrido') 2. Ortêncio: besta (p. 505)

Ficha 139
Dado: queimado
Abonação: “ <i>– Não resta dúvida, atalhou o outro; e, enquanto não aparecer, aqui lhe deixo, a fim de evitar transtorno na condução, o meu macho queimado. Até lá, vai-se remediando com ele...</i> ” (GG, p. 134)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: de cor avermelhada (diz-se de pelo de animal, esp. equino) 2. Ortêncio: cor de animal (fumaça) (p. 631)

Ficha 140
Dado: boiadeiro
Abonação: “ <i>Eram as primeiras levadas que o Estado exportava naquelas paragens, tangidas pela vaqueirama encourada dos boiadeiros, que por ali penetravam o sertão, a tirar as boiadas luzidas com que iriam abarrotar os mercados e feiras dalém Paranaíba.</i> ” (GG, p. 135)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: revendedor de gado bovino

2. Ortêncio: aquele que, acompanhado de camaradas, percorre as áreas pastoris, comprando o gado e tangendo-o para outras regiões (p. 110)

Ficha 141
Dado: passador
Abonação: “ – Êh! Chico, é tanger para o outro lado do rio a boiada, antes que o dia vá de todo descambando. Olá, que é do passageiro? Ó Totonio, dá um pulo à casa desse homem, e avisa que é tempo de passar os meus bois.” (GG, p. 135)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: n/e 2. Ortêncio: n/e

Ficha 142
Dado: nadador
Abonação: “Mas a mulher do nadador veio à porta dizer que sentia muito, mas naquela ocasião o seu homem não podia apanhar molhado, em resguardo ao ataque de sezões...” (GG, 135)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: que ou aquele que nada ou sabe nadar 2. Ortêncio: n/e

Ficha 143
Dado: tropeiro
Abonação: “ – Que seu Juvêncio desculpasse, mas tinha as cadeiras rendidas por uns fardos que erguera em seus tempos de tropeiro; e a mais, a mão esquerda aleijada dum cortadura de facão feita havia anos.” (GG, p. 135)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 1- condutor de tropas de cavalgadas; condutor de bestas de carga ou de gado; recoveiro. 2- aquele que compra e vende gado 2. Ortêncio: negociante de animais ou dono de tropa cargueira (p. 750)

Ficha 144
Dado: facão
Abonação: “ – Que seu Juvêncio desculpasse, mas tinha as cadeiras rendidas por uns fardos que erguera em seus tempos de tropeiro; e a mais, a mão esquerda aleijada dum cortadura de facão feita havia anos.” (GG, p. 135)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: utensílio semelhante à faca, porém maior do que esta; facalhão, facalhaz 2. Ortêncio: n/e

Ficha 145
Dado: frontaberta

Abonação: “ – Noite escura e má, patrãozinho. O macho frontaberta de orelha murcha e pelo arrepiado como o pinto pelado da história, cabeceava macambúzio, lembrando meu velho tio Hilário ao fogo da trempe de pedra, no nosso rancho de Ipanema, a ruminar lembranças e saudades da vida antiga de arrieiro...” (PCV, p. 165)

Definição:

1. Houaiss: cuja frente ('testa') possui uma mancha branca (diz-se de equídeo)
2. Ortêncio: frente-aberta; cavalo que se caracteriza por uma malha branca na testa (p. 346)

Ficha 146

Dado: **pangaré**

Abonação: “O sertanejo velho levou a mão ao chapéu, couro de catingueiro curtido, descobriu a grenha hirsuta, desengonçando-se no pangaré piolhento, sorumbático e caduco.” (PCV, p. 165)

Definição:

1. Houaiss: diz-se de ou equídeo ou muar de pelo mais claro do que o douradilho, apresentando a parte inferior da barriga e as regiões entre os membros, a garganta e o focinho esbranquiçados
2. Ortêncio: cavalo de pequeno porte ou cavalo magro (p. 548)

Ficha 147

Dado: **podengo**

Abonação: “E naquele vira-tem-mão do taquaral esconjurado, a cabeça zanzou logo à toa, e ele perdera o roteiro. Tocou então sem rumo certo, na fiúza do faro de podengo do macho frontaberta...” (PCV, p. 166)

Definição:

1. Houaiss: cão maior que o galgo, us. na caça de coelhos
2. Ortêncio: n/e

Ficha 148

Dado: **ponche-pala**

Abonação: “Apeei. A chuva deixava de pingar pelo beiral palha de arroz velha da casa. Desacolchetei o ponche-pala, desencilhei o frontaberta...” (PCV, p. 166)

Definição:

1. Houaiss: n/e
2. Ortêncio: poncho leve (p. 607)

Ficha 149

Dado: **fouveiro**

Abonação: “O pangaré piolhento corria agora mais apressado emparelhando-se ao meu fouveiro, num pacata furta-passo, pela estrada esmaecida e pulverulenta em fora, na cadência monótona, ritmática de viajero, como se quisesse arrancar do amo o peso esmagador daquela recordação do passado...” (PCV, p. 168)

Definição:

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: castanho-claro, malhado de branco (diz-se esp. de cavalo) 2. Ortêncio: indivíduo de cor acinzentada (p. 343) |
|---|

Ficha 150
Dado: zebu
Abonação: “ <i>Nas várzeas umentes de jaraguám um e outro mestiço zebu passeia pachorrento e indiferente, ao borrifo.</i> ” (DC, p. 172)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> 1. Houaiss: 1- diz-se de ou gado bovino originário da Índia, de corpo robusto e acentuada corcova cheia de reservas nutritivas, e que inclui diversas raças, como o gir, o guzerate, o sindi, o nelore etc. 2- espécime pertencente a esse gado 2. Ortêncio: raça de gado bovino (p. 786)

Como foi possível observar no recorte acima, Hugo de Carvalho Ramos nos apresenta em sua narrativa palavras e expressões que constituíam a relação do sertanejo com o trabalho. Há que se destacar que muitas destas palavras e expressões ainda continuam fazendo parte do repertório linguístico de falantes goianos e outras são pouco utilizadas ou acabaram desaparecendo com o passar do tempo.

Necessário também destacar que entre os elementos apresentados há aqueles campos lexicais que se referem diretamente ao trabalho de lida com as tropas e as boiadas, como por exemplo, *relho, guidas, cangalhas, cabresto, pelego, arreio, piraí*, e outros campos que se referem a instrumentos que eram utilizados durante as longas viagens dos tropeiros, facilitando até mesmo o transporte de outros objetos, constituindo-se, por extensão, como instrumentos de trabalho, já que eram meios que facilitavam a realização da lida diária: *cambitos, surrões, embornais, bruacas, cornimboque, piquá*, para citarmos apenas alguns elementos lexicais.

O léxico é parte integrante da cultura e da história de um povo, permitindo a comunicação. Assim, procuramos demonstrar aqui como o léxico se relaciona com a cultura, expressando as relações do homem com o trabalho e como a identidade do sertanejo se constitui nesta relação. Convém destacar que estes instrumentos eram muito importantes para realização dos trabalhos nos sertões goianos no início do século XX, possibilitando as viagens das tropas e das boiadas e estabelecendo um contato comercial com outras partes do país. Além disso, nesta construção da identidade do sertanejo, o uso destes instrumentos de trabalho possibilita

destacá-los como elementos produtivos e que proporcionaram um desenvolvimento econômico considerável para as regiões do Brasil Central àquela época.

Como já mencionamos, o *corpus* é vasto e possibilita uma análise detalhada dos campos lexicais relativos ao trabalho dos tropeiros e boiadeiros. Porém, apresentamos aqui somente alguns elementos para ilustrar que a identidade do sertanejo se constrói a partir de sua relação com o trabalho, e, sobretudo da sua relação com os instrumentos que possibilitam a realização deste trabalho.

Ao criar seus instrumentos de trabalho e manuseá-los na sua lida diária nos sertões goianos, o sertanejo expressa seus conhecimentos, suas ideias, sua realidade; ao nomear estes objetos, o sertanejo faz uso de um sistema de signos que possibilitam a expressão de sua complexidade enquanto ser social. Portanto, percebemos que a identidade do sertanejo se constrói a partir de sua relação com o trabalho, de seus hábitos e costumes. Enfim, a identidade se constrói a partir da cultura e esta, por sua vez, se expressa através de referenciais linguísticos.

Assim, fica evidente que o sertanejo apresentado por Hugo de Carvalho Ramos tem sua identidade elaborada a partir da sua relação com o trabalho de lida com as tropas e as boiadas, elaborando seus instrumentos de trabalho e expressando-se através da língua.

IV – GLOSSÁRIO

A

AÇOITEIRA **1-** ponta de rebenque com que se castiga o animal de montaria. **2-** chicote curto que usam os cavaleiros gaúchos. **3-** chicote ou relho de carroceiro (H). Espécie de chicote (O, p. 26) / “... raspando-se no peitoril duma janela, que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira” (MV, p. 37)

ALAZÃO que ou o que tem o pelo cor de canela, com uma tonalidade simultaneamente castanha e avermelhada (diz-se de cavalo) (H). Diz-se de cavalo cujo pelo é castanho (O p. 23) / : “... um macho perrengue de aluguer, ou o lépido alazão Dourado, em férias...” (DC, p. 171)

ALBARDANA parte da sela que se caracteriza por ser macia, geralmente destinada ao assento dos cavaleiros N/D “... mão firme na ponteira do chicote que se apoiava à albardana acolchoada da sela bela-vistense...” (PR, p. 77)

ALFORJE : duplo saco, fechado em ambas as extremidades e aberto no meio (por onde se dobra), formando duas bolsas iguais; us. ao ombro, para distribuir o peso dos dois lados (H). “... com uma bochechada cheia da boa e rascante pinga da terra, quando, as mais das vezes, não a traziam eles já nos alforjes bem fornidos da garupeira, e lá não fossem senão atraídos e tentados pelos langorosos e quebrantadores da bela cabocla-arteira...” (BM, p. 42)

ALMANJARRA pau ou trave a que se atrela o animal para movimentar a nora ou a atafona; traquitanda (H). Dois madeiros com mais de dez metros, cujas extremidades formam dois ângulos de 45° juntos a um eixo central vertical. É acionada por animais para movimentar pipas de olarias e engenhos de cana (O, p. 36) “Via-se pequena, na casa do engenho. A chuva corria grossa pelos beirais de telha-vã, descia em rego ao longo das almanjarras, e a espaços, com as rajadas de vento, vinha fustigar-lhes o rosto...” (GG, p. 131)

ALPERCATA espécie de calçado grosseiro, que se ajusta ao pé por meio de tiras de couro; chinelo grosseiro N/D “Por ali passavam tropas mineiras dalém Paraíba – rijos tocadores

palmilhando as alpercatas de couro cru pela extensão ardente e arenosa das estradas...” (BM, p. 41)

ARÇÃO armação da sela de montaria, de madeira revestida de couro, formada por uma arcada na dianteira e outra na traseira (H). Peça em relevo que fica na parte dianteira do arreio (O, p. 50) “*E partiu, no passo ronceiro da mula cambota, pedependendo no arção, as pálpebras inchadas, num sono invencível de sapo borracho*” (MV, p. 38)

ARREIATA arriata; conjunto de peças do arreio de montaria (O, p. 56) “*Dentre o contínuo lantejoulamento das arriatas suntuosamente revestidas, a moirama passava em árdegos serbunos, crinas entrelaçadas, ferraduras e cascos dourados rebrilhando ao longe...*” (GG, p. 111-112)

ARREIO : 1- conjunto de apetrechos que permite o trabalho do animal de carga ou de tração (mais us. no pl.). 2- conjunto de peças com que se prepara a cavalgadura para montaria; arreamento (mais us. no pl.) (H). “*Levantei-me da roda em que estava, no puxado dos bezerros; passei a perna por cima da cerca e endireitei para o paiol de milho, onde tinha os arreios.*” (PP, p. 70)

ARRIEIRO guia de cavalgaduras ou de animais de carga, encarregado tb. de alugá-los; tropeiro (H). Indivíduo que conduz animais de carga (p. 54) “*Em Santa Rita, um arrieiro deu-lhe notícias seguras da estada do nagoa em Caldas Novas – vendera-lhe a besta de sela por uma tutaméia...*” (GG, p. 134)

ARROCHO pedaço de madeira, torto e curto, usado para torcer e apertar as cordas que fixam fardos, cargas etc. (H) / “*... afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.*” (CT, p. 31)

ATILHO : tira de pano, fita, barbante, atacador, cadaço, nastro ou coisa semelhante que sirva para atar ou ligar; amarrilho, cordão (H). Amarrilho (O, p. 61) “*Não duvidei, porém, em afastar o pessoal, afrouxar os atilhos, bambear a laçada.*” (PP, p. 70)

B

BAIXEIRO que ou aquilo que se coloca sob os arreios das cavalgaduras para proteger o lombo do animal (diz-se de manta) (H). Saco de aniagem que se coloca no lombo do animal, sob a cela (p. 72) “*Logo no princípio, deu pancas o animal para deitar-lhe em riba os baixeiros da cutuca.*” (PP, p. 70)

BALAI cesto grande feito de palha, taquara, bambu, cipó etc., us. para transporte ou para guardar objetos; patuá, patrona (H). Jacá (O, p. 73) “*O resto da mobília espalhava-se em torno, meia dúzia de tamboretas de couro tauxiado ao pé da mesinha de costura, de cujo balaio transbordavam entremeios de crochê...*” (GG, p. 97)

BARRIGUEIRA peça de arreio que prende a sela ao cavalo, que consiste numa espécie de cinta que envolve a barriga do animal; cilha (H). “*... para que conseguisse apertar a barrigueira e abotoar o freio de barbicacho sobre o pelo virgem do danado.*” (PP, p. 70)

BESTA 1- animal quadrúpede, em geral doméstico; cavalgadura, alimária. 2- animal de carga ou de tiro (H). “*O nagoa, furtando-se à velha dívida do ajuste, abriu a pala à meia-noite, montado na melhor besta de sela da fazenda.*” (GG, p. 118)

BIGORNA bloco de ferro revestido de aço, de corpo central em forma de paralelepípedo e extremidades afilando-se em cone ou pirâmide, que se apoia sobre um cepo e sobre o qual se forjam ou malham diferentes metais, a quente ou a frio, para os moldar; incude (H) “*Na casa da oficina, temperam os ferros enferrujados, rebatem na bigorna uma marca nova para o filho do patrão, que já tem aquele ano a sua ponta separada*” (GG, p. 128)

BOCA-DE-SINO antiga arma de fogo de boca aberta em forma de funil (O, p. 106) “*... Deodato olhava-os também, mui vivo, procurando armar o cão emperreado do seu boca-de-sino...*” (GG, p. 125)

BOIADEIRO revendedor de gado bovino (H). Aquele que, acompanhado de camaradas, percorre as áreas pastoris, comprando o gado e tangendo-o para outras regiões (O, p. 110) “*Eram as primeiras levas que o Estado exportava naquelas paragens, tangidas pela*

vaqueirama encourada dos boiadeiros, que por ali penetravam o sertão, a tirar as boiadas luzidas com que iriam abarrotar os mercados e feiras dalém Paranaíba.” (GG, p. 135)

BRIDAS o conjunto completo do freio (H) / “... *desatou com presteza as bridas das cabresteiras, foi prendendo às estacas a mulada...*” (CT, p. 31)

BRUACA cada um dos sacos ou das malas rústicas de couro cru us. para transportar objetos, víveres e mercadorias sobre bestas, e que se prendem, a cada lado, nas suas cangalhas, ou vão atravessadas na traseira da sela (mais us. no pl.); buraca (H). Bolsa, saco ou surrão de couro cru que, antigamente, no tempo das jornadas a cavalo, servia de farnel, sendo carregada atravessada no traseiro da sela. Duas bruacas formavam o cargueiro das tropas (O, p. 125) “*O cabra, atentando na lombeira da burrada, tirou dum sorrãozinho de ferramentas, metido nas bruacas da cozinha, o chifre de tutano de boi...*” (CT, p. 31)

C

CABAÇA 1- fruto do cabaceiro-amargoso; abóbora-d'água, binda (ANG), botefa, boteifa, botelha, cabaça-amargosa, cabaça-de-colo, cabaça-de-romeiro, cabaça-de-trombeta, cabaça-purunga, cabaço-amargoso, calabaca, calondro, catuto, cocombro, colombro, colondro, porongo, purunga, purungo, taquera. 2- cuia. 3- recipiente feito desses frutos, a que ger. se corta a ponta da extremidade menor para retirar a polpa e para servir de gargalo, us. para guardar alimentos, sementes, água doce, vinho etc.; binda (ANG), cabaça-de-romeiro, cabaço, calabaca, porongo (H). Fruto do cabaceiro que, quando seco e esvaziado do miolo e das sementes, serve para levar água de beber às roças (p. 132) “*Por aquele tempo, o Saci andava desesperado. Tinham-lhe surripiado a cabaça de mandinga. O moleque, extremamente irritado, vagueava pelos fundões de Goiás.*” (OS, p. 75)

CABEÇADA conjunto de tiras de couro e/ou peças de metal que se coloca em torno da cabeça e do focinho dos cavalos e cavalgaduras, ger. para prender e ajustar a embocadura ('parte do freio') (H). Variedade de cabresto (O, p. 133) “*Muitas vezes, chocalhando a guizalhada dos peitorais e cincerros sonoros da cabeça de prata reluzente...*” (BM, p. 42)

CABEÇOTE a parte vertical (ou sua extremidade) que se eleva de cada uma das peças em forquilha que formam a armação das cangalhas, dotada de uma saliência que impede que os cambitos, ancoretas, caçambas e caçuás que contêm a carga se desprendam e se desequilibrem (H). “... vinha encostá-lo à capota do cargueiro, onde um camarada deva demão, enfiando as alças no cabeçote e escorava a cangalha...” (PR, p. 78-79)

CABRESTAME o mesmo que cabresto, na forma coletiva N/D “... passava revista à burrada, em fila ao longo do parapeito, o cabrestame em cruz sobre a testeira aberta, e mui vivaz e solerte à voz do patrão...” (PR, p. 77)

CABRESTO 1- arreio de corda ou couro que é uma espécie de cabeçada ou buçal sem freio ou embocadura e que serve para prender o animal à estrebaria, estacionamento etc., ou para controlar sua marcha. 2- corda ou correia que prende o cabeçalho à canga; socairo. 3- algo que controla, subjuga, esp. reprimindo, contendo ou prendendo (H). Cabeçada sem freio, própria para pegar animal no pasto (O, p. 136) “Guiada pelo chocalho da madrinha, levada no cabresto, à mão do dianteiro, a tropa desatrelada enveredou pela devesa, redambalando por intervalos cada polaco...” (CT, p. 32)

CAÇADEIRA : espécie de espingarda; arma própria para caçar (H). Espingarda (O, p. 137) “... clavinotes e caçadeiras dependuradas dos cabides, o fazendeiro media às passadas o aposento, como outrora o senhor feudal cruzando as lãjeas de sua sala d’armas...” (GG, p. 118)

CAÇAMBA estribo em forma de chinelo (H). Estribo de arreio, fechado (O, p. 137) “O caipira afrouxou a barrigueira do pedrês, sacudiu de riba a sela, e as caçambas de pau entrechocando-se uma na outra, foi guardá-la ao paiol.” (GG, p. 104)

CAÇAROLA : panela de metal com bordas altas, cabo e tampa (H). “Um cheiro forte, de banha fresca derretida, vinha lá de dentro; crepitavam os gravetos do fogão e a gordura na caçarola.” (GG, p. 98)

CACHORRO DA ESPOSA haste em cuja extremidade fica a roseta da espora (H). Peça da espora (O, pág. 139) “Em pontas de pé, dissimulando o tilintar das rosetas no cachorro das esporas, Zeca Menino alcançou o alpendre à banda, desamarrou a mula estradeira e voltou

montado ao oitão da casa, raspando-se no peitoril duma janela, que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira” (MV, p. 37)

CANDEIA pequeno aparelho de iluminação, de folha de flandres ou de barro, abastecido com óleo ou gás inflamável e provido de mecha; usa-se ger. no alto, pendente de um prego preso à parede (H). Luz em casca de coco, de laranja-da-terra ou em folhA de flandres, com pavios embebidos em azeite de mamona (O, p. 154-155) “... *quando lá fora talvez buscar a candeia de azeite e se deixara ficar, vencida do sono...*” (MV, p. 38-39)

CALDEIRÃO caldeira grande, esp. panela ('vasilha para cocção de alimentos') de grandes dimensões, com alça ou alças e de forma cilíndrica ou esferoide, com fundo chato, us. esp. para cozimento em água fervente (H). “... *já na trempe do rancho, sob o buriti do olho-d'água, se pousavam ao relento, chiava o caldeirão do cozinheiro...*” (PR, p. 78)

CAMBITO pedaço roliço de madeira, usado para torcer ou apertar correias ou cordas (p.ex., as que prendem as cargas ou os arreios de montarias) (H). Pedaço de pau roliço usado para apertar as correias da arriata / “... *afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um caramarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.* (CT, p. 31)

CAMPEIRO que ou aquele que trabalha no campo, esp. o que sabe cuidar do gado e monta bem (H). Peão que campeia o gado (O, p. 152) “... *para onde tangiam os campeiros de manhã a tropa das pastarias adjacentes...*” (GG, p. 128)

CANCELA porta, ger. gradeada e de madeira, grande na extensão mas de pequena altura, muito us. em fazendas, sítios etc.; porteira (H). Porteira (O, p. 154) “... *e, fechada a cancela, saiu então apressado, no ritintim das esporas, em direção à capelinha.*” (GG, p. 95)

CANGALHA : artefato de madeira ou ferro, geralmente acolchoado, que se apõe ao lombo das cavalgaduras para pendurar carga de ambos os lados (H). Parte da arreata do cargueiro (O, p. 157) / “*O tropeiro empilhou a carregaçãO fronteira aos fardos do dianteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre.*” (CT, p. 31)

CANGALHADA conjunto de cangalhos (coisa velha) (H). “*A cangalhada, vermelha, à luz da fogueira e rebuçada em ligais, amontoava-se em forma de toca ao pé da árvore...*” (BP, p. 65)

CANGA : : jugo, peça de madeira us. para prender junta de bois a carro ou arado (H). Peça de madeira (anatômica) que une a junta de bois pelos pescoços, de modo que estes fiquem entre os canzís (O, p. 156) “*Desajoujados da canga, os bois foram soltos no mangueiro...*” (GG, p. 105)

CAPOTA 1- cobertura de lona, couro ou outro material impermeável us. para proteger de intempéries veículos descobertos, como automóveis conversíveis, caminhonetes etc. 2- cobertura fixa, integrada à carroceria dos automóveis (H). “*... vinha encostá-lo à capota do cargueiro, onde um camarada deva demão, enfiando as alças no cabeçote e escorava a cangalha...*” (PR, p. 78-79)

CARABINA espécie de espingarda curta, de alma raiada, us. pela cavalaria e por caçadores; clavina, cravina (H). “*– A Dindinha que não se arrecesse, sabia com quem lidava; demais, se o preto emproasse, ali estava ele mais a carabina para quebrar as proas que fossem aparecendo.*” (GG, p. 122)

CARRO DE BOIS meio de transporte utilizado no sertão cujas peças componentes são: agulha; ajoujo; azeiteiro; barbela; brocha; cabeçalho; cadeia; cambão; candeeiro; canga; cantadeira; canzil; carreiro; cavilha; chavelha; chaveta; cheda; chumaço; cocão; contra-chumaço; cravelha; descanso; espeque; espera; esteira; ferrão; fieira; fueiro; fura; guampo; juntas; junta de coice; junta de contra-guia; mesa; parelha; pião; pigarro; pique; recabém ou recavém; sogá; tolda; tutano no guampo e vara de ferrão (O, p. 176-177) “*... apareciam de vez em vez, ao longo dos carris profundos deixados à passagem pela roda ferrada dos pesados carros de bois...*” (BM, p. 41)

CASTANHA cor do animal; róseo escuro N/D. “*Cavalgava a eguita castanha, nesse tempo muito nova e extremamente arisca.*” (GG, p. 132)

CAXERENGUENGUE 1- faca desgastada e inútil, às vezes com a lâmina partida ou sem cabo; quecê; quecê. 2- canivete sem préstimo (H). Faca velha, gasta (p. 194) “*Assentados sobre os*

calcanhares, os primeiro chegados – cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes aos varais – espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguengue as rodelinhas finas...” (CT, p. 31)

CHICOTE 1- instrumento resistente e flexível feito de longas tiras de couro ou de cordões firmemente entrançados e presos a um cabo que se empunha para golpear um animal, ou castigar uma pessoa; chibata, couro. 2- correia de couro igualmente flexível e presa a um cabo us. para fustigar a montaria; couro (H). “... mão firme na ponteira do chicote que se apoiava à albardana acolchoada da sela bela-vistense...” (PR, p. 77)

CHIFRE DE TUTANO recipiente feito de chifre de boi que serve para guardar tutano que é utilizado para passar no pelo dos animais ou para curar feridas N/D. “*Dependurou o chifre de tutano com que lhe engraxava o pelo na argola de recavém dum carro, saiu às pressas do puxado dos tropeiros, rumo da casa-grande...*” (GG, 118)

CILHA cinta larga, de couro ou de tecido reforçado, que cinge a barriga das cavalgaduras para apertar a sela ou a carga (H). “*O rapaz desenfreou, prestes, a mula no rancho dos tropeiros; desapertada a cilha, dependurou os arreios num caibro do teto...*” (GG, p. 95)

CINCERRO sineta que pende do pescoço de certos animais (égua madrinha, besta, vaca), e cujas batidas de sonoridade indefinida servem para guiar e reunir uma tropa, um rebanho (H). Campainha que pende do pescoço dos animais soltos no pasto, para que sejam facilmente encontrados pelo campeiro. Também pode ser pendente do pescoço da madrinha da tropa, que serve de guia aos outros animais. O cincerro é mais conhecido em Goiás por polaco e poleque, em referência à Polônia, de onde se originou (O, p. 214-215) “*Calara. Cincerros distantes chocalhavam, longe, pelo encosto da devesa.*” (CT, p. 34)

CLAVINOTE: pequena clavina (H). Carabina pequena (O, p. 216) “*Joaquim da Tapera voltou-se então, ufaneiro, na cutuca velha; aprumou o clavinote que trouxera a tiracolo para um galho de gameleira, pipocando estrondoso tiraço.*” (GG, p. 104)

CORNIMBOQUE : caixa para rapé feita com a ponta de um chifre (H). No garimpo, ponta de chifre com tampa para guardar fumo ou pedras preciosas (O, p. 235) “*Assentados sobre os calcanhares, os primeiro chegados – cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes aos varais*

– *espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguenque as rodelinhas finas...*” (CT, p. 31)

CORONHA : peça de madeira ou de aço própria para o encaixe do cano da arma de fogo e para a empunhadura (H) “*Eu atravessara o meu pampa campeador no meio do caminho, a coronha da lazarina sobre o serigote dos arreios...*” (N, p. 53)

COXONILHO : coxinilho; manta feita ger. de lã, us. sobre a sela do cavalo; coxonilho (H). Coxinilho; tecido felpudo de lã ou algodão usado para forrar e amaciar o assento do arreio (O, p. 242) “– *E mecê vai olhando as encomendas, que a demora também é pouca, ajuntou Benedito, trago aí debaixo dos coxonilhos um sapiquá, manda o pequeno buscá-lo lá no rancho, enquanto baralho cá uma corrida com esta rapaziada.*” (GG, p. 99)

CUIA recipiente ger. ovoide feito desse fruto, depois de seco e desprovido de polpa, us. para esvaziar canoas, beber ou transportar líquidos, farinha, sementes etc. (H). Metade de uma cabaça cortada (p. 247) “*Ponha mecê numa cuia uma mancheia de sal torrado bem moído, vai dando a salga ao animal por debaixo do sovaco...*” (GG, p. 97)

CUITÉ cuia (H). Vasilha em forma de cuia feita do fruto do cuitzinho, mais dura e resistente do que a cuia feita de cabaça. “*O cabra abeirou, apossou-se do cuité fumegante que lhe estendia o cozinheiro...*” (CT, p. 31)

CULATREIRO aquele que acompanha a retaguarda da boiada, sendo responsável por esta parte do rebanho (O, p. 248) “*...instigado pelo culatreiro empoeirado e suarento, a desaparecer no cotovelo verdejante da serrota...*” (BM, p. 45)

CUTUCA : sela (H). Tipo de arreio para montaria que consiste em uma sela grosseira, cuja cobertura é removível, podendo-se forrá-la com rede, roupas de uso e panos. Não tem cabeça e os estribos são de madeira (p. 253) “*Na quinta-feira das Dores, o sol ia descambando, o patrão manda-me chamar, passar a cutuca no lombilho do matungo, e partir sem detença para o povoado, uns papéis de eleição bem arrumadinhos na patrona*” (CT, p. 32)

D

DOBRO que se põe sobre a carga de um animal para se obter equilíbrio (H). “ – *O sol assim parece que vai descambando, dona, duas horas pelo menos; a mula rosilha vinha sentida dos rins; no segundo e quinto lotes vários burros pisados no espinhaço, pelo atrasamento da carga; os dobros dos da frente, mal divididos desde a saída do pouso...* ” (BM, p. 43)

E

EMBORNAL espécie de saco (H). Bolsa de alça comprida, feita de tecido ou couro; capanga; bornal (O, p. 286) “... *ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornais a ração daquela tarde.* ” (CT, p. 31)

ENXADA instrumento que consiste em uma lâmina de metal, com um orifício na parte oposta ao gume em que se encaixa um cabo em sentido perpendicular, us. para capinar, revolver ou cavar a terra, misturar argamassas, concretos etc. (H). “*Trabalhadores, enxada à mão, punham-se nas ruas e praças a capinar febrilmente, dentre os interstícios da macadame...*” (GG, p. 114)

ESPORA artefato de metal com ponta(s) que se prende no calcanhar do cavaleiro e que serve para roçar na barriga do cavalo e incitá-lo a apressar o passo ou correr (H). “*E retinindo nos “cachorros” de ferro batido os grossos rosetões, rendilhados em crivo, do par d’esporas, entrava ele sala adentro...*” (BM, p. 44)

“*Benzeu-se, e ferrando esporas, agastou-se cabisbaixo, a trote rápido.*” (BM, p. 47)

ESPORIM pequena espora, ger. sem roseta e sem arco (H). “*Sempre num terno de brim milagrosamente escapo à poeira das estradas, as botas de verniz mui lustrosas sob a prata dos esporins, um lenço de seda negra cingindo em fofo pela aliança de ouro o pescoço desafogado...*” (PR, p. 77)

ESTACA peça estrutural alongada, de madeira, aço ou concreto, que se crava no solo, para usos diversos (suporte a um objeto, para formar estacada etc.) (H). “... e os lotes completos, em fila nas estacas, babujando já a quirera da ração matutina...” (PR, p. 78)

ESTRIBO espécie de aro de metal, madeira ou sola que pende de cada lado da sela e que é utilizado como ponto de apoio para o pé do cavaleiro (mais us. no pl.) (H). “Não é por querer gabar, mas no lombo dum malcriado, estribos bem justos, o que prometia, fazia mesmo.” (PP, p. 69)

F

FACA DE ARRASTRO facão do tipo utilizado por carreiros e por alguns arrieiros como instrumento de trabalho N/D “Já Joaquim Percevejo, o arrieiro, era um tipo bem diverso do patrão. Com uma longa faca de arrastro sustida ao correão da cinta...” (PR, p. 78)

FACÃO : utensílio semelhante à faca, porém maior do que esta; facalhão, facalhaz (H). “ – Que seu Juvêncio desculpasse, mas tinha as cadeiras rendidas por uns fardos que erguera em seus tempos de tropeiro; e a mais, a mão esquerda aleijada duma cortadura de facão feita havia anos.” (GG, p. 135)

FERRADURA peça de ferro em semicírculo, lembrando a forma da letra grega ômega, com que se calçam os cascos de certos equídeos (H). “Dentre o contínuo lantejoulamento das arreiatas suntuosamente revestidas, a moirama passava em árdegos serbunos, crinas entrelaçadas, ferraduras e cascos dourados rebrilhando ao longe...” (GG, p. 111-112)

FERRÃO ponta aguda de ferro; aguilhão (H). “O vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho...” (MV, p. 40)

FOUVEIRO castanho-claro, malhado de branco (diz-se esp. de cavalo) (H). Indivíduo de cor acinzentada (O, p. 343) “O pangaré piolhento corria agora mais apressado emparelhando-se ao meu fouveiro, num pacata furta-passo, pela estrada esmaecida e pulverulenta em fora, na cadência monótona, rítmica de viageiro, como se quisesse arrancar do amo o peso esmagador daquela recordação do passado...” (PCV, p. 168)

FRANQUEIRA : faca de ponta (H). Faca de carregar na cintura (O, p. 344) “... *saltou-lhes à frente, a garrucha na destra, a franqueira na outra, desmascarando, desmascarando num berro a esperteza...*” (GG, p. 120)

FREIO artefato de metal ou outro material, formado de duas hastes unidas por uma terceira peça perpendicular que se prende à cabeça e aos focinhos das cavalgaduras e permite a condução desses animais; travão (H) “*A potranca, surda aos reclamos do freio, enveredou num galope desatinado naquela direção.*” (GG, p. 132)

FREIO DE BARBICACHO laço feito com a ponta do cabresto que serve para reforçar o freio N/D. “... *para que conseguisse apertar a barrigueira e abotoar o freio de barbicacho sobre o pelo virgem do danado.*” (PP, p. 70)

FREME flama; espécie de lanceta com que veterinários ou ferradores sangram animais (H). Flama; canivete cirúrgico para sangrar animais (O, p. 331 e p.344) “... *curando aqui uma pisadura antiga, ali raspando, coma aspereza dum sabuco, o dolorido dum inchaço em princípio, aparando além com o gume do freme os rebordos das feridas de mau caráter.* (CT, p. 31)

FRONTABERTA cuja frente ('testa') possui uma mancha branca (diz-se de equídeo) (H). Frente-aberta; cavalo que se caracteriza por uma malha branca na testa (O, p. 346) “ – *Noite escura e má, patrãozinho. O macho frontaberta de orelha murcha e pelo arrepiado como o pinto pelado da história, cabeceava macambúzio, lembrando meu velho tio Hilário ao fogo da trempe de pedra, no nosso rancho de Ipanema, a ruminar lembranças e saudades da vida antiga de arrieiro...*” (PCV, p. 165)

G

GARRUCHA pistola que se carrega pela boca; bacamarte (H). “*Este, garrucha em punho, aperreado os gatilhos, virara-se no arção, mirando a caveira de boi-espácio que alvejava na forquilha do cercado.*” (GG, p. 105)

GINETE cavalo novo que dá corcovos (H). “*E com que arrogância e donaire lhe respondia o Dito na letra, cabriolando o ginete, a lança alçada, dois passos adiante da sua guarda.* (GG, p. 111)

GUARDA-PEITO : pedaço de couro curtido que os vaqueiros atam ao pescoço para resguardar o peito; peitoral (H). Pedaço de couro curtido que os vaqueiros usam para proteger o peito; peitoral (O, p. 378-379) “*O Vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escorreito e desempenado, rosilho campeador...*” (MV, p. 40)

GUIA menino que segue à frente do carro de bois guiando os animais, candeeiro (O, p. 381) “*... e o guia, um latagão destorcido, sobrinho de João Vaqueiro, que se tinha deixado ficar ainda aquele dia no canavial...*” (GG, p. 105)

GUIZALHADA sonoridade confusa produzida por guizos ou por outros instrumentos similares (H). “*Muitas vezes, chocalhando a guizalhada dos peitorais e cincerros sonoros da cabeçada de prata reluzente...*” (BM, p. 42)

GUIZO esfera oca de metal que é percutida quando as bolinhas de ferro colocadas em seu interior são agitadas (H) “*... apanhava o balanço rítmico da marcha, e lá ia arfando estrada afora, na matinada bimbalhante dos guizos e cincerros.*” (PR, p. 79)

H

HOSPEDEIRO aquele que dá hospedagem; hospedador (H). “*... fora a acolhida usual que lhe dá o hospedeiro.* (GG, p. 133)

J

JACARÉ certo facão us. pelos sertanejos (H). Facão (O, p. 404) “*O réptil, mostrando a língua bífida, chispando as pupilas em cólera, a fitá-lo ameaçador, preparava-se para novo ataque*

ao importuno que viera arrancá-lo da sesta; e o caboclo, voltando a si do estupor, num gesto instintivo sacou da bainha o largo “jacaré” inseparável, amputando-lhe a cabeça dum golpe certo.” (NP, p. 74, grifo do autor)

JAGUANÉ cujo lombo e barriga são brancos (O, p. 406). *“Achei esquisito. Joguei o jaguané a galope: galoparam também, ganhando distância, a desaparecer no sombreado espesso das árvores.” (BP, p. 66)*

JARAGUÁ 1- erva de até 2 m (*Hyparrhenia rufa*) da fam. das gramíneas, com inflorescências de cor ferrugínea, nativa de regiões tropicais da África e muito cultivada, esp. no Brasil, como uma das principais forragens para bovinos; capim-jaraguá, capim-provisório, capim-vermelho, provisório. 2- campo onde cresce essa erva (H). 1- pasto onde medra o capim-jaraguá. 2- capim (O, p. 408) *“E mal ouvissem o passo dum animal na devesa, papa-capins, coleiros e patativas erguiam dentre moitas cacheadas de Jaraguá o voo frustrado...” (GG, p. 129)*

JIRAU armação de madeira semelhante a estrado ou palanque, que pode ser us. como cama, depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando posta em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc. (H). Armação rústica onde se guardam panelas e outros objetos domésticos (O, p. 413) *“Ele olhava apatetado, sem compreender; foi à cozinha, na esperança de encontrá-la dobrada sobre o jirau de mantimentos...” (MV, p. 38)*

L

LAÇO comprida corda de couro cru trançada, com argola em uma das extremidades e que é amarrada enrodilhada à parte traseira do arreio N/D. *“O Malaquias, que lhe sabia das escapadelas, ao vê-lo noutra dia como sempre, laço à garupa, forte e desempenado, ao alto do seu pampa campeador, botava a mão no queixo...” (GG, p. 91-92)*

LIGAL couro cru de boi, usado como coberta para proteger da chuva as cargas transportadas por cavalgadas. (H) Couro cru de boi, usado como cobertura dos carros de bois e cargueiros, para abrigá-los da chuva, e como forro de chão para servir de cama (O, p. 434) *“... afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões. (CT, p. 31)*

M

MADRINHA égua ou mula que caminha à frente da tropa, conduzindo-a, freq. com sinos ou chocalhos ao pescoço; égua madrinha (H). Égua ou mula que viaja na frente da tropa cargueira (com cabeçada e guizos) para servir de guia aos outros animais (p. 450) “*Guiada pelo chocalho da madrinha, levada no cabresto, à mão do dianteio, a tropa desatrelada enveredou pela devesa...*” (CT, p. 32)

MÃO DE PILÃO haste de madeira trabalhada, de socar ingredientes no pilão (O, p. 591) “*Da cozinha, no meio-dia ardente, vinha o baque alternado das mãos de pilão esmoendo a canjica*” (GG, p. 129)

MARIQUITA espécie de tripé em que se pendurava o caldeirão para fazer a comida nas paradas dos tropeiros N/D “*No gancho da mariquita, especada sobre o brasido, refervia o bom adubo da feijoada...*” (CT, p. 32)

MARCA 1- sinal indicativo de propriedade feito com letras ou números. 2- o instrumento que produz essa marca (H). “*Na casa da oficina, temperam os ferros enferrujados, rebatem na bigorna uma marca nova para o filho do patrão, que já tem aquele ano a sua ponta separada*” (GG, p. 128)

MASSEIRA prancha us. para cobrir a massa de mandioca já espremida no arrocho ('aparelho') (H). Na alvenaria, caixa de madeira onde o servente faz a massa de reboco ou cimento (O, p. 474) “*E pronto, revirou a masseira em que se achavam, cavada num tronco largo de tamboril, arrastou-a até a margem do rio, e arremangando as calças acima do joelho, impeliu-a para dentro.*” (GG, p. 131)

“*E o parceiro foi de novo atirar-se à torrente repor no lugar a masseira, enganchada lá embaixo, num espinharal de malícias*” (GG, p. 131)

MATUNGO 1- cavalo de sela. 2- cavalo comum, sem raça específica. 3- cavalo velho, ruim, sem préstimo. 4- cavalo de má qualidade, que corre pouco (H). Cavalo de sela (O, p. 479) “*Na quinta-feira das Dores, o sol ia descambando, o patrão manda-me chamar, passar a cutuca no lombilho do matungo, e partir sem detença para o povoado, uns papéis de eleição bem arrumadinhos na patrona*” (CT, p. 32)

MOIRÃO cada uma das estacas mais grossas ou postes nas estacadas, à qual são fixadas horizontalmente varas mais finas, formando uma cerca (H). Mourão, poste reforçado de cerca de arame, que vai fincado em lances maiores; esticador (O, p. 497 e p. 504) “*Com uma lançada mestra, amarrei-o à argola do moirão; mesmo assim preciso foi uma faixa escura na vista...*” (PP, p. 70)

MONJOLO engenho rudimentar, acionado à água, us. para pilar milho e descascar café (H). Engenho rústico movido por água e destinado principalmente a pilar o milho (O, p. 499) “*A bica do monjolo corria embaixo, um fio tênue, indo empoçar-se lá no fundo do açude do mangueiro...*” (GG, p. 128)

MULA fêmea do burro ('animal híbrido') (H). Besta (O, p. 505) “*– Quanto à mula, seu moço, dissera em consciência o arrieiro, pode levar consigo...*” (GG, p. 134)

MULA CAMBOTA cambaio; que ou quem tem pernas tortas (H). “*E partiu, no passo ronceiro da mula cambota, pedependendo no arção, as pálpebras inchadas, num sono invencível de sapo borracho*” (MV, p. 38)

MUNHÃO : qualquer eixo que faça a junção do tirante com o comando ou cambota de uma máquina (H). No carro de bois, parte do eixo onde vai o cocão (O, p. 508). “*Deixando atrás a longa trilha paralela do ferro das rodas, rolava um carro encosta abaixo, ao passo vagaroso da parrelha de bois, o eixo lamuriando à distância ao atrito dos munhões, vindo das plantações do outro lado da baixada.*” (GG, p. 103)

N

NADADOR que ou aquele que nada ou sabe nadar (H). “*Mas a mulher do nadador veio à porta dizer que sentia muito, mas naquela ocasião o seu homem não podia apanhar molhado, em resguardo ao ataque de sezões...*” (GG, 135)

P

PALA capa ou manto comprido (H). Espécie de poncho (O, p.543) “*E como tinha boa alma, ajudou-o a enterrar o rapaz e passou ali ao pé do fogo o resto da noite, embrulhado no pala, bebericando café, que o velho veio aprontar, e procurando consolá-lo e entrete-lo como o seu proseado fácil de mestiço imaginoso.*” (GG, p. 94)

PANGARÉ diz-se de ou equídeo ou muar de pelo mais claro do que o douradilho, apresentando a parte inferior da barriga e as regiões entre os membros, a garganta e o focinho esbranquiçados (H). Cavalos de pequeno porte ou cavalos magros (O, p. 548) “*O sertanejo velho levou a mão ao chapéu, couro de catingueiro curtido, descobriu a grenha hirsuta, desengonçando-se no pangaré piolhento, sorumbático e caduco.*” (PCV, p. 165)

PAMPA 1- que tem qualquer parte do corpo de cor diferente daquela predominante (diz-se de cavalo); pampo. 2- que tem cara branca (diz-se de animal); pampo (H). Diz-se do cavalo malhado (O, p. 546) “*O Malaquias, que lhe sabia das escapadelas, ao vê-lo noutra dia como sempre, laço à garupa, forte e desempenado, ao alto do seu pampa campeador, botava a mão no queixo...*” (GG, p. 91-92)

PASSADOR homem que é conhecedor dos rios e bom nadador, que atravessava as boiadas quando no caminho se encontrava um rio N/D “*– Êh! Chico, é tanger para o outro lado do rio a boiada, antes que o dia vá de todo descambando. Olá, que é do passador? Ó Totonio, dá um pulo à casa desse homem, e avisa que é tempo de passar os meus bois.*” (GG, p. 135)

PATRONA sacola de couro para viagem; patuá (H). Bolsa de couro, usada a tiracolo ou sob o arreio do animal, e onde se guardam balas de carabina (O, p. 559) “*Trago aqui na patrona as cartas do correio e um maço de jornais. O Major manda dizer que rompeu com o partido, à vista das últimas eleições; o resto vem aí relatado na carta.*” (GG, p. 105)

PATUÁ bentinho; objeto de devoção composto por dois saquinhos quadrados de pano, contendo orações escritas, ou uma relíquia, ou outros elementos, que os devotos trazem, à altura do peito e nas costas, pendente do pescoço (H). Bentinho, breve (O, p. 559) “*– Nada, o nagoa era arteiro, trazia patuá bento contra ferro alheio; e, para gente curada...*” (GG, p. 119)

PEDERNEIRA : sílex capaz de produzir centelhas quando percutido ou atritado por peças de metal (H). Espingarda de carregar pela boca e disparada por meio de pedra-de-fogo, em vez de espoleta (O, p. 568) “*Ajoelhado de banda, fez-lhe fogo ao peito. Os companheiros descarregaram por sua vez, da tocaia, as pederneiras.*” (GG, p. 124)

PEDRÊS que ou o que é pintalgado de branco e preto (H). Diz-se de cavalo ou mulo branco pintado de preto (O, p. 569) “*O caipira afrouxou a barrigueira do pedrês, sacudiu de riba a sela, e as caçambas de pau entrechocando-se uma na outra, foi guardá-la ao paiol.*” (GG, p. 104)

PEIA corda ou peça de ferro que prende os pés dos animais (H). Corda para amarrar e prender os pés (O, p. 571) “*...preciso foi uma faixa escura, peia de pernas e torniquete nas orelhas, bem torcido pelo cabra...*” (PP, p. 70)

PEITORAL guarda-peito (O, p. 572). Tira de couro trabalhada, muitas vezes cheia de argolas que passa pelo peido do cavalo ou burro e é presa ao arreio. “*Muitas vezes, chocalhando a guizalhada dos peitorais e cincerros sonoros da cabeçada de prata reluzente...*” (BM, p. 42)

PELEGO 1- a pele do carneiro com a lã. 2- essa pele colocada sobre os arreios para tornar o assento do cavaleiro mais confortável. 3- tapete rústico feito dessa pele (H). Significa, originariamente, manta de pele de carneiro que o peão leva sobre a sela para torná-la macia, porém, sem fazer parte obrigatoriamente da mesma “*À noite, repasto feito, descansava o pessoal recostado sobre as retrancas e pelegos dos arreios.*” (CT, p. 32)

PERNEIRA 1- calça de couro bem ajustada ao corpo, us. por vaqueiros. 2- conjunto de tiras de couro ou de pano grosso destinado a proteger as pernas (H). Polaina (O, p. 583) “*O Vaqueiro velho não saiu então como de costume, ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escorreito e desempenado, rosilho campeador...*” (MV, p. 40)

PILÃO espécie de almofariz de madeira dura us. para descascar e triturar arroz, café, milho etc. (H). Toro de madeira forte cavado em forma cônica para socar arroz em casca, milho, canjica, carne e farinha para paçoca, etc, manualmente, com mão-de-pilão, e, no monjolo, com a mão-de-monjolo (p. 590) “*Rondam os vaqueanos os malhadouros frequentados, onde as vacas amojaram na força da lua; e em pilões da cozinha, o mulherio soca e peneira o sal para o cocho das salgadeiras.*” (GG, p. 127-128)

PINGUELA espécie de ponte tosca feita de paus (H). Ponte para passar pessoa a pé, constituída de um tronco de árvore atravessado, de margem a margem (O, p. 593) “... a pinguela do rio transbordou légua abaixo, no atalho mais seguro.” (GG, p. 139)

PIQUÁ capanga, embornal (O, p. 596) “Um tropeiro sacou do piquá que trouxera a tiracolo, o pinho companheiro dessas caminhadas no sertão...” (CT, p. 32)

PIQUIRA cavalo pequeno (O, p. 597) “Mas o seu companheiro vira de longe o perigo; numa corrida desenfreada, fincando esporas ao piquira, chegou ainda a tempo de alcançar a poldra entrando de raspão no curral...” (GG, p. 132)

PIRAÍ azorrague feito de couro cru (H). Grande chicote trançado de couro cru (O, p. 597) / “...atravessando sem parar o piraí na faixa encarnada na cinta, entre a espera da garrucha...” (CT, p. 31)

PODENGO cão maior que o galgo, us. na caça de coelhos (H). “E naquele vira-tem-mão do taquaral esconjurado, a cabeça zanzou logo à toa, e ele perdera o roteiro. Tocou então sem rumo certo, na fiúza do faro de podengo do macho frontaberta...” (PCV, p. 166)

POLACO polaque, cincerro (O, p. 606) “Uma peia garantida nesse macho crioulo, ó Joaquim, que não dê outro sumiço; olá, mudem o polaco da madrinha, bate soturno esse cincerro.” (CT, p. 32)

POLDRA égua nova (H). “Mas o seu companheiro vira de longe o perigo; numa corrida desenfreada, fincando esporas ao piquira, chegou ainda a tempo de alcançar a poldra entrando de raspão no curral...” (GG, p. 132)

PONCHE-PALA poncho leve (O, p. 607) “Apeei. A chuva deixava de pingar pelo beiral palha de arroz velha da casa. Desacolchetei o ponche-pala, desencilhei o frontaberta...” (PCV, p. 166)

PORTEIRA largo portão, não muito alto, que fecha a entrada de fazenda, sítio etc.; cancela (H). “*A porteira estava aberta, uma trave atravessada no furo mais alto dos moirões.*” (TB, p. 132)

POTRANCA égua nova ainda não domada (H) “*A potranca, surda aos reclamos do freio, enveredou num galope desatinado naquela direção.*” (GG, p. 132)

Q

QUEIMADO de cor avermelhada (diz-se de pelo de animal, esp. equino) (H). Cor de animal (fumaça) (O, p. 631) “*– Não esta dúvida, atalhou o outro; e, enquanto não aparecer, aqui lhe deixo, a fim de evitar transtorno na condução, o meu macho queimado. Até lá, vai-se remediando com ele...*” (GG, p. 134)

R

RABO-DE-TATU chicote feio de fios de couro trançado (O, p. 642) “*– Não lhe conto nada, meu patrão, o certo é que não sei por que artes e manhas do tinhoso, quando supunha já ser ocasião de sujigá-lo nas esporas e tacadas de rabo-de-tatu aplicadas a preceito...*” (PP, p. 71)

RANCHEIRO habitante, proprietário ou encarregado de rancho (H). “*Atravessara o Meia-Ponte em Pouso Alto. Seguindo as informações que lhe dera um rancheiro perto de Morrinhos, enveredou pelo sertão das Abóboras...*” (GG, p. 133)

REBENQUE pequeno chicote de couro, ger. em forma de bengala, us. para tocar a montaria (H). “*Foi uma roda-viva. Um deles pôs-se logo a tremer, acovardado; mas o baiano, sujeito atirado e quizilento, encrespou o sobrolho, rugiu cinco desaforos e quis “abecá-lo” pelas costas, armado dum sobre-punhal que sacara do cabo do rebenque.*” (GG, p. 120)

RECAVÉM parte traseira das grades de madeira de um carro de lavoura; arcabém, recavém, requebém (H). Peça que trava a parte traseira da mesa do carro de bois, também conhecida por rabeira ou recabeiro (O, p. 649) “*Dependurou o chifre de tutano com que lhe engraxava o pelo na argola de recavém dum carro, saiu às pressas do puxado dos tropeiros, rumo da casa-grande...*” (GG, 118)

RÉDEA : correia presa ao freio do animal de tiro ou de montaria, e que o cavaleiro segura nas mãos ao cavalgar; brida (H). “ – *Um homem é homem, mecês bem sabem; atravesssei o punga no caminho, encurtei as rédeas e escrutei melhor a vista, já acostumado à escuridão.*” (CT, p. 33)

RELHO chicote de cabo de madeira, usado para tocar animais (H). Chicote (O, p. 653) / “... *sob o estalo do relho, na outra aba do rancho, poucas braças adiante da barraca do patrão*” (CT, p. 31)

RETRANCA correia que passa sob a cauda (H). Correia larga que abarca a anca do animal, nas cangalhas (p. 657-658). Também conhecida como rabicho. “*À noite, repasto feito, descansava o pessoal recostado sobre as retranscas e pelegos dos arreios.*” (CT, p. 32)

RIFLE carabina de cano longo; espingarda, fuzil (H). “*Mas a clavina chapeada ou o rifle de estimação, topa dependurado, ao alcance, no gancho da parede, junto à patrona couro d’onça bem fornida de cartuchos.*” (GG, p. 133)

RODA objeto, peça ou máquina circular que se move ao redor de um eixo ou de seu centro, com diversos usos (H). “*E como a lua surdia no horizonte, como uma enorme roda de carro, avermelhada e triste dentre os vapores das derradeiras queimadas...*” (GG, p. 132)

ROSETA parte móvel da espora, em forma de roda dentada (H). “*Em pontas de pé, dissimulando o tilintar das rosetas no cachorro das esporas, Zeca Menino alcançou o alpendre à banda, desamarrou a mula estradeira e voltou montado ao oitão da casa, raspando-se no peitoril duma janeira, que arranhou suavemente com o cabo da açoiteira*” (MV, p. 37)

ROSILHO que ou o que tem o pelo avermelhado entremeado de branco, o que dá um aspecto de cor rosada (diz-se de cavalo) (H). “*O Vaqueiro velho não saiu então como de costume,*

ferrão em punho, perneiras e guarda-peito, escoreito e desempenado, rosilho campeador...” (MV, p. 40)

RUANA besta clara de crinas amarelas (O, p. 673). “*Figura única aquela, como única a andadura da ruana, de psotura e qualidades tão bem gabadas e discutidas como as vantagens pessoais de seu dono.*” (PR, p. 77)

S

SELA : peça de couro posta sobre o lombo da cavalgadura, sobre a qual senta o cavaleiro e na qual são presos outros apetrechos dos arreios (H). “*Desviei o meu bicho para uma pequena macega de sapé, pus-me abaixo da sela, amarrei seguro as bridas a um tronco a um tronco de imbiruçu e voltei atrás...*” (CT, p. 33)

SELIM variedade de sela de montaria N/D “*Acendeu o cigarro, desengonçou-se de novo no selim, e até o pouso próximo não lhe arranquei mais uma única palavra.*” (PP, p. 72)

SENDEIRO diz-se de ou cavalo pequeno, mas robusto, próprio para carga (H). Cavalo velho (p. 695) “*Afinal, não ganhava nem perdia, e o pingo a resfolegar já bambo. Sofreei a marcha. Os pretos, bufando alto debaixo da carga, regularam logo a sua andadura pela minha. Pus o sendeiro a passo: eles, do mesmo modo, pausados, em cadência, recomeçaram o movimento primitivo, a passo, desocupados.*” (BP, p. 67)

SILHÃO : sela grande com estribo de um só lado e um arção semicircular, em que cavalgam mulheres trajando saias; silhal (H). “*... as corriolas verdolengas, denunciadas à distância pela fragrância intensa e mangabas e guabiobas, que trazia jacazinhos, sob o gancho do silhão*” (GG, p. 129)

SITIEIRO proprietário ou morador de sítio, quinta ou roça; sitieiro, situante (H). “... o viandante vareja muitas vezes a casa do sitieiro, sem que encontre um punhado de farinha, um taco de rapadura ou a manta de carne –seca no jirau de mantimentos...” (GG, p. 133)

SOBRECHINCHA sobrecincha; tira de couro que prende ao arreio o pelego ou o coxonilho (O, p. 702) “Aguentaria firme ainda, não fora a traição da barrigueira e sobrechincha que arrebetaram no esforço...” (PP, p. 71)

SOBRE-PUNHAL faca, punhal utilizado como arma pelos tropeiros N/D. “Foi uma rodaviva. Um deles pôs-se logo a tremer, acovardado; mas o baiano, sujeito atirado e quizilento, encrespou o sobrolho, rugiu cinco desaforos e quis “abecá-lo” pelas costas, armado dum sobre-punhal que sacara do cabo do rebenque.” (GG, p. 120)

SUADOURO na sela de animais, parte almofadada que vai acima do baixeiro (O, p. 707) “Entrando, ele foi assentar-se num amontoado de suadouros de cangalha que ali estavam empilhados para atalhar e pôs-se a ouvir em silêncio a conversa.” (GG, p. 123)

SURRÃO saco de couro cru que resguarda objetos da chuva (esp. Cereais) (H). Saco de couro cru (O, p. 709) “... afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um caramarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões. (CT, p. 31)

T

TAMBORETE assento quadrado ou redondo, sem encosto e braços, ger. com quatro pés; mocho, banco (H). Banca de três ou quatro pés, forrado de couro e sem encosto (O, p. 715) “Sentado ao canto num tamborete, pernas trançadas...” (GG, p. 139)

TESTEIRA a parte da cabeçada que cinge a testa da cavalgadura; topeteira (H). “... passava revista à burrada, em fila ao longo do parapeito, o cabrestame em cruz sobre a testeira aberta, e mui vivaz e solerte à voz do patrão...” (PR, p. 77)

TORNIQUETE instrumento destinado a apertar ou a cingir apertando (H). “...preciso foi uma faixa escura, peia de pernas e torniquete nas orelhas, bem torcido pelo cabra...” (PP, p. 70)

TRABUCO espingarda de um só cano, curto e de boca larga (H). “Ao aproximar, deram uma descarga de trabucos, que a camaradagem do sítio replicou com salvas de roqueiras.” (GG, p. 111)

TREMPE aro de ferro com três pés us. para apoiar panelas sobre o fogo; tripé (H). Fornalha rústica, fogareiro. Designa principalmente um objeto feito em ferro, de três pernas e uma circunferência, para colocar a panela. Acende-se o fogo embaixo e está garantida a janta (O, p. 746) “...foi, e apenas o bichano, mui gordo e ronronento abriu para ele da trempe do borralho onde se aboletara...” (MV, p. 39)

TROPEIRO 1- condutor de tropas de cavalgadas; condutor de bestas de carga ou de gado; recoveiro. 2- aquele que compra e vende gado (H). Negociante de animais ou dono de tropa cargueira (p. 750) “ – *Que seu Juvêncio desculpasse, mas tinha as cadeiras rendidas por uns fardos que erguera em seus tempos de tropeiro; e a mais, a mão esquerda aleijada duma cortadura de facção feita havia anos.* ” (GG, p. 135)

V

VARAL : 1- nos veículos puxados por animal, cada uma das duas varas grossas entre as quais ele é atrelado. 2- nas liteiras, andores, cadeirinhas, esquifes, cada uma das varas grossas em que pegam os carregadores (H). “Assentados sobre os calcanhares, os primeiro chegados – cujos lotes arraçoados se coçavam impacientes aos varais – espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguenque as rodelinhas finas...” (CT, p. 31)

Z

ZEBU : 1- diz-se de ou gado bovino originário da Índia, de corpo robusto e acentuada corcova cheia de reservas nutritivas, e que inclui diversas raças, como o gir, o guzerate, o sindi, o nelore etc. 2- espécime pertencente a esse gado (H). Raça de gado bovino (O, p. 786) “*Nas várzeas umentes de jaraguám um e outro mestiço zebu passeia pachorrento e indiferente, ao borrifo.*” (DC, p. 172)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinamicidade da língua possibilita aos falantes expressar seus hábitos e costumes, manifestando, através do léxico, sua história e sua cultura. Assim, a língua se torna um elemento social e, ao fazer uso de um determinado léxico, o falante constrói a sua realidade. A escolha linguística adquire um sentido muito amplo, extrapolando a estrutura interna da língua.

Os estudos lexicais possibilitaram um modo de ver a língua que se deslocou de sua mera estrutura interna e direcionou-se para as questões sociais, destacando a relação do homem com o mundo. O léxico, portanto, retrata o modo como os falantes constroem sua realidade. Diferentes palavras são utilizadas para representar realidades distintas, ou seja, é através do léxico que uma determinada comunidade percebe a sua realidade e age sobre ela.

O estudo desenvolvido procurou refletir sobre a complexidade da experiência humana através de um acervo lexical utilizado por tropeiros e condutores de gado apresentados na obra *Tropas e Boiadas*, do escritor regionalista Hugo de Carvalho Ramos. Esta análise nos permitiu compreender um modo de ser específico, marcado no meio cultural do interior goiano, no início do século XX. Conhecer as lexias referentes ao trabalho profissional com as tropas e com as boiadas legitimou o caráter social do léxico, possibilitando a assimilação de formas específicas de trabalho.

Destacamos algumas teorias atinentes ao presente trabalho, que muito contribuíram para que fosse possível relacionar língua, cultura e léxico: Biderman (19981, 2001), Vilela (1994), Carvalho (2009), Isquierdo (2010), Paula (2007) Coelho (1191, 2006a, 2006b, 2008, 2011), Coseriu (1989), Sapir (1969) e Saussure (1969).

As escolhas linguísticas expressam muito sobre os seus falantes. Questões econômicas, sociais e culturais se manifestam através do léxico. A realidade sertaneja do interior goiano, o modo de pensar, as lutas diárias do povo são refletidas através das lexias utilizadas para nomear atividades profissionais e instrumentos de trabalho dos tropeiros e dos condutores de gado, fazendo das narrativas apresentadas em *Tropas e Boiadas* uma possibilidade de construção da identidade do sertanejo.

Esse estudo de natureza lexicológica e lexicográfica fez uso de dois dicionários de épocas distintas: Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2012), versão eletrônica e Dicionário do Brasil Central, de Bariani Ortêncio (2009). Isso possibilitou a análise das lexias destacadas na narrativa e a organização das mesmas em fichas lexicográficas. Posteriormente, foi elaborado um glossário, que permitiu uma melhor compreensão dos textos narrados, uma

vez que descrevemos situações distintas do uso da língua, sobretudo no que se refere ao léxico relativo às atividades profissionais.

A compreensão do significado de uma determinada palavra é necessária para que se estabeleça um resgate histórico e cultural de costumes e práticas sociais de um povo. A leitura de um texto, principalmente de um texto literário que representa a identidade de um grupo, passa pelo conhecimento lexical. Assim, o repertório de palavras utilizadas com frequência pelos membros de uma determinada comunidade expressa muito sobre o seu modo de ser e de se relacionar com o mundo. É por meio das palavras que os falantes daquele grupo comunicam entre si e interagem com o mundo.

O saber construído e compartilhado pelos membros de uma determinada comunidade se perpetua em seus elementos lexicais. Conhecer esses elementos é uma forma de desvendar a realidade social desse grupo, compreendendo e identificando seus membros. A língua torna-se um espelho da cultura, uma vez que ela reflete os costumes sociais, as práticas profissionais e os avanços tecnológicos.

Hugo de Carvalho Ramos recriou em suas narrativas diferentes situações da vida do sertanejo. Retratar o caminho trilhado pelos tropeiros e boiadeiros, utilizando o léxico específico referente às atividades profissionais, possibilita ao leitor o contato com os conhecimentos daquele tempo, percebendo o passado e estabelecendo uma relação com o presente.

É através da língua que os saberes desenvolvidos com o trabalho com as tropas e boiadas são repassados aos leitores contemporâneos. A identidade do sertanejo se reconstrói aos nossos olhos a partir do conhecimento lexical, que expressa as manifestações culturais desse povo.

Léxico e cultura são indissociáveis, uma vez que aquele expressa toda a riqueza e variedade desta. O léxico é o acervo linguístico acumulado pela experiência humana e transformado constantemente. As atividades profissionais desenvolvidas pelo grupo social refletem os conhecimentos dos atores sociais.

Portanto, a relação entre língua e cultura nos permitiu compreender que o léxico reflete a identidade de um povo e, no caso, específico, nos permitiu compreender as relações de trabalho dos boiadeiros e condutores de gado no sertão goiano. Os sujeitos sociais manifestam os seus costumes, hábitos, crenças, saberes por meio de lexias, que possuem significados específicos em cada contexto. A língua possibilita que o conjunto de conhecimentos desenvolvidos no trabalho com as tropas e com as boiadas não perca no tempo, mas são repassados a outras gerações. As lutas diárias dos sertanejos, seus saberes, suas técnicas de trabalho são representadas por meio da linguagem, utilizando o léxico relativo à sua época.

Estamos certos de que a riqueza cultural que perpassa as páginas de *Tropas e Boiadas* foi parcialmente resgatada por meio de um estudo como este, que possibilita a compreensão desta variedade cultural. Esperamos que este trabalho possa contribuir para que os leitores e leitoras da atualidade consigam chegar aos caminhos trilhados pelos tropeiros e condutores de gado no sertão goiano, desvendando os aspectos físicos e culturais dos habitantes e trabalhadores deste sertão e formando uma representação que expresse os valores, a cultura, os dramas e o modo de viver desses atores sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Maria de Souza. **Um estudo do lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval**: o livro de cozinha da Infanta D. Maria. Salvador: Quarteto, 2009.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campo de atuação. In: **Anais do II Simpósio latino-americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica**. Brasília, 1990, p. 152-158.

BARBOSA, M.A. **O léxico e a produção da cultura**: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. Anais. Assis; UNESP, 1993.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de Filologia e Linguística**. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1981.

_____. O léxico: o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001a. p. 13-22.

_____. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1972. Língua e cultura. In: Carlos Eduardo Falcão Uchôa (sel. e introdução.) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CANO, Waldenice Moreira. Os arcaísmos no dicionário Aurélio. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e FINATTO, Mariga José Bocomy (org.) **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume IV. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2010.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

COELHO, Braz José. **Procedimentos de lexicalização** – Formação de Palavras e Expressões Lexicalizadas na Obra de Carmo Bernardes. Araraquara, UNESP (Tese de Doutorado), 2005.

_____. **A comunicação verbal e suas implicações didático-pedagógicas**. Goiânia: Cultura Goiana, 1985.

_____. **Linguagem**: Conceitos Básicos. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006a.

_____. **Educação e Linguagem**: Reflexões Ligeiras. Goiânia: Cultura Goiana, 1991.

- _____. **Unidades Morfológicas do Português**. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2011.
- _____. **Estrutura e Funcionamento da língua portuguesa**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006b.
- _____. **Linguagem** – lexicologia e ensino de português. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 1997.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Lingüística Geral**. Rio de Janeiro/ São Paulo, Presença/ EDUSP, 1979.
- DUARTE, Sirlene. A noção de norma linguística segundo Eugênio Coseriu. In: **Linguagem – Estudos e Pesquisas**. Catalão, 2001.
- HOUASSIS, Antônio. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa** – versão eletrônica. Rio de Janeiro, UOL, 2012.
- ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. **Dicionário do Brasil Central**. 2. Ed. Goiânia: ICBD, 2009.
- PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. 2007. 522f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e Boiadas**. 7 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1986.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In:_____. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969 [1921]. p. 43-62.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27 ed. Trad de A. Chelini , José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.
- SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.
- VICENTINI, Albertina. **O Regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Lexicologia, lexicografia e filologia: intersecções e especificidades epistemológicas. In: **Anais do Silel**. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

